

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**BRUNA SOARES PIRES**

**MULHERES EM CAMPO: um olhar fenomenológico sobre os elementos que possibilitaram a escolha do futebol pelas jogadoras em São Luís do Maranhão**

São Luís

2017

**BRUNA SOARES PIRES**

**MULHERES EM CAMPO: um olhar fenomenológico sobre os elementos que possibilitaram a escolha do futebol pelas jogadoras em São Luís do Maranhão**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristianne Almeida Carvalho.

São Luís  
2017

**MULHERES EM CAMPO: um olhar fenomenológico sobre os elementos que possibilitaram a escolha do futebol pelas jogadoras em São Luís do Maranhão**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em:     /     /

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristianne Almeida Carvalho (Orientadora)  
Doutora em Psicologia Social  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara  
Doutor em Políticas Públicas  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Bernardes Pereira  
Doutora em Psicologia Social  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A todas aquelas que lutaram pelos seus sonhos.

A todas aquelas que lutam pelos seus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria se concretizado se não fosse o apoio especial de algumas pessoas.

À minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristianne Carvalho, que aceitou entrar em campo comigo e conhecer novos horizontes e novas possibilidades, pela paciência, disponibilidade e apoio em todos os momentos, além de ter me apresentado à psicologia do esporte, ajudando-me a vislumbrar novas possibilidades de atuação profissional.

Aos meus companheiros do mestrado de 2015 pelo compartilhamento de muitas vivências e experiências ao longo destes dois anos de mestrado. Em especial ao meu amigo Neemyas dos Santos, que, com a perspicácia e a lucidez digna de um merleau-pontiano, auxiliou-me (e me auxilia) a elucidar pontos obscuros em minha trajetória existencial.

Ao Graco e à Juliana, alunos já egressos do mestrado em psicologia da UFMA, pelo auxílio com materiais, mas também, e, principalmente, com o compartilhamento de experiências.

À Luciana e MacDowell, secretários do mestrado acadêmico em psicologia, pela paciência e disponibilidade em auxiliar-me nas diversas facetas dos trâmites acadêmicos.

Ao Marlon, Maiara, Marisa, Fernanda, Roberta, Simone e Fábio, pelo auxílio com contatos de outras jogadoras, além de outras informações de suma importância sobre o futebol feminino maranhense.

À Federação Maranhense de Futebol, pela abertura e disponibilidade em auxiliar-me no que fosse possível.

Aos meus amigos e amigas, pelo apoio e compreensão diante da minha ausência ao longo destes dois anos.

À Yanne e Shirleyzane, pelo acolhimento e compreensão do meu momento presente, assim como pelos planos já traçados para o futuro. À Tatiana Carvalho, pelo apoio e compreensão, por estar sempre por perto, auxiliando-me a ser uma profissional cada vez melhor.

Ao *ballet* Márcia de Aquino, em especial à minha querida professora Márcia de Aquino, pelas massagens para aliviar pontos de tensão, pelo acolhimento, pelos abraços calorosos, pela empatia e sororidade, e por mostrar-me o poder transformador da força de vontade.

Aos meus pais, Melo e Brígida, que sempre fizeram o possível para auxiliar-me em todos os sentidos ao longo da realização deste trabalho. Com eles eu aprendi a importância de não deixar-se intimidar pelas dificuldades.

Às minhas irmãs, a professora de português e espanhol Renata e a engenheira eletricista Danúbia, por serem aquelas que me inspiram a voar sempre mais alto, que mostraram várias facetas do ser-mulher, além dos conselhos sempre válidos, porém (quase) nunca seguidos.

Ao meu querido companheiro Nilson Filho, pela paciência e pelo apoio de sempre.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.  
(Simone de Beauvoir)

## RESUMO

O final do século XIX e início do século XX marca um momento em que o Brasil buscava construir uma identidade própria frente ao mundo moderno, acompanhando o ritmo global de adaptação ao processo de desenvolvimento e industrialização da Modernidade. A potencialização dos corpos aparece como elemento desse processo, bem como a educação para hábitos saudáveis e higiênicos que, entre outros, atenderiam às exigências para a construção de um país desenvolvido com homens fortes para representar a nação. Inserido nesse cenário político e social, surge no Brasil o futebol, uma modalidade esportiva que, apesar de origens inglesas, logo agradou brasileiros e brasileiras. Mas, tradicionalmente, vem sendo considerada uma prática hegemonicamente masculina. No entanto, os estudos ilustram que tal hegemonia não impediu que as mulheres também buscassem inserção nesta prática esportiva. É sobre a participação feminina no futebol brasileiro, em especial na capital maranhense, que o presente trabalho apresenta como objetivo principal identificar os fenômenos que permeiam a escolha das mulheres pelo futebol como modalidade esportiva em São Luís, Maranhão, a partir da narrativa das próprias jogadoras. Além disso, também objetiva-se conhecer as relações entre ser mulher e jogar futebol, e contextualizar o cenário do futebol nacional e maranhense, bem como suas repercussões na prática dessa modalidade masculina e feminina. Para fundamentar as discussões e estudos sobre a história do esporte e do futebol, das questões de gênero se fazem importantes nessa discussão. Para alcançar os objetivos propostos, o procedimento metodológico incluiu uma entrevista semiestruturada com a pergunta norteadora: “Fale com a maior riqueza de detalhes: como ocorreu a sua escolha pelo futebol?”, realizada com 11 jogadoras dos diversos times de futebol de campo da capital maranhense. A metodologia para análise dos relatos das jogadoras foi o modelo fenomenológico empírico de Amedeo Giorgi. Dentre os fenômenos identificados nos relatos, destacam-se: as diferenças estabelecidas entre o futebol masculino e o feminino, no que tange a incentivos; falta de apoio institucional e de patrocínio; as dificuldades experienciadas, como preconceito e falta de perspectivas financeiras, que não as impedem de continuar praticando o futebol; e a existência de uma relação de prazer e amor pelo futebol. Espera-se que este estudo favoreça outras reflexões importantes sobre a realidade maranhense do futebol feminino e que as mulheres possam ser mais ouvidas e reconhecidas através do futebol.

Palavras-chave: Futebol Feminino. História do futebol. Fenomenologia. Psicologia do esporte.

## ABSTRACT

The end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century marks a moment when Brazil sought to build its own identity in front of the modern world, following the global rhythm of adaptation to the process of development and industrialization of Modernity. The empowerment of bodies appears as an element of this process, as well as education for healthy and hygienic habits that, among other things, would meet the requirements for building a developed country with strong men to represent the nation. Inserted in this political and social scenario, soccer appears in Brazil, a sports modality that, despite English origins, soon appealed to Brazilians and Brazilians. But, traditionally, it has been considered a hegemonic masculine practice. However, the studies illustrate that such hegemony did not prevent women from seeking inclusion in this sport. It is about women's participation in Brazilian football, especially in the capital of Maranhão, that the main objective of this study is to identify the phenomena that permeate the choice of women by soccer as a sport in São Luis, Maranhão, based on the narrative of the players themselves. In addition, it also aims to know the relationships between being a woman and playing football and contextualizing the national and maranhense soccer scene, as well as its repercussions on the practice of this masculine and feminine modality. To support the discussions of studies on the history of sport and football, gender issues are important in this discussion. To reach the proposed objectives, the methodological procedure included a semistructured interview with the guiding question: "Speak in the greatest detail: how did you choose for football?", Held with 11 players from the various field soccer teams in the capital maranhense The methodology for analyzing the players' reports was the empirical phenomenological model of Amedeo Giorgi. Among the phenomena identified in the reports, the following stand out: the differences established between men's and women's football, regarding incentives; lack of institutional support and sponsorship; the difficulties experienced, such as prejudice and lack of financial perspectives, which do not prevent them from continuing to practice football; and the existence of a relationship of pleasure and love for football. It is hoped that this study will favor other important reflections on the reality of Maranhão in women's football and that women can be more heard and recognized through soccer.

Keywords: Female soccer. Soccer history. Phenomenology. Sport Psychology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1</b>	<i>Tsu chu</i> .....	21
<b>Ilustração 2</b>	<i>Kemari</i> .....	22
<b>Ilustração 3</b>	<i>Tlachtli</i> .....	22
<b>Ilustração 4</b>	<i>Epyskiros</i> .....	23
<b>Ilustração 5</b>	<i>Harpastum</i> .....	23
<b>Ilustração 6</b>	<i>Soule</i> .....	24
<b>Ilustração 7</b>	<i>Gioco del Calcio Fiorentino</i> .....	24
<b>Ilustração 8</b>	Charles Miller.....	26
<b>Ilustração 9</b>	Nhozinho Santos.....	31
<b>Ilustração 10</b>	Vista aérea do Estádio Nhozinho Santos.....	32
<b>Ilustração 11</b>	Escudo e uniforme do FAC.....	34
<b>Ilustração 12</b>	Escudos do Sampaio Corrêa, Moto Club e MAC.....	36

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Times de Futebol Feminino de São Luís e seus respectivos bairros.....	48
<b>Tabela 2</b>	Campeonatos e Competições de Futebol Feminino.....	49
<b>Tabela 3</b>	Times que participaram da Copa Maria José de 2017.....	51
<b>Tabela 4</b>	Times que participaram do Campeonato Maranhense de 2016.....	51
<b>Tabela 5</b>	Participantes e seus respectivos times.....	70
<b>Tabela 6</b>	Unidades de Significado e Participantes Correspondentes.....	76
<b>Tabela 7</b>	Descrição dos tópicos e suas respectivas unidades de significado.....	77

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACM	Associação Cristã de Moços
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CMEF	Centro Militar de Educação Física
CNS	Conselho Nacional de Saúde
Conmebol	Confederação Sulamericana de Futebol
EEFE	Escola de Educação Física do Exército
FAC	<i>Fabril Athletic Club</i>
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
FMF	Fundação Maranhense de Futebol
FSPR	Ferroviária São Paulo Railway
FUMDEL	Fundação Municipal de Desportos e Lazer
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais
LIFAT	Liga de Futebol Amador da Trizidela da Maioba
MAC	Maranhão Atlético Clube
PNE	Plano Nacional de Educação
SEMDEL	Secretaria Municipal de Desporto e Lazer
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro do Autismo
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
YMCA	<i>Young Men's Christian Association</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 ESPORTE NO BRASIL: ordem e progresso!</b> .....	17
<b>2.1 Era uma vez o Futebol</b> .....	21
<b>2.2 Nhozinho Santos: o “Charles Miller do Maranhão”</b> .....	30
<b>3 BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL? DESCONSTRUÇÕES E REFLEXÕES</b> .....	38
<b>3.1 Brasil: país do futebol (masculino)!</b> .....	42
<b>3.2 Era uma vez o Futebol Feminino no Maranhão</b> .....	47
<b>3.3 Reflexões sobre Ser-Mulher e Subjetividade</b> .....	52
<i>3.3.1 A construção da subjetividade e a Fenomenologia Husserliana</i> .....	64
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	68
<b>4.1 Participantes</b> .....	69
<b>4.2 Método Fenomenológico de Amedeo Giorgi</b> .....	71
<b>5 MULHERES EM CAMPO: análise das narrativas</b> .....	76
<b>5.1 As Unidades de Significado</b> .....	76
<i>5.1.1 Estímulo/Incentivo no início</i> .....	78
<i>5.1.2 Falta de Estrutura e Apoio Institucional</i> .....	80
<i>5.1.3 Preconceito e violência</i> .....	83
<i>5.1.4 Orientação Sexual e Estereótipos</i> .....	85
<i>5.1.5 Futebol como um dom</i> .....	86
<i>5.1.6 Benefícios da prática do futebol</i> .....	88
<i>5.1.7 Amor pelo futebol</i> .....	89
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
REFERÊNCIAS .....	93
APÊNDICES .....	103

## 1 INTRODUÇÃO

Qual a menina que, ao longo de sua infância, nunca ouvira frases como: “Sente-se direito, como uma menina!”; “Isso não é brinquedo para uma menina!”? Essas frases são utilizadas com o respaldo de ensinar às meninas as regras e condutas sociais convencionadas sobre as diferenças entre masculinidades e feminilidades. Para uma menina como eu, criada em uma família considerada tradicional – que resguarda a moral e os bons costumes –, ouvir essas frases era algo comum, embora sempre tenha me intrigado a aceitação de tais condutas sem muitos questionamentos.

Iniciei as minhas leituras sobre as diferenças estabelecidas socialmente entre os gêneros ainda em minha adolescência. Meu interesse por compreender o porquê de muitas situações que envolviam a temática do gênero se ampliou – assim como a vontade de que o tratamento dado tanto às meninas quanto aos meninos fosse diferente. Assim, os estudos iniciais realizados serviram para compreender melhor essas situações, e, além disso, para percebê-las como “não naturais”. Nesta época, dentre os meus colegas de ensino médio, eu já era chamada de “feminista”, por conta dos meus posicionamentos – mesmo sem saberem ao certo o real significado desse termo.

Ao finalizar o ensino médio, comecei a cursar psicologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em 2009. Ao longo do curso entrei em contato com diversas abordagens e campos de trabalho possíveis à Psicologia. Contudo, foi na psicologia escolar que escolhi percorrer minha vida profissional, devido, em grande parte, ao meu interesse pelas formas através das quais pode se dar o desenvolvimento humano e pelas denominadas “dificuldades de aprendizagem” (Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade, Dislexia, Discalculia), assim como pelo Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Dentro da escola, mais frases estereotipadas e carregadas de preconceito sobre as referências sociais femininas foram surgindo, como “Mãe desnaturada, não dá educação para o filho”; “Educação dos meninos? Fale com a minha esposa, porque isso é com ela”; “Brinquedo de menina é boneca, não bola”; “Brinquedos de menino são carrinho e bola, não boneca”; “Menina namorando? Nem pensar. Menino namorando? Esse é macho!” -, para citar alguns dos inúmeros exemplos observados no cotidiano escolar do ensino básico e fundamental.

Em meio a esse ambiente repleto de situações sexistas, somado aos questionamentos pessoais anteriores, com o mestrado em psicologia vislumbrei a

possibilidade de aprofundar os estudos sobre essa temática que inclui o gênero e suas implicações no cotidiano.

Mas como transformar essa realidade em um problema de pesquisa? Em um primeiro momento com a minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristianne Carvalho, começamos a refletir sobre os possíveis caminhos que poderiam ser tomados na relação entre psicologia, esporte e gênero. Minha experiência no *ballet* clássico fez perceber também situações de preconceito, nesse caso, contra meninos e homens, pois o *ballet* é considerado socialmente uma modalidade feminina. Tal percepção levou-me a pensar que as mulheres no futebol também possam experienciar um processo semelhante, com um agravante: o fato de o Brasil ser “o país do futebol<sup>1</sup>”. Assim, menos pelo apreço ao futebol e mais pela inquietação do mesmo ser considerado a paixão nacional dos brasileiros, e mais por ter a presença feminina desvalorizada nessa modalidade, a escolha do objeto de estudo foi se configurando.

A relação encontrada entre futebol e *ballet* foi o preconceito baseado em convenções sociais que restringem a participação daquelas(es) interessadas(os) através do sexo (ou do gênero). No futebol, por exemplo, são as mulheres que sofrem com essas atitudes restritivas da prática esportiva. Aquelas que ousam desafiar esses limites são apelidadas de “Maria Chuteiras”, “Maria Macho”, ou rotuladas como incapazes por serem mulheres - “Mulher não sabe jogar bola”, “Mulher só sabe cozinhar”. No *ballet* são os homens a serem discriminados, tendo a sua capacidade questionada devido ao fato de serem homens.

Vale ressaltar que o preconceito e a discriminação não são fenômenos da atualidade, pois estão presentes na sociedade de modo geral, de formas diferentes aplicados à etnia, classe social, religião, gênero, entre outros. Contudo, neste trabalho, optei por tratar da relação entre mulheres e futebol, uma vez que, aparentemente, é um cenário propício ao preconceito, pois, como dito anteriormente, o futebol vem sendo concebido como um esporte quase exclusivo para homens. Mas será que o preconceito é impedimento para o acesso das mulheres nessa modalidade? Historicamente, o que se observa é que, apesar das restrições sociais e legais, essa exclusividade não se estabeleceu, pois as mulheres também garantiram sua presença na prática dessa modalidade, perseverando em compor times e estar em campos que não lhes oferecem condições adequadas.

Desse modo, os questionamentos se voltam também para a relação entre o gênero e o futebol. Ainda que não possa ser aprofundada, cabem reflexões, uma vez que o futebol, no

---

<sup>1</sup> O termo “país do futebol” foi popularizado pela frase de Antônio Franco de Oliveira (1906-1976), massagista do time Botafogo e mais conhecido como Neném Prancha, que afirmou: “Se Deus é brasileiro e os nossos times rezam antes de entrar em campo, é natural que o Brasil seja o país do futebol”.

Brasil, ocupa um espaço hegemonicamente masculino. Mas como, então, as mulheres se enveredam pelo futebol, diante de circunstâncias sociais desfavoráveis às quais estão sujeitas? A fim de dar luz a essa e outras questões, busca-se nessa pesquisa, contribuir com novas reflexões sobre a realidade do futebol feminino, em especial o futebol maranhense. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo principal identificar os fenômenos que permeiam a escolha de mulheres pelo futebol como modalidade esportiva em São Luís, Maranhão e, conta ainda com os objetivos específicos, tendo-se que:

- Investigar as concepções das jogadoras maranhenses sobre o futebol;
- Identificar possíveis relações entre ser mulher e jogar futebol para as praticantes dessa modalidade;
- Contextualizar o cenário do futebol maranhense e feminino, e suas repercussões na prática da modalidade feminina.

Ressalto ainda que, não é objetivo desse estudo o estudo do gênero, mas diante dos fenômenos escolhido faz-se necessário explanar sobre relação do gênero no futebol e apresentar estudos significativos sobre esse tema, destacando referências importantes ao longo dos séculos XX e XXI, sobre a situação da mulher na sociedade, com destaque para Monique Wittig (1981; 1982), Simone de Beauvoir (2009), além de Judith Butler (1990, 2013, 2016) e Louro (2004a, 2004b, 2013, 2014).

Para compreender melhor o lugar da mulher e do gênero no esporte, os estudos basearam-se em Goellner (2003a, 2003b, 2005, 2006, 2008, 2009), Melo (2006, 2007), Magalhães (2008), Astarita (2009); Carvalho (2012); e Góis Júnior e Lovisolo (2005). Sobre a História do Esporte e História do Futebol, os estudos de Pereira (2008), Bellos (2003) e Botelho (2006) foram fundamentais para alcançar os objetivos propostos.

Para apresentar os procedimentos metodológicos, o presente estudo incluiu a pesquisa bibliográfica em uma etapa inicial, que percorreu toda a pesquisa, dada a dinamicidade do tema. Além disso, realizou-se a pesquisa de campo a partir de uma entrevista semiestruturada com cada jogadora, que continha informações sobre dados sociográficos, e a pergunta aberta e disparadora foi: “Fale com a maior riqueza de detalhes: como ocorreu a sua escolha pelo futebol?”. As entrevistadas foram realizadas com 11 jogadoras de futebol de campo, maiores de 18 anos, pertencentes aos diversos times da capital maranhense.

Os relatos e fenômenos obtidos das jogadoras entrevistadas foram analisados à luz do modelo empírico de Giorgi e Sousa (2010), uma vez que esse modelo metodológico visa apreender, além dos fenômenos presentes na temática em questão, as experiências pessoais no

discurso das jogadoras entrevistadas. O referido modelo baseia-se no método fenomenológico de Husserl, diferindo deste pela proposta de sistematização da análise fenomenológica (ANDRADE; HOLANDA, 2010; BRANCO, 2014; SOUSA; CURY, 2004; ANDRADE, 2007).

Dessa forma, esse trabalho encontra-se dividido em cinco partes, sendo a primeira relativa ao capítulo sobre o Percurso Metodológico, explicitando os delineamentos metodológicos de Amadeo Giorgi, com base fenomenológica em Edmund Husserl, para análise dos fenômenos. No segundo capítulo, “Esporte no Brasil: ordem e progresso!”, aborda-se o histórico da participação das mulheres nos esportes, assim como a história do futebol em campos brasileiros, bem como em terras ludovicenses<sup>2</sup> (São Luís/Maranhão).

O terceiro capítulo denomina-se “Gênero e Subjetividade: desconstruções e reflexões”, e traz as contribuições sobre discussões relativas a sexo e gênero, articulando com o viés fenomenológico. O penúltimo capítulo descrito “Mulheres em campo: análise das narrativas” apresenta os resultados obtidos e a análise dos mesmos, a partir do viés fenomenológico. O último capítulo trata das Considerações Finais obtidas nessa pesquisa.

Espera-se que este estudo possa ilustrar e discutir fenômenos que permeiam a escolha de mulheres pelo futebol feminino no Maranhão, assim como possa dar maior visibilidade às jogadoras da modalidade futebol de campo.

---

<sup>2</sup> Ludovicense diz respeito àquilo que é originário de São Luís – MA.

## **2 ESPORTE NO BRASIL: ordem e progresso!**

O tema desse capítulo faz referência aos dizeres de um dos símbolos nacionais, para ilustrar o cenário político e social no Brasil, de onde parte a discussão aqui proposta. “Ordem e Progresso”, termos presentes na bandeira nacional, fazem referência ao movimento positivista<sup>3</sup>, cujo principal expoente foi Augusto Comte (1798-1857). No Brasil, esta influência aparece especialmente no início da República (graças ao Apostolado Positivista, que se encontrava ligado ao movimento pela proclamação da república e na elaboração da primeira constituição, em 1891), e na década de 70, com a escola tecnicista (ISKANDAR; LEAL, 2002).

O século XX traz consigo as consequências da Modernidade, com o processo de urbanização e industrialização. O ritmo cada vez mais frenético das cidades, a exigência do mundo do trabalho e o adoecimento físico e mental trazem ao homem a necessidade de repensar algumas práticas em sua relação com o mundo, sendo uma delas a potencialização do seu corpo, já que a exigência passou a ser de “produzir mais e em menor espaço de tempo”. Segundo Goellner (2008), a prática de atividades físicas passou a ser vista como um meio para potencialização de corpos – para maior produtividade e crescimento econômico, e, assim, desenvolver e fortalecer a nação “branca” –, além de ser uma opção acessível para o divertimento.

O Brasil não ficou fora desse contexto, e o início do século XX marca um momento em que se objetivava a construção de uma nova identidade nacional, visando tornar-se parte do mundo desenvolvido. O esporte e a prática de atividades físicas foram ingredientes importantes nesse cenário, e, a serviço do Estado, ajudaram no projeto desenvolvimentista do país, considerando ainda muitas restrições políticas e sociais às mulheres. Destacam-se alguns fatos para acompanhar melhor esse contexto.

Após a Proclamação da República, instalou-se a denominada “República Velha” (1889-1930), caracterizada pelo revezamento entre as elites paulista e mineira na presidência da República, movido por interesses políticos e econômicos. Durante esse período foi promulgada a primeira Constituição Republicana Brasileira (1891), que, entre outras coisas, trazia o voto aberto apenas para os homens alfabetizados – excluindo homens não alfabetizados e as mulheres (ARRUDA; PILETTI, 1994).

---

<sup>3</sup> O lema principal do movimento positivista era “[...] a ordem por base, o amor por princípio, o progresso por fim” (ISKANDAR; LEAL, 2002, p. 4).

A partir da década de 1930, inicia-se um momento de intensas transformações políticas, econômicas e sociais, com a ascensão de Getúlio Vargas (1882-1954) ao cargo de Presidente da República, dando início à denominada “Era Vargas” (1930-1945) (ARRUDA; PILETTI, 1994).

Segundo Arruda e Piletti (1994), a Era Vargas pode ser dividida em três momentos: Governo Provisório (1930-1934), o Governo Constitucional (1934 – 1937) e Estado Novo (1937-1945). No Governo Provisório (1930-1934), a proposta principal era a vida política e econômica do país. Esse período foi marcado pela Revolução Constitucionalista, em 1932, na qual o estado de São Paulo se levantou contra o governo Vargas, e que culminou na criação de uma nova Constituição (1934) que, dentre outras mudanças, determinou as bases da legislação trabalhista, instituindo o voto secreto e o voto feminino.

Como dito anteriormente, desde a primeira constituição, em 1891, era previsto apenas para os homens alfabetizados, passando as mulheres a votar a partir de 1934. Será visto, mais adiante, que outras restrições são previstas às mulheres, como no que diz respeito à prática de algumas modalidades esportivas, a exemplo do futebol.

No Governo Constitucional (1934-1937), dentre as consequências dos conflitos políticos que marcaram esse período, destaca-se que Vargas decretou estado de sítio e conseguiu anular a eleição presidencial que deveria acontecer em 1937, anulou a Constituição de 1934 e dissolveu o Poder Legislativo.

Assim, governando com amplos poderes, Getúlio Vargas deu início ao terceiro momento, o chamado “Estado Novo”, no qual, apesar de adotar uma postura de censura aos meios de comunicação e às atividades políticas, Vargas também adotou medidas econômicas nacionalizantes, criou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), além de outras medidas de ordem trabalhista (ARRUDA; PILETTI, 1994).

No Estado Novo, o projeto desenvolvimentista de Vargas buscava construir uma identidade nacional, que perpassava pela melhoria na qualidade de vida da população, além da educação para hábitos saudáveis e higiênicos, com a finalidade principal de gerar um país forte, com cidadãos comprometidos com seu papel social. Esse cenário favoreceu aos movimentos higienista e eugênico<sup>4</sup> aportarem também no Brasil, visando criar um ser humano superior: mais forte e mais inteligente, deixando de lado qualquer tipo de “incapacidade”.

---

<sup>4</sup> A eugenia diz respeito a um movimento científico e social, criado pelo inglês Sir Francis Galton (1822-1911), que visava o aprimoramento da raça humana, ou seja, “[...] fazer depressa o que a natureza fazia lentamente, selecionando o homem em prol da evolução de sua espécie” (SILVA, 2007, p. 65). Segundo esta teoria, os

É importante ressaltar que a eugenia recebeu diferentes conotações, de acordo com os países nos quais foi adotada. Em situações extremas, o movimento eugênico serviu para fins discriminatórios, como aconteceu nos Estados Unidos, em 1931, quando foi adotada uma legislação destinada a impor a esterilização para pessoas com deficiência, e durante o nazismo na Alemanha, quando o discurso eugênico assumiu a forma de “limpeza racial”.

No Brasil, medidas em prol da saúde e da longevidade também foram tomadas, tais como a esterilização de pessoas com doenças crônicas, visando à diminuição destas ou de pessoas portadoras de qualquer tipo de deficiência. Outras medidas tinham por finalidade diminuir o índice de negros e índios em prol de uma etnia branca e “pura”, tais como a restrição de casamentos interétnicos e realização de exames pré-nupciais.

Apesar dos movimentos higienista e eugenista serem modelos europeus – que objetivavam, acima de tudo, à melhoria da saúde do trabalhador e, conseqüentemente, ao aumento da sua produtividade –, alguns de seus aspectos foram assimilados no Brasil para fins de desenvolvimento da nação, pois se acreditava que o principal obstáculo ao desenvolvimento encontrava-se no grande número de índios e negros no território brasileiro (STANCIK, 2005; CARVALHO, 2012).

A mistura entre as etnias diferentes, denominada entre o final do século XIX e início do XX de “mestiçagem”, até então considerada um grande problema na consecução de uma etnia branca e “pura”, começou, no Brasil, a ganhar contornos de identidade nacional. A nação brasileira, composta por “mestiços”, via-se marginalizada diante das teorias em voga mundialmente, que traziam a etnia branca enquanto superior e símbolo de um mundo civilizado.

Nesse sentido, via-se a necessidade de adequar o discurso eugenista ao Brasil, e a mestiçagem começou a ser considerado um fator positivo, pois simbolizava o embranquecimento, a “supremacia” da etnia branca sobre a indígena e a negra – estas, por sua vez, consideradas inferiores e, por isso, fadadas ao desaparecimento, pois a etnia branca atestaria mestiços de “boa qualidade” (SILVA, 2007).

Assim, quando a mestiçagem começa a ser vista enquanto um movimento de “regeneração social”, o foco sai das questões puramente étnicas e adentra nas questões de saneamento e educação, que passam a ser vistos como fatores primordiais para a elevação do Brasil ao status de “mundo civilizado”. Nesse período, começa a ganhar destaque o

---

padrões físicos e psicológicos dos indivíduos estavam ligados à herança biológica. O Higienismo, por sua vez, visava o aprimoramento da raça e potencialização dos corpos através de melhorias nas condições de saneamento básico e as práticas de atividades físicas pelos indivíduos.

movimento higienista, visto como grande aliado nesse momento de busca por uma identidade nacional que também apontava à desorganização social, enquanto principal fator responsável pelas doenças que acometiam os brasileiros. Por conta disso, a área médica tomou à frente nos estudos, e começou a intervir nos aspectos naturais, institucionais e urbanísticos das cidades.

Neste contexto, o Estado, aliado à medicina, se utilizou de outros meios para a construção deste homem que representaria o progresso da nação brasileira. As Forças Armadas, em especial o Exército, também tiveram lugar importante devido ao seu papel mediador de conflitos e unificador de classes, além de auxiliar no processo de disciplinamento dos corpos e das mentes através dos cursos de educação física. Entra em cena, então, a formação em Educação Física<sup>5</sup>, sob o discurso da importância das atividades físicas para o progresso da Nação (GOELLNER, 2008; CARVALHO, 2012).

A formação de educadores físicos e os esportes entram, então, como uma medida adicional no projeto de desenvolvimento orgânico, moral e social dos indivíduos, tornando-os mais fortes e conscientes do seu dever para com a sociedade e com a nação. A ideia central era eliminar todo o tipo de fraqueza, seja física, moral e ética: o ideal de corpo perfeito passa a ser o corpo viril, ágil, saudável, potente e branco (GÓIS JÚNIOR; LOVISOLO, 2005; STANCIK, 2005; SILVA, 2007; GOELLNER, 2008; CARVALHO, 2012).

Nesse cenário, a atividade física adquire um lugar central por sua característica disciplinadora, modeladora das formas e agente de ordenação dos corpos, e passa a ser inserida “[...] como disciplina integrante do Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>6</sup> cuja ação, no interior do contexto escolar, deveria desenvolver, ao máximo, as virtudes da raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo” (GOELLNER, 2008, p. 4).

Se antes as atividades físicas eram vistas enquanto algo desnecessário, pois ao jovem cabia apenas cuidar do seu intelecto e das atividades de ordem financeira e não do corpo, diante dos argumentos higiênicos este ideário muda. A disciplina de educação física é incluída nas escolas, a fim de propiciar aos indivíduos uma formação integral – física, moral, intelectual e social –, e fomentar a ascensão do homem forte e disciplinado, característico do mundo civilizado. Nesse sentido, os esportes começaram a ganhar destaque, e as diversas

---

<sup>5</sup> O primeiro curso de formação de professores de educação física foi criado em 1922, o Centro Militar de Educação Física (CMEF), que funcionava na Escola de Sargentos de Infantaria, na Vila Militar do Rio de Janeiro. Com a Revolta Tenentista de 1922, o centro foi fechado, retornando suas atividades em 1933, já na Era Vargas, através do Decreto n. 23.252 de 19 de outubro de 1933, no qual o CMEF passa a se chamar Escola de Educação Física do Exército (EEFE) (CARVALHO, 2012).

<sup>6</sup> O PNE tem por finalidade determinar diretrizes, metas e estratégias para a política educacional em períodos de dez anos (DAVIES, 2001).

modalidades foram amplamente difundidas – entre as quais o futebol, o qual será discutido a seguir.

## 2.1 Era uma vez o Futebol

As origens do futebol são bastante incertas; contudo, alguns registros apontam que o futebol teve início entre 2.000 a.C. e 1500 a.C., na China, onde se praticava o *Tsu chu* (Ilustração 1), atividade com finalidade militar na qual bolas de couro eram jogadas com os pés, objetivando marcar pontos ao acertá-las em uma cortina de seda com abertura de 50 cm por 10 m de altura, aproximadamente (PEREIRA, 2008).

Há registros de outro jogo denominado *kemari* (que em japonês significa “chutar a bola”), o qual era praticado por integrantes da corte imperial japonesa (Ilustração 2). Neste jogo, considerado um ritual religioso, havia sempre uma celebração objetivando abençoar a bola (que representava o Sol) antes das partidas, em que cada equipe era composta por oito jogadores, que poderiam jogar tanto com as mãos quanto com os pés, sendo proibido qualquer contato corporal bem como a participação de mulheres nos jogos. Alguns historiadores do futebol encontraram relatos de jogos entre os chineses e os japoneses (PEREIRA, 2008).

Entre 900 a.C e 200 a.C, onde atualmente se localiza o México, os Maias praticavam o *tlachtli* (Ilustração 3) – cujo objetivo era arremessar uma bola através de um círculo colocado no meio de seis placas quadradas de pedra, utilizando apenas os joelhos, cotovelos e a bacia. Neste jogo era expressamente proibido qualquer um dos jogadores manter a posse da bola, além de que todos os jogadores deveriam ser do sexo masculino (PEREIRA, 2008).

**Ilustração 1 - *Tsu chu***<sup>7</sup>



**Fonte:** Ferreira (2010, p. 6).

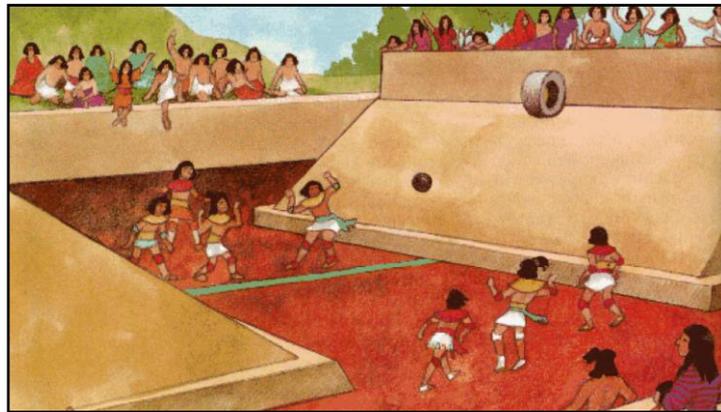
<sup>7</sup> O *tsu chu* é considerado um esporte tradicional da China, sendo praticado ainda na atualidade durante festividades.

### Ilustração 2 - Kemari



Fonte: Ferreira (2010, p. 8).

### Ilustração 3 - Tlachtli

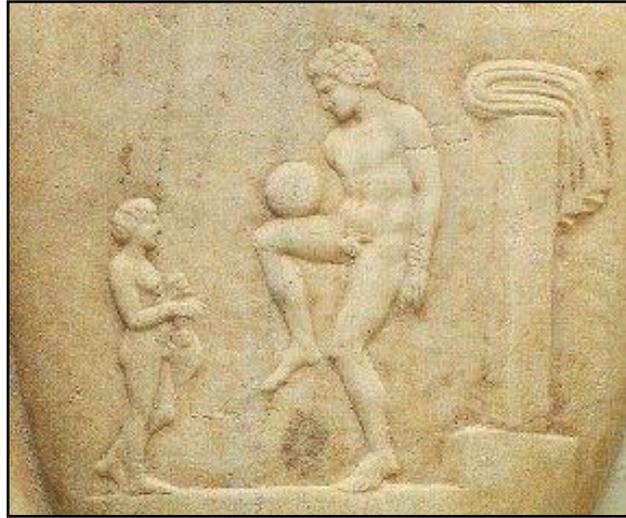


Fonte: Ferreira (2010, p. 24).

Com o advento das guerras de expansão, diversas influências socioculturais chegaram ao Oriente Médio, entre as quais se encontrava o futebol. Em Esparta, por exemplo, no século IV a.C., se praticava o *epyskiros* (Ilustração 4): em um campo retangular, duas equipes (de nove a quinze jogadores, dependendo das dimensões do campo) disputavam uma bola feita de bexiga de boi e recheada com ar e areia. Nesse jogo, o elemento principal eram os pés, o que fez com que o *epyskiros* fosse considerado o jogo que mais se aproximou ao futebol praticado na atualidade (LEAL, 2001; CORTEZ, 2006; PEREIRA, 2008).

No antigo Império Romano havia o *harpastum* (Ilustração 5): um jogo descendente do *epyskiros*, com funções militares, realizado com uma bola e duas equipes em um terreno retangular, limitado com linhas de marcação. O objetivo era que a bola (também feita de bexiga de boi), passasse pelas balizas adversárias (duas estacas ligadas por uma fita de seda). Quem primeiro conseguisse a proeza seria considerado vencedor (LEAL, 2001; PEREIRA, 2008).

#### Ilustração 4 - *Epyskiros*



Fonte: Ferreira (2010, p. 11).

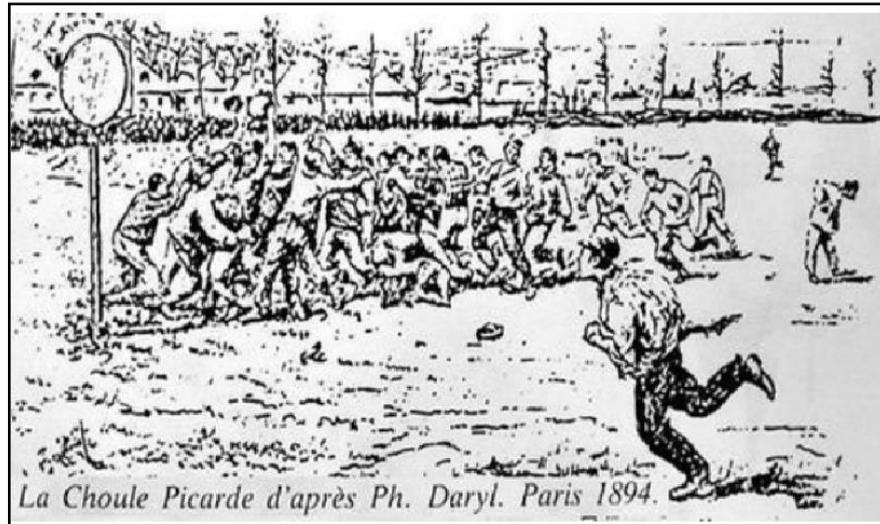
Na Europa, segundo Pereira (2008), por volta de 1200 foi criada, na França, uma adaptação do *harpastum*: o *soule* (Ilustração 6). Foi uma atividade bastante praticada pela realeza e aristocracia, mas foi proibida em 1319 pelo rei Felipe V, e em 1338 pelo rei Carlos V, por ser um esporte extremamente violento. Contudo, nenhuma das duas proibições conseguiu conter a expansão da prática do esporte por toda a França. Na Inglaterra, por volta de 1175, havia uma celebração na qual os habitantes saíam nas ruas chutando bolas de couro, representando a cabeça dos invasores dinamarqueses que foram expulsos dos territórios ingleses (PEREIRA, 2008).

#### Ilustração 5 - *Harpastum*



Fonte: Pereira (2008, p. 87).

### Ilustração 6 - Soule



Fonte: Ferreira (2010, p. 18).

Na Itália, aproximadamente 100 anos depois da proibição de Carlos V, uma nova adaptação do *harpastum* surgiu com a denominação de *gioco del calcio fiorentino* (Ilustração 7): tratava-se de um esporte praticado nas ruas e praças, e que devido ao barulho, desorganização e violência, também teve sua proibição imposta pelo rei Eduardo II sob risco de prisão aos que fossem adeptos desta modalidade. Ainda assim, os integrantes da nobreza criaram, então, uma versão do *calcio fiorentino*, com regras que não permitiam a violência, além de incluir doze juízes que fiscalizariam o cumprimento de tais regras (PEREIRA, 2008).

### Ilustração 7 - Gioco del Calcio Fiorentino



Fonte: Ferreira (2010, p. 16).

O *Gioco del Calcio Fiorentino* migrou para a Inglaterra por volta do século XVII e, em 1823, foram implementadas as primeiras regras, como: jogo sistematizado, tamanho do campo determinado e uso de uma bola de couro cheia de ar (PEREIRA, 2008).

Observa-se que, inicialmente, independente das origens, o futebol teve sua prática proibida por ser considerado violento e desorganizado, além de ser restrito ao sexo masculino. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, essa prática foi se reconfigurando até adquirir contornos modernos, passando a ser incentivado nas escolas de toda a Inglaterra. No Brasil o processo não foi muito diferente, como será visto mais adiante.

Contudo, havia ainda uma necessidade de unificar suas regras, pois cada escola possuía regras fixas e adicionais. Como exemplo, uma delas especificava que o jogo deveria ser praticado apenas com os pés, enquanto que na outra escola poderia ser praticado tanto com as mãos quanto com os pés. Surgia, assim, além do futebol, a modalidade denominada rúgbi<sup>8</sup> (PEREIRA, 2008; FRANZINI, 2005).

Em meados de 1840, na Inglaterra, um código unificado de regras foi criado a fim de que o futebol pudesse ser praticado em qualquer lugar do mundo. Havia, então, quatorze regras, às quais foram acrescentadas outras, tais como: impedimento (em 1867), a presença do árbitro (1868), goleiro sendo o único elemento do time que poderia usar as mãos (1871), arremesso lateral, as medidas e os materiais da bola e das traves do gol (1872), formação coletiva de jogo (1876), árbitro (1878), duração de cada partida em 90 minutos (1877), escanteio (1881) e bolas laterais (1882). Mais tarde acrescentou-se o pênalti (1891), os bandeirinhas (1892) e as linhas do campo (1902) (LEAL, 2001; PEREIRA, 2008; FRANZINI, 2009).

O esporte encontrou terreno fértil e propício para crescer durante a chamada “Revolução Industrial”. Propagou-se através das escolas e universidades da Inglaterra, atravessou fronteiras e foi modificando suas regras até ser regulamentado com as atuais dezessete, pela International Football Association Board (CORTEZ, 2006, p. 128).

Depois da criação das regras, surgiu a necessidade de gerencia-las. Nesse sentido, em 1863 foi criada a *Football Association*, uma associação inglesa que oficializou as regras

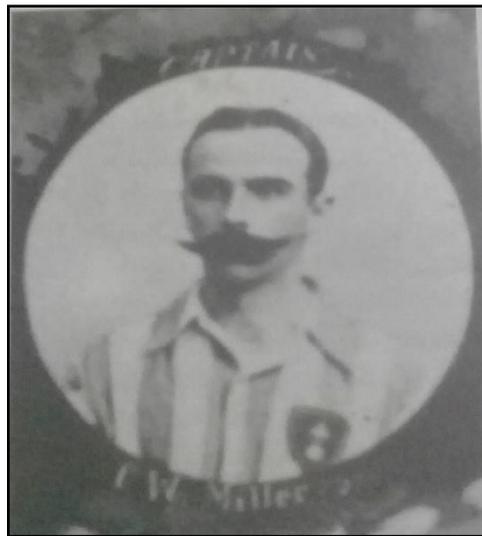
<sup>8</sup> Há várias versões sobre a criação do rúgbi. Em uma das versões mais conhecidas, o criador do rúgbi foi William Webb Ellis, um estudante londrino da Rugby School. Durante uma partida de futebol realizada em 1823, o jovem teria ficado irritado com a monotonia do jogo e teria agarrado a bola nos braços e corrido o campo, provocando a ira de seus colegas, que tentaram pará-lo, agarrando-o de qualquer maneira. Teria, assim, nascido o jogo de rúgbi. Independente de suas origens, atualmente tem-se que o rúgbi é um esporte cujo objetivo é conquistar maior número de pontos contra a equipe adversária, sendo, para isso, necessário levar a bola para além da linha de gol dos adversários e apoiá-la contra o solo. Pode ser jogado tanto com as mãos quanto com os pés (BRASIL RUGBY, 2017, n. p.).

do futebol. Em 1886 foi criada a *International Football Association Board*, com a finalidade de estabelecer e mudar as regras do futebol conforme a necessidade, garantindo que as normas e regras do futebol fossem cumpridas. Em 21 de maio de 1904 foi fundada a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), entidade que visava organizar e sistematizar o futebol, e que o faz até os dias atuais (PEREIRA, 2008).

Para Capraro (2009), o advento da modernidade faz emergir no esporte uma de suas principais características: o controle pelas regras.

Era necessário o surgimento dos clubes [...]. Quando o confronto com os clubes se intensificou foi necessário a criação de associações que gerenciassem interesses gerais. [...] Assim, o acordo sobre as regras e condutas sociais relacionadas ao recém criado esporte necessitava de uma entidade soberana que pudesse exercer fiscalização sobre o cumprimento de todas as regras e normas, surgindo, nesse momento árbitros e fiscais (CAPRARO, 2009, p. 20).

#### **Ilustração 8 - Charles Miller**



**Fonte:** Bellos (2003, p. 34).

Assim, excluindo as formas de violência sem eliminar a competitividade, as práticas físicas tornavam-se possíveis, desde que controladas. O poder institucional ganha força na Era Moderna, e o futebol se adequava a ele.

Já em 1896, na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos<sup>9</sup> (Atenas/Grécia), o futebol participou na modalidade “Esporte de Exibição” e, em 1908, na quarta versão dos Jogos no Reino Unido, o futebol participou na modalidade “Esporte de Competição”. As

<sup>9</sup> Os Jogos Olímpicos Modernos foram idealizados por Pierre de Coubertin como um reflexo do renascimento pelo interesse pelas sociedades clássicas (em especial a cultura Helênica), mas também como uma forma de incentivar a resolução de conflitos através do diálogo, sem a necessidade de utilização de armas. Os esportes, então, se apresentam como uma forma (racionalizada e não-violenta) de solução de conflitos (RUBIO, 2010).

competições olímpicas tiveram o caráter de disputas mundiais de futebol até 1930, quando foi criado um evento específico para o futebol: a Copa do Mundo (PEREIRA, 2008).

Na segunda metade do séc. XIX, o futebol chegou oficialmente ao Brasil através do paulista Charles Miller (Ilustração 8) que, após retornar de uma viagem de estudos à Inglaterra, em 1894, trouxe consigo uma bola de futebol e um conjunto de regras para a prática esportiva.

O futebol, então, começou a ser praticado informalmente, sendo que o primeiro jogo oficial de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895, entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo: Cia. de Gás *versus* Cia. Ferroviária São Paulo Railway (FSPR). O resultado foi 2 a 4 para o FSPR, com dois gols de Charles Miller (BELLOS, 2003; BOTELHO, 2006; CORTEZ, 2006; VIANA, 2008; FRANZINI, 2006).

É importante ressaltar que Charles Miller não foi o único a trazer o futebol de outros países para o Brasil. No entanto, devido ao destaque que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro possuíam pelo fato de ambos serem centros de grande importância e referência nacional, e as inovações lá ocorridas refletiriam em todo o Brasil. Assim, a chegada de Miller ganhou grande destaque e repercussão nacional, sendo a ele atribuído o título de “Pai do futebol brasileiro” (SANTOS; DRUMOND, 2013).

Ressalta-se que era uma prática comum, entre as camadas burguesas, enviar seus filhos para estudar em escolas europeias, como Collège de La Ville (Suíça) e Hooton Lown School (Inglaterra), e de lá traziam na bagagem, além dos estudos, outros conhecimentos, como o futebol. Assim sendo, tem-se, em 1897, vindo da Suíça, onde havia conhecido o futebol ao longo dos seus anos escolares, Oscar Cox, que retorna ao Brasil e desembarca no Rio de Janeiro.

Em 1901, em Salvador, José Ferreira Junior, mais conhecido como Zuza Ferreira, desembarca trazendo de terras britânicas uma bola de futebol em sua bagagem. Em 1903, Guilherme de Aquino Fonseca, ao finalizar seus estudos na Inglaterra, apresenta o futebol à capital Recife. Em 1904, Victor Serpa desembarcou em Belo Horizonte. Em 1905, foi a vez de o futebol chegar em terras maranhenses através de Joaquim Moreira Alves dos Santos, mais conhecido como Nhozinho Santos (FRANZINI, 2006).

Segundo Pereira (2008), em 1870 ocorreu a primeira partida de futebol em solo brasileiro, no Rio de Janeiro, entre dois times de marinheiros ingleses, em frente ao atual Palácio Guanabara. Segundo Franzini (2006), em 1901 aconteceu o primeiro jogo interestadual de futebol: ocorreu no campo do Velódromo, em São Paulo, entre o time de

Oscar Cox (Rio de Janeiro) e a Liga de Clubes do País<sup>10</sup> (São Paulo). Os jogos terminaram em empate: 1x1 e 2x2, respectivamente.

Há indícios de que primeiro clube de futebol a se formar oficialmente no Brasil foi o Sport Clube Rio Grande, fundado em 1900, por uma colônia alemã no Rio Grande do Sul. Na sequência, vários estados começaram a organizar seus campeonatos: em 1902, em São Paulo; em 1905, na Bahia; em 1906, no Rio de Janeiro; em 1908, no Pará. No Maranhão, o primeiro time de futebol formou-se em 1905, recebendo a denominação de “Fabril Athletic Club”. E, assim, o futebol foi ganhando espaço e diversos adeptos no cenário nacional (VAZ, 2006).

Apesar de, em um primeiro momento, ter sido considerado um esporte da elite branca devido à sua descendência europeia/bretã – e, por conta disso, ter excluído negros e pobres dos grandes eventos que se tornaram os jogos –, aos poucos o futebol brasileiro começou a agregar as diferenças: não podendo jogar nos estádios, a grande maioria da população se reunia em ruas, becos e descampados. Copiando os marinheiros ingleses que jogavam futebol nos becos do porto do Rio de Janeiro, muitas crianças (pobres, escravos ou forros) já tinham contato e praticavam à sua maneira o futebol. Assim, gradativamente, alcançou a reputação de esporte mais popular e importante do Brasil (BELLOS, 2003; KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003; MELO, 2006; SILVA, 2006; SOUZA, 2008).

O interesse popular não eliminou o preconceito. Alguns clubes, no entanto, começaram a romper as barreiras. Um exemplo disso foi o Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, considerado o primeiro time a escolher os seus jogadores entre os melhores craques das ligas suburbanas – independente de etnia ou proveniência social. Em 1923, o Vasco da Gama foi campeão da primeira divisão carioca, sendo seu time composto por três negros, um mestiço e sete brancos de classes trabalhadoras (BELLOS, 2003).

Desde a sua chegada ao Brasil, o futebol adquiriu um modo próprio de ser jogado – modo este, inclusive, reconhecido internacionalmente: “[...] sua essência é um jogo em que uma habilidade individual prodigiosa ofusca as táticas de equipe, onde dribles e fintas têm preferência no lugar de disputas físicas e passes de longa distância” (BELLOS, 2003, p. 38). Isto decorre do fato de que o futebol que se popularizou foi o jogado nos becos, informalmente, e, por isso, menos preso às regras e convenções. Por conta disso,

---

<sup>10</sup> A Liga de Clubes do País foi formada em São Paulo, em 1901, pelos times São Paulo *Athletic*, Associação *Athletica Mackenzie College*, *Sport Club Germania*, *Sport Club International* e *Club Athletico Paulistano*, visando conferir contornos mais institucionais para a prática dos esportes de modo geral, mas principalmente do futebol. Um exemplo disso foi que, em 1902, a Liga começou a promover o Campeonato Paulista de *Football*.

desenvolveu-se um estilo de jogo mais livre e individualizado, resultado de uma característica considerada por Bellos (2003) como representativa do brasileiro: o exibicionismo em público.

Afirma ainda Bellos (2003), que é provável que o histórico de racismo e preconceito levasse os brasileiros à criatividade na sua forma de jogar futebol. O jogo com bolas de meia auxiliou no desenvolvimento de habilidades inventivas e criativas com a bola. O próprio drible, que é marca registrada do futebol brasileiro, foi criado pelos jogadores negros como uma tentativa de se proteger dos jogadores brancos – uma vez que o contato físico com um branco poderia terminar em retaliação.

Outra característica específica do futebol brasileiro é a habilidade que estes apresentam no jogo, e que acaba sendo enquadrado na categoria “dom”. Segundo Giglio, Morato e Almeida (2008), o dom diz respeito a algo mágico, considerado enquanto algo da ordem da fé e da crença, uma vez que não pode ser comprovado ou quantificado; trata-se de uma variável utilizada para preencher as lacunas deixadas na busca por respostas ao questionamento sobre a origem das habilidades de determinada pessoa no futebol. O dom entra em campo, então, como uma justificativa para acontecimentos e fatos que, até então, permaneceriam injustificados (DAMO, 2005; GIGLIO; MORATO; ALMEIDA, 2008).

Segundo Giglio, Morato e Almeida (2008), o dom possui duas formas: 1. Talento, caracterizado como algo que é inerente ao indivíduo, mas que precisa ser desenvolvido; 2. Dádiva, referindo-se a algo que lhes foi dado por herança ou de ordem inata e que, em consequência disto, está presente em algumas pessoas e em outras não. Esta noção, por sua vez, traz consigo a herança genética que eleva as chances de haver outro jogador de futebol no futuro, caso já exista algum na família, não havendo a necessidade de ensinar a prática do futebol, uma vez que esta é considerada inata.

Ainda segundo Giglio, Morato e Almeida (2008), a categoria “dom” faz parte do imaginário construído sobre o futebol: de que existem aqueles que são dotados, sendo estes os craques, enquanto outros não. Deste modo, tem-se uma explicação considerada minimamente plausível, que possa justificar o fato de que algumas pessoas se destacam mais do que outras na prática do futebol. É importante ressaltar que este imaginário se mantém porque é compartilhado por jogadores e torcedores, assim como por treinadores e a comissão técnica dos times de futebol, sendo utilizado para separar aqueles que nascem “dotados” dos que “não nascem dotados”.

Como explicar, então, a habilidade dos brasileiros na prática do futebol? Segundo Damo (2005), as habilidades no futebol são apreendidas devido às vivências e experiências dos brasileiros com o futebol – considerado a paixão nacional e, por isso, alvo de intenso foco

por parte das mídias e meios eletrônicos. Caindo por terra, assim, o imaginário social de que o brasileiro possua qualquer espécie de “gene futebolístico” (GIGLIO; MORATO; ALMEIDA, 2008, p. 77).

Acredita-se que as origens do futebol brasileiro, somadas ao poder midiático, fazem dessa modalidade a mais popular do Brasil.

A participação em todas as Copas do Mundo disputadas desde 1930 e as vitórias conquistadas em cinco edições das 17 disputadas mostram que a modalidade pode ter nascido na Inglaterra, mas escolheu como pátria o Brasil. Neste país formado por etnias de todas as regiões do mundo, inclusive daquelas que reclamam a paternidade do esporte, o futebol se encontrou com todas as suas prováveis origens e adquiriu sua forma mais natural e expressiva.

[...] No Brasil, praticado nas ruas e nos gramados dos grandes estádios, com os pés descalços ou com chuteiras de grife, com bolas improvisadas ou ostentando o selo de qualidade FIFA, o futebol é arte, religião, profissão e terapia (CORTEZ, 2006, p. 129).

O preconceito e a discriminação não são problemas atuais, e muito menos exclusivos às mulheres. Embora tenha adquirido o título de País do Futebol, o Brasil está longe de ser um exemplo, se levar em consideração as dificuldades relativas à etnia, classe social e gênero, para citar algumas, além da falta de estrutura e investimentos na formação dos atletas. Mas sabe-se que essa realidade não é exclusividade do futebol, estando presente no esporte de modo geral, e muito ainda precisa ser discutido e transformado.

Neste trabalho, objetiva-se discutir a relação entre o gênero e o futebol em São Luís, capital do Maranhão. Para isso, faz-se necessário conhecer a história do futebol ludovicense.

## **2.2 Nhozinho Santos: o “Charles Miller do Maranhão”**

Como dito anteriormente, o futebol no Maranhão registra seu início nos primeiros anos do século XX, mais precisamente em 1905, acompanhando os primórdios do futebol nacional. Costuma-se atribuir o início do futebol no Brasil à chegada de Charles Miller em São Paulo, então centro econômico do país. Contudo, as pesquisas sobre história do esporte no Brasil mostraram que, em outros estados, como o Maranhão, o percurso de Charles Miller foi repetido por outros burgueses que partiam à Europa para avançar em seus estudos e retornavam com as novidades existentes no “Velho Mundo”. No esporte, isso ocorreu com

várias modalidades, como, por exemplo, o voleibol e o basquete, que chegaram ao Brasil por volta da década de 1910, através da Associação Cristã de Moços (ACM)<sup>11</sup>.

Além do voleibol e do basquete, é possível citar o futebol enquanto mais um exemplo dessa realidade. Nesse sentido, o Maranhão também possui o seu “Charles Miller”, representado por Joaquim Moreira Alves dos Santos, mais conhecido como Nhozinho Santos (Ilustração 9) que, recém-chegado de Liverpool, Inglaterra, onde fora estudar técnicas industriais, trouxe em sua bagagem um conjunto de aparatos: chuteiras, apitos, bolas, entre outros. Nhozinho Santos era filho de comerciantes e dos donos da Fábrica Santa Isabel de tecidos, também conhecida como Fabril (VAZ, 2006; CARVALHO, 2009).

**Ilustração 9 - Nhozinho Santos**



**Fonte:** Cultura de Maranhense (2014, n. p.).

Atualmente, a cidade de São Luís possui um estádio denominado Nhozinho Santos<sup>12</sup> (Ilustração 10), que se encontra próximo ao local onde antes se situava a Fabril<sup>13</sup>. Este estádio foi construído no local onde antes funcionou a primeira praça de esportes de São

<sup>11</sup> A Associação Cristã de Moços (ACM) foi criada na Inglaterra (*Young Men's Christian Association /YMCA*), em 1844, com a finalidade de oferecer aos jovens que estavam migrando para as cidades, em busca de emprego, atividades saudáveis e motivadoras. Ao migrar para os Estados Unidos, a ACM uniu-se ao seu propósito inicial (o cultivo das virtudes do caráter e do espírito) a prática de atividades físicas. A ACM chegou ao Brasil em 1893, sendo a sua primeira sede o Rio de Janeiro; em 1901, no Rio Grande do Sul; e em 1902, em São Paulo. O trabalho das ACMs no Brasil enfatiza as atividades de esportes e lazer, programas de desenvolvimento social, educação formal e não formal e programas de meio ambiente (HIDAKA; SEGUI, 2006).

<sup>12</sup> O nome oficial do estádio é Presidente Dutra, e foi inaugurado em 1950. Sua primeira pedra foi colocada pelo próprio presidente, quando em visita a São Luís, em 1948. Contudo, popularmente o estádio é conhecido como Nhozinho Santos, sendo o segundo maior do Maranhão – o primeiro maior é o Castelão, inaugurado em 1982 (CARVALHO, 2009).

<sup>13</sup> Atualmente, o local onde antes funcionava a fábrica é conhecido como Canto da Fabril.

Luís, e recebeu esse nome em homenagem a Joaquim dos Santos (REIS; LIMA; GOMES, 2008).

No início do século XX, apesar da então proclamada República, o estado do Maranhão ainda se encontrava sob influência da Coroa Portuguesa, especialmente em se tratando da economia.

**Ilustração 10 - Vista aérea do Estádio Nhozinho Santos**



**Fonte:** Cultura de Maranhense (2014, n. p.).

Grande parte dos seus comerciantes era de estrangeiros que vislumbraram na capital maranhense uma oportunidade de lucro e enriquecimento, fazendo parte do sistema agroexportador maranhense, além de constituírem famílias e estabelecerem parcerias com as famílias aqui já constituídas. Assim, muitos enviavam seus filhos para a Europa, a fim de realizar seus estudos e especializarem-se para, então, retornarem ao Maranhão, a fim de tomar a frente dos negócios da família (LIMA, 2009).

O fluxo de estrangeiros para o Maranhão trouxe também preocupações de ordem higiênica – em especial aos habitantes da capital maranhense, São Luís. Em prol da construção de um modelo de cidade ancorado na tríade embelezamento, ordem e salubridade, muitas medidas de ordem política foram tomadas nos âmbitos da aparência, higienização e desodorização da cidade (FERREIRA; DAMASCENO, 2016).

Nesse sentido, a capital maranhense seguiu no bonde da Modernidade que aportava no Brasil. Iniciou-se um processo de limpeza na cidade, escondendo e retirando de cena tudo o que pudesse diferenciar São Luís dos grandes centros do Mundo Velho, tais como Paris e Roma, para adequar a capital maranhense aos ideais higiênicos vigentes então.

Assim, o aspecto físico das ruas ludovicenses tornou-se foco de grande preocupação, sendo alvo de medidas de alargamento e limpeza, visando o usufruto cada vez

maior dos espaços públicos pelos transeuntes; o aspecto arquitetônico da cidade começou a ser repensado, assim como a arborização das ruas e demais locais públicos, como praças ou terrenos recentemente aterrados, além da limpeza das fontes de abastecimento de água, que se encontravam mal conservadas – o que favorecia a ocorrência e disseminação de diversas doenças, como a peste bubônica e a varíola (FERREIRA; DAMASCENO, 2016).

Doentes mentais, prostitutas, vagabundos, negros, pobres, viventes em habitações insalubres, em suma, todos os que não conseguiam se adequar ao perfil “moralmente aceito” eram vistos como “degenerados”. Os degenerados eram classificados como uma ameaça social e, por conta disso, passaram a surgir leis e decretos que visavam a uma limpeza urbana, seja através do confinamento dos indesejáveis ou a proibição da construção de locais insalubres (DAMASCENO, 2016, p. 104).

Em vistas disso, diversas medidas começaram a ser tomadas, entre as quais: a construção de Cadeias Públicas e Santas Casas de Misericórdia, a fim de abrigar e diagnosticar pessoas com transtornos e/ou alienados<sup>14</sup>, retirando das ruas estes sujeitos considerados “indesejáveis” e evitando, assim, que se misturassem à população considerada “sã”; proibição da construção de novos cortiços e demolição dos que se encontravam em situação insalubre, além da construção de habitações novas e sob os ideais higiênicos para as classes mais pobres; maior cuidado com a saúde pública, através da limpeza das fontes de abastecimento de água e de uma coleta mais eficiente do lixo (FERREIRA; DAMASCENO, 2016; DAMASCENO, 2016).

O processo de medicalização da sociedade inaugura uma nova problemática acerca da cidade, que deve ser pensada enquanto palco central para análise dessas questões, pois a modernidade traz consigo uma série de preceitos que visam anular velhos hábitos e costumes enraizados socialmente (FERREIRA; DAMASCENO, 2016, p. 93).

Estas medidas tinham por finalidade principal implantar uma limpeza de ordem moral, considerada então bem mais importante do que qualquer outro tipo de medida. Nesse sentido, observou-se a necessidade de modificar não apenas a estrutura física da cidade, mas, também, a mentalidade da população: seus hábitos e costumes, a fim de que uma mudança mais profunda, de ordem moral, pudesse ser realizada (DAMASCENO, 2016).

A população deveria ser fortalecida, e, segundo o discurso médico-sanitarista, para isso haveria a necessidade de recolher, esconder, tirar de cena todos aqueles que não se adequassem ou não estivessem de acordo com as novas medidas (loucos, pobres e

---

<sup>14</sup> O termo “alienado” corresponde ao francês *demi-fou*: o meio-louco, que são aquelas pessoas com práticas diferentes da norma, mas que não entrariam em nenhuma categoria de transtorno intelectual ou loucura (FERREIRA; DAMASCENO, 2016).

vagabundos), assim como inspirar e alimentar ideais de modernidade e civilização. Nesse sentido, surgem os primeiros cinemas em São Luís, visando apresentar aos cidadãos os padrões desejáveis a ser alcançados (FERREIRA; DAMASCENO, 2016; SOUSA, 2016).

Observa-se, então, que São Luís se encontrava em um momento de transição: estava tentando deixar os resquícios escravagistas e monárquicos para trás, a fim de caminhar ao encontro da modernidade que tomava forma junto ao território republicano e capitalista brasileiro. Não cabiam mais as práticas antes adotadas, e que traziam à memória o passado que estava tentando ser esquecido: tudo o que estivesse de acordo com o mundo civilizado deveria ser adotado. O futebol, considerado então um esporte elitista e moderno, entra neste escopo (CARVALHO, 2009).

Nhozinho Santos, em retorno a São Luís devido ao falecimento do seu pai, Crispim Alves dos Santos<sup>15</sup>, morto em 1905, e motivado a compartilhar seus conhecimentos sobre a última moda em esportes na Europa, apresentou à sociedade maranhense um esporte conhecido entre a realeza como *foot-ball*. Assim, o “Charles Miller do Maranhão” reuniu-se a alguns amigos na residência da família Santos, localizada na Rua Grande, no centro da capital São Luís, a fim de tratar da implantação do *Foot-ball Association* no Maranhão. Nessa reunião, foi decidido que seria construído um campo de futebol no terreno da Fabril<sup>16</sup>, uma fábrica de têxteis, de propriedade da família de Nhozinho Santos. Assim, nasceu o clube de futebol *Fabril Athletic Club* (FAC), também conhecido como FAC (Ilustração 11) (VAZ, 2006).

**Ilustração 11** - Escudo e uniforme do FAC



**Fonte:** Futebol Maranhense Antigo (2016, n. p.).

<sup>15</sup> Crispim Alves dos Santos era português e foi radicado em São Luís. Ele começou na Fabril como sócio majoritário e, tempos depois, tornou-se o único dono da empresa. Além disso, exerceu também os cargos de vice-cônsul de Portugal e da Colômbia, além de diretor hipotecário e comercial do Maranhão.

<sup>16</sup> A Fabril, fábrica de têxteis Santa Izabel foi inaugurada em 30 de junho de 1893. Suas terras se estendiam até as margens do Rio Bacanga, onde possuía um porto para barcos, uma lenharia oriunda dos mangues, seis prédios, uma casa de sobrado e doze meias moradas (CARVALHO, 2009).

Os treinos do FAC eram realizados entre funcionários da própria fábrica que começaram a chamar a atenção dos transeuntes da região – em sua maioria homens funcionários de outras fábricas nas redondezas. Logo, formaram-se os times: *Black and White* e *Red and White*. A primeira partida entre estes dois subtimes<sup>17</sup> ocorreu em 12 de maio de 1907, em que o *Black and White* saiu vitorioso por 1 x 0 (VAZ, 2006; CARVALHO, 2009).

Devido à sua ascendência britânica, era comum uma terminologia inglesa para nomear o vocabulário do futebol, como, por exemplo, *match* (jogo, partida), *team* (time, partido), *goal* (gol)<sup>18</sup>. Aos poucos os brasileiros foram traduzindo os termos para o português.

É importante ressaltar que o FAC possuía, além de um cunho esportivo, também uma face social: destinava-se aos “bons cidadãos ludovicenses”, em uma referência clara à elite da capital Maranhense, que agora poderia contar com um local para matinês, festas dançantes, bailes, saraus, entre outros eventos esportivos, tais como cabos de guerra, boliche, *cricket*, além do *foot-ball*. Rapidamente, o futebol já constava entre os esportes mais praticados pelos maranhenses, e algumas outras agremiações foram fundadas, entre as quais o Maranhense *Foot-ball Club*, fundado em 1908, inicialmente com dois subtimes internos: *Green and White* e o *Blue and White*.

A situação econômica gerou um período de baixa no futebol maranhense, pois com a crise no setor têxtil, iniciada em 1910 e só amenizada em 1917, diversos clubes e agremiações, em especial ligadas ao futebol, foram desfeitos – entre eles o FAC, que devido aos débitos dos seus sócios precisou se desfazer. Segundo Carvalho (2009), as comemorações do tricentenário da cidade (1912) foram escassas no que diz respeito ao futebol. Apenas em 1913 houve a criação do *Atheniense Sport Club*, com seus dois subtimes principais: *Theodoro Jardim* e *Belfort Oliveira*.

Diversas foram as tentativas de reerguer o futebol maranhense através da reorganização de ex-fabrilenses em times efêmeros ou da criação de novos times. Até que nos anos 1930, a Era Vargas, conforme citado em capítulo anterior, proporcionou às cidades brasileiras momentos de amplo crescimento econômico, e o esporte já se encontrava devidamente consolidado no estado, em especial devido ao surgimento de outras associações e ao intercâmbio entre o Maranhão e o Pará (VAZ, 2006).

Segundo Martins (2013), em seu livro “História do Futebol Maranhense”, São Luís, seguindo o fluxo crescente de adesão ao futebol, logo nas primeiras décadas do século XX, assistiu ao nascimento de alguns dos principais times de futebol masculino em evidência

<sup>17</sup> Subtimes originados a partir do time *Fabril Athletic Club*.

<sup>18</sup> Vide Apêndice A.

na atualidade<sup>19</sup>: Maranhão Atlético Clube (MAC), Moto Club e Sampaio Corrêa Futebol Clube (Ilustração 12).

**Ilustração 12** - Escudos do Sampaio Corrêa, Moto Club e MAC



**Fonte:** Futebol Maranhense Antigo (2016, n. p.).

O Sampaio Corrêa Futebol Clube teve a sua origem no ano de 1923, por iniciativa de um grupo de jovens que trabalhavam no Centro de São Luís, Maranhão. O nome Sampaio Corrêa foi colocado em homenagem a José Mattoso Sampaio Corrêa – educador, técnico, administrador, deputado federal e administrador, que auxiliou a promoção da aviação no Maranhão (MARTINS, 2013).

O MAC surgiu quando alguns integrantes da Associação Syrio Brasileiro (também de futebol), decidiram sair e montar outra agremiação, em 1932. No ano seguinte, o MAC foi a campo pela primeira vez contra o próprio Syrio Brasileiro, e o placar ficou 4 x 0 para o MAC. Em 1935, a Associação Syrio Brasileiro foi desfeita (MARTINS, 2013).

O Moto Club foi fundado em 1937 com o nome *Cicle* Moto de São Luís, pois objetivava desenvolver as modalidades de ciclismo e motociclismo. Contudo, adicionou as modalidades de basquetebol, voleibol e, posteriormente, o futebol em 1939. Seu primeiro jogo foi em 1940, contra o MAC – que venceu a partida por 2 x 1 (MARTINS, 2013).

Desde então, o futebol maranhense vem se desenvolvendo, alternando momentos de glória, fracassos e ostracismo, o que pode ser comprovado pela quantidade de times que se formaram ao longo do século XX e sua participação em campeonatos nacionais. Em 2013, o Estado teve um representante acessando a segunda divisão do futebol brasileiro, o Sampaio Corrêa<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Segundo a Federação Maranhense de Futebol, atualmente tem-se aproximadamente vinte times de futebol masculino divididos em duas categorias (DADOS DA PESQUISA, 2017).

<sup>20</sup> Sampaio Corrêa FC (2016).

Tal conquista gerou grande repercussão local e ampla visibilidade nacional, alimentando a autoestima do torcedor maranhense. Atualmente, contudo, observa-se que o futebol maranhense volta a viver um momento de pouco destaque - um reflexo das dificuldades de organização institucional e financeira dos clubes e da Federação de Futebol Maranhense.

### 3 BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL? DESCONSTRUÇÕES E REFLEXÕES

O Brasil é conhecido mundialmente como o país do futebol. Mas se a situação for analisada com mais cautela e atenção, observa-se que esta afirmação se encontra restrita apenas ao futebol masculino – que, desde os primórdios da história do futebol brasileiro, sempre recebeu maior destaque do que o futebol feminino. Este capítulo tem por finalidade discutir o ideário de que o Brasil é o país do futebol – pois, para isso, seria necessário dar condições iguais para homens e mulheres praticarem a modalidade em questão. Para isso, será feita uma análise sobre o percurso das mulheres no campo dos esportes, assim como no futebol, e, *a posteriori*, será discutida a situação destas na sociedade.

Segundo Goellner (2003a, 2006, 2008, 2009) e Melo (2007), por volta da primeira metade do século XIX, as práticas esportivas eram pouco populares e restritas apenas aos homens, enquanto que às mulheres não era permitida a participação em ambientes sociais. A elas era dada plena liberdade na reclusão de seus lares, sendo a exposição pública considerada um ato de indecência. Eram educadas para serem boas mães e esposas, apenas.

A partir do final do século XIX e início do século XX, quando começaram a chegar ao Brasil (através dos imigrantes europeus), as primeiras notícias do mundo moderno sobre a emancipação feminina e o novo papel da mulher no meio social, as elites femininas, em sua maioria ricas e brancas, começaram a se interessar pelas práticas esportivas. À mulher, que antes sequer poderia ir à janela tomar banho de sol, começam a ser permitidas algumas situações que antes se consideravam descabíveis ao público feminino, como o voto feminino e a prática de atividades físicas, sendo este especialmente justificado no discurso higienista de que uma mulher forte poderia dar início ao fortalecimento da nação (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2006, 2008, 2009; VIANA, 2008; ASTARITA, 2009).

“Art. 14. A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante: I. plebiscito; II. referendo; III. iniciativa popular (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 2015, p. 25).

O corpo branco, sadio e, por consequência, capaz de gerar filhos fortes, sadios e brancos (sem traços explícitos de mestiçagem), começa a ser considerado o padrão a ser alcançado, sendo, portanto, o principal alvo das práticas higienistas de fortalecimento da nação. Homens e mulheres começam a ser impelidos a praticar atividades físicas tendo, contudo, diferenças nas possibilidades de prática das atividades.

Assim, educar para a imposição física, vigor e beleza era a finalidade da educação física para os homens, enquanto que preparar os corpos para os desígnios maternos era a finalidade dos exercícios femininos. Para garantir condições ideais para a maternidade, considerada a missão principal e mais sublime da vida das mulheres, suas atividades deveriam lhes dar vigor, mas sem lhes tirar a harmonia das formas, a beleza, a doçura e a graciosidade, consideradas características essenciais das mesmas (GOELLNER, 2008).

Diante de tais restrições, no início do século XX os esportes permitidos para ambos os sexos foram o hipismo, devido à paixão pelos cavalos herdada da oligarquia, e o tênis, por ser amplamente praticado pelas elites europeias e pela elegância e graça característicos de sua prática. Por volta da década de 1930, as mulheres começaram também a praticar outras modalidades, tais como judô, vôlei, basquete e futebol. Paralelo a isso, havia um movimento crescente de incentivo à prática da ginástica nas instituições de ensino (GOELLNER, 2005, 2006; MELO, 2007; ASTARITA, 2009).

No entanto, a prática de esportes por parte das mulheres não obteve aceitação social. De um lado, uma parcela da população, composta por homens e mulheres, aprovava a prática de esportes, especialmente devido à noção de fortalecimento da nação e melhora na qualidade de vida; por outro lado havia os que desaprovavam tais atos, por considerar que a prática das atividades físicas poderia: a) pôr em risco a noção de feminilidade vigente, ao abrandar o discurso da maternidade como uma obrigação feminina; b) expor o corpo, devido às roupas que se utilizava para praticar esportes, e esta prática, por sua vez, estava associada ao paganismo, à imoralidade e à implícita lesbiandade (GOELLNER, 2005, 2009; DEL PRIORI, 2013).

Recomendações e prescrições, no que tange aos exercícios corporais femininos, direcionam-se para a preservação e constituição de uma boa maternidade considerada, neste momento, como a mais nobre missão da mulher, pois dela depende a regeneração da própria sociedade. Esses discursos podem ser localizados em diversos manuais e livros escritos no Brasil desde meados do século XIX e também nas revistas direcionadas especificamente para o público feminino (GOELLNER, 2006, p. 6).

Até segunda metade do século XIX, a estrutura conservadora da sociedade brasileira não permitia muitas aparições públicas para as mulheres. Com a independência do Brasil, o fluxo crescente de imigrantes<sup>21</sup> e a conseqüente propagação dos ideais eugênicos e higiênicos, esse quadro começou a mudar. Contudo, ainda é possível observar na atualidade

<sup>21</sup> A abertura para a entrada de imigrantes era parte do projeto de eugenia, segundo a qual os imigrantes auxiliariam no processo de embranquecimento da nação brasileira. Eram, em sua maioria, alemães, portugueses, italianos e espanhóis (GOELLNER, 2008).

situações e relatos de mulheres que sofrem com os estereótipos e preconceitos relacionados à prática das modalidades femininas dos esportes (MELO, 2007).

Apesar dos avanços e conquistas das mulheres nos diversos cenários sociais, no âmbito das práticas esportivas ainda era predominante a ideia de que havia o risco de a mulher perder a sua feminilidade – e, com isso, não poder executar o seu papel social primordial, que era ser mãe e cuidadora.

Com base nisso, em 1941, o general Newton Cavalcante apresentou, ao Conselho Nacional de Desportos, instruções para a regulamentação das práticas de esportes femininos. Tais instruções serviram de base para a elaboração do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que restringia a participação feminina em algumas modalidades esportivas (como o remo, por exemplo, que só poderia ser praticado para fins médicos e sem a função de competição), e proibia a participação das mulheres em diversas práticas esportivas (entre as quais o judô, o rúgbi e o futebol). Estas instruções tinham por função principal resgatar e resguardar o ideário sobre o ser-mulher vigente até então: ser bela, recatada e permanecer na reclusão do seu lar (GOELLNER, 2006, 2009; MAGALHÃES, 2008; ASTARITA, 2009).

Sob o discurso da fragilidade feminina, este documento e outros tantos que foram produzidos neste momento valorizavam a imagem de mulher mãe grácil e delicada. O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionados à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar um terreno criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2009, p. 79).

Este documento, contudo, não impediu as mulheres de se dedicarem às diversas modalidades esportivas, incluindo aquelas cuja participação feminina não era legalmente permitida. Contrariando as expectativas, a participação feminina foi ampliada, e, mesmo sem incentivo algum, possibilitou a emergência de diversas competições, como os Jogos da Primavera, em 1949, e os Jogos Abertos Femininos<sup>22</sup> (1954 a 1963). Tais competições possibilitaram a emergência de atletas mais qualificadas para disputar eventos nacionais e internacionais como, por exemplo, a tenista Maria Esther Bueno (1937 -), que venceu o Campeonato de Wimbledon oito vezes, sendo três vezes (1959, 1960 e 1965) na categoria individual, e cinco vezes (1958, 1960, 1963, 1965 e 1966) na categoria de duplas, bem como

<sup>22</sup> Os Jogos da Primavera, criados em 1949 pelo jornalista Mário Filho, e os Jogos Abertos Femininos, criados em 1954 pelo jornalista Tulio de Rose, foram criados com a finalidade de incentivar as mulheres a praticar atividades físicas (GOELLNER, 2005).

Aída dos Santos (1937 -), a única mulher a participar da Federação Brasileira para as Olimpíadas de Tóquio (1964) na modalidade salto em altura. Apesar das condições adversas, pois não possuía técnico nem vestimentas adequadas para competir, Aída conquistou o quarto lugar na competição (GOELLNER, 2005, 2006).

A partir da década de 1950, modalidades como o voleibol, basquetebol, tênis, natação e atletismo começaram a ser mais praticadas no Brasil, observando-se uma participação maior de mulheres em competições nacionais e internacionais. Com isso, especialmente no que diz respeito aos esportes coletivos, os resultados mudaram para melhor: no voleibol, a seleção feminina foi vitoriosa nos campeonatos pan-americanos e mundiais, conquistando o ouro olímpico em 1996; no basquete, as jogadoras ganharam a medalha de bronze no Campeonato Mundial de Basquete Feminino, realizado no Brasil em 1971 (GOELLNER, 2006).

Apesar de tais conquistas (ou até por isso), só em 1979 o Conselho Nacional de Desportos revogou o Decreto-Lei nº. 3.199, de 1941 – uma ação que resultou na criação de diversos times femininos. Os anos 80 e 90 caracterizaram-se, deste modo, por uma maior inserção das mulheres em esportes até então considerados violentos para elas, como o judô, o futebol e o handebol, além do aperfeiçoamento em outras modalidades, o que culminou na primeira premiação com ouro olímpico, em Atlanta (1996), no voleibol de praia em dupla (GOELLNER, 2005, 2006; ASTARITA, 2009).

Com o decorrer da história, as mulheres brasileiras avançam cada vez mais na conquista de novos resultados no esporte de alto rendimento, como o bronze de Ketleyn Quadros no judô, categoria leve, nos Jogos de Pequim (2008) – tornando-se a primeira mulher a subir no pódio em uma categoria individual<sup>23</sup> –, o bronze da pentatleta Yane Marques e o bronze de Adriana Araújo, na estreia do boxe feminino, ambas nas Olimpíadas de Londres (2012)<sup>24</sup>.

O século XXI vem se destacando com uma crescente participação feminina nos esportes, e os últimos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro em 2016, ilustram essa realidade: foram 259 homens e 209 mulheres apenas na Federação Brasileira<sup>25</sup>. As mulheres somaram 48% do quantitativo total, inclusive em esportes considerados como tradicionalmente

<sup>23</sup> Confederação Brasileira de Judô [2016?, n. p.].

<sup>24</sup> Confederação Brasileira de Boxe [2016?, n. p.].

<sup>25</sup> ESPNW (2016, n. p.).

masculinos, como o rúgbi, judô e o futebol, em comparação aos 46% de participação feminina nas Olimpíadas de Londres (2012)<sup>26</sup>.

A estes se somam outros números: foram 64 atletas e técnicos que se identificam como gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e transexuais – além de outros 10, que declararam a sua orientação sexual ao longo das competições<sup>27</sup>. Estes números, quando comparados aos somados nas Olimpíadas anteriores (nas Olimpíadas de Londres, em 2012, eram 23, enquanto que em Pequim, em 2008, eram apenas 10), demonstram uma maior abertura para estes fenômenos que dizem respeito a outros modos de ser e de expressar a sua subjetividade e a identidade de gênero no esporte.

No que diz respeito ao futebol feminino, observou-se que houve uma maior repercussão e aceitação pela mídia e público de expectadores, sendo importante na medida em que lança luz para as mulheres em um universo ainda marcado por valores masculinos (e machistas).

Nos últimos Jogos Olímpicos (Rio de Janeiro/2016), a mídia e alguns apresentadores esportivos ficaram fora de sua zona de conforto ao relatarem sobre as performances femininas no futebol, buscando sempre comparações com os feitos masculinos.

Como País do Futebol, o Brasil ainda prioriza o futebol masculino. Hoje é permitido que as mulheres joguem futebol, afinal, não há legislação que as impeça. Os limites são estabelecidos de outra forma. O preconceito e os estereótipos<sup>28</sup> apresentam-se como obstáculos, além do pouco incentivo financeiro, falta de estrutura para a prática nos clubes e ausência de campeonatos nacionais e regionais, além da baixa remuneração. No País do Futebol, esse esporte ainda não convidou as mulheres para jogar. Mas elas não precisam de convite, como será analisado a seguir.

### **3.1 Brasil: país do futebol (masculino)!**

A participação feminina em outros espaços sociais sempre foi restrita. No esporte não foi diferente. A presença de mulheres nem sempre foi permitida, e a comparação entre os gêneros masculino e feminino é inevitável, para constatar algumas discrepâncias. Em diversas modalidades esportivas não se observa a mesma popularidade e aceitação da presença feminina como acontece para os homens – e este não é um fato novo: desde os primórdios

---

<sup>26</sup> Notícias do Dia (2016, n. p.).

<sup>27</sup> ESTADÃO (2016, n. p.).

<sup>28</sup> Rodrigues et al. (2009).

havia modalidades que não podiam ser praticadas por mulheres, como o *tlachtli* e o *kemari*, no qual apenas os homens poderiam participar (PEREIRA, 2008).

Conforme apresentado anteriormente, o futebol foi considerado no Brasil um esporte exclusivamente masculino – tanto que quando houve a proibição da participação feminina através do Decreto-Lei nº. 3199, de 1941, do Conselho Nacional de Desportos, revogado em 1970, em que se defendia a feminilidade, a fragilidade, a beleza e os papéis da mulher como mãe, esposa e cuidadora (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003; ASTARITA, 2009; GOELLNER, 2005, 2006; CAPITANIO, 2010).

Esta proibição, em especial o futebol, tinha como objetivo impedir que esta atividade viesse a prejudicar a saúde e a estética feminina. Por trás desse discurso, existia a preocupação de controlar essas mulheres para que não houvesse o rompimento com as ideias do padrão feminino que se apresentava na sociedade. Tais preocupações sobre a inserção da mulher no futebol podem ser analisadas devido o aumento das mesmas no esporte, pois o governo e parcela da sociedade brasileira acreditavam que o futebol era uma forma de exibicionismo da mulher (MAGALHÃES, 2008, p. 9-10).

Mas essa restrição não foi suficiente para impedir ou conter a presença feminina na modalidade, visto que já era uma realidade. Segundo Magalhães (2008), na década de 20 as mulheres já praticavam o futebol: já se organizavam em times e, inclusive, organizavam campeonatos. A criação do primeiro time de futebol feminino do Brasil, em Belém, capital do Pará, em 1924, é um exemplo de que as mulheres já não eram tão iniciantes na modalidade como o Decreto-Lei fazia parecer.

Segundo Knijnik e Vasconcelos (2003), Mourão e Morel (2005) e Guedes (2006), na década de 1930, movidas pelos ares de novidade e de mudança, as mulheres começaram a procurar ainda mais pelo futebol. A prática desta modalidade popularizou-se, sendo estendida a todo o território nacional. No entanto, devido a pouca intimidade da maioria das jogadoras com o esporte e a comparação com o modo de jogar masculino, o futebol feminino tinha uma conotação de comédia para os espectadores. Era considerado, acima de tudo, uma caricatura da modalidade masculina, pois considerava-se o modelo masculino como referência para jogar futebol.

O futebol, neste sentido, representava uma transgressão, uma quebra deste paradigma, devido à espetacularização do corpo feminino, além do risco à graciosidade e delicadeza – consideradas próprias da mulher, – uma vez que o futebol era considerado um esporte agressivo e de contato e, por isso, predominantemente masculino (FRANZINI, 2005; VIANA, 2008; ASTARITA, 2009; CAPITANIO, 2010).

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005, p. 03).

Pode-se inferir que o jogar futebol era mais uma das ações que representavam a busca de autoafirmação social feminina. Segundo Mourão e Morel (2005), a partir de meados da década de 70, quando houve a revogação do referido Decreto que proibia a prática do futebol por mulheres, o futebol feminino começou a ter destaque na mídia, e, por conta disso, aumentou significativamente o número de adeptas: as moças de classe média de Copacabana, por exemplo, se reuniam na praia para jogar, e levavam consigo seus namorados e as suas empregadas domésticas. No jogo, não havia empregadas e empregadoras; havia várias mulheres que se reuniam para jogar futebol.

[...] no final da década de 70 os primeiros times de futebol feminino começaram a surgir [...] em 1977 [...] no Rio de Janeiro o Clube Federal, localizado no Leblon. Em 1982 surge o Esporte Clube Radar, clube que conquistou o terceiro lugar representando o Brasil no I Torneio Internacional de Futebol Feminino, realizado em 1988, na China, sendo essa apenas uma de várias conquistas da ECR. Este mesmo clube foi referência para a formação da seleção brasileira de 1991, que representou o país no Campeonato Mundial de Futebol Feminino (ASTARITA, 2009, p. 12).

Os anos seguintes viram uma inserção cada vez maior das mulheres no futebol, seja enquanto jogadora ou torcedora<sup>29</sup> nas arquibancadas, mas isso não significou fim dos desafios. Se antes da década de 80 havia uma busca pelo direito de jogar futebol, a partir dessa década o esforço se volta para vencer estereótipos não apenas vinculados à prática do futebol, mas ao lugar da mulher na sociedade.

Os estereótipos e preconceitos relativos ao futebol levaram à crença de que as mulheres, cuja imagem de delicadeza, graça, provedoras da família, do casamento e dos filhos, não podiam se dedicar a essa prática. Tal restrição, ainda presente no imaginário popular, pode ser facilmente observada no teor de alguns títulos de reportagens, tais como: “Bonita assim, será que joga futebol?”; “Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol”; “O futebol depois da louça lavada” (MOURÃO; MOREL, 2005; GOELLNER, 2003a, 2005, 2006).

<sup>29</sup> Enquanto o futebol ainda se popularizava pelo Brasil, as mulheres das famílias ricas dos grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro, era incentivado a ida às arquibancadas para assistir aos jogos e arrumar pretendentes para casamentos. As moças, trajadas elegantemente, levavam consigo seus lencinhos, que eram torcidos durante as partidas. Desta prática, segundo Bonfim e Moraes (2016), nascia o termo “torcedor”.

A mídia tem um papel importante nesse sentido, pois seu poder de alcance pode alimentar ou desmistificar os estereótipos e preconceitos da mulher esportista. De masculinizada, a esportista passa a ser vista como musa, trazendo então uma roupagem de sensualidade e fetiche à prática do futebol – e, novamente, levando em consideração um referencial masculino para avaliar a imagem das mulheres (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003; FRANZINI, 2005; MOURÃO; MOREL, 2005).

Assim, a participação das mulheres no campo dos esportes, especificamente no futebol, deve ser avaliada com certa cautela. É palpável a crescente participação das mulheres nas mais diversas modalidades esportivas. Todavia, a sua participação continua menor do que a dos homens – o que se deve, em parte, à falta de incentivo: poucos campeonatos regionais, assim como salários menores, se comparados ao futebol masculino (CAPITANIO, 2010; MAGALHÃES, 2008).

Marta é a melhor jogadora do selecionado e uma das melhores do mundo; joga na Europa porque no Brasil não há estrutura para que por aqui permaneça. No nosso país, o reconhecimento de seu sucesso se dá quando é comparada à equipe masculina: o termo ‘seleção’, assim como ‘futebol’, sempre esteve relacionado ao âmbito dos homens. Alguns meses após a conquista histórica, o futebol feminino nacional continua sem uma estruturação mínima (MELO, 2007, p. 02).

A realidade brasileira é dura com as mulheres. Não basta ter uma Marta, que em números já bateu o Pelé e o Neymar: foi cinco vezes consecutivas jogadora do ano da FIFA e a maior goleadora com a camisa da seleção brasileira (98 gols), superando a marca de Pelé (95 gols). Não basta ter uma seleção olímpica feminina de futebol que está sempre entre as três melhores do mundo. Nada disso foi suficiente ainda para acabar com os obstáculos impostos às mulheres que optam por essa prática. Mas elas não desistem nunca, e os relatos das jogadoras maranhenses ilustram a sua forma de lidar com isso.

Apesar disso, é importante ressaltar que algumas mudanças já ocorrem, a exemplo de outros países e nos Jogos Olímpicos realizados no Brasil em 2016. Em comparação com a Olimpíada de Londres, em 2012, na qual de onze mil inscritos, cinco mil eram mulheres<sup>30</sup>, nas Olimpíadas de 2016 observou-se que, entre os 11.303 atletas inscritos, 5.185 eram mulheres<sup>31</sup>, além de 64 atletas e técnicos que se declararam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros ou Transexuais (LGBTT) – diferindo das Olimpíadas de Londres (2012), com 23 atletas ou

---

<sup>30</sup> Mulier (2013).

<sup>31</sup> Lomba (2016, n. p.).

técnicos LGBTT, e Pequim (2008), que contava com apenas 10. Devido a estes números, as Olimpíadas do Rio de Janeiro marcam a história como os Jogos da Diversidade<sup>32</sup>.

Especificamente sobre o futebol feminino, registrou-se maior audiência televisiva<sup>33</sup> nesses jogos em relação ao futebol masculino: foram 22,8 milhões de pessoas assistindo ao futebol feminino, em detrimento a 21 milhões assistindo ao masculino. Ressalte-se que tais números podem estar influenciados pelos reflexos da participação do Brasil na última Copa do Mundo, mas não se podem excluir, também, os bons resultados da seleção brasileira feminina em jogos olímpicos. De todo modo, foi visível a receptividade do público e da mídia diante do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de 2016.

Considerando esse contexto atual, é importante ressaltar que a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) adicionou ao seu novo estatuto em 2016, que as equipes que disputarem a Copa Sul-Americana ou a Libertadores precisarão se adequar às regras de licenciamento – dentre as quais está a obrigação de ter uma equipe de futebol feminino (CONMEBOL, 2016). Os times terão até o ano de 2019 para se adequarem às novas regras<sup>34</sup>.

Equipe feminina:

O solicitante deverá ter uma equipe feminina ou associar-se a um clube que possua o mesmo. Ademais, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que possua a mesma. Em ambos os casos o solicitante deverá prover o suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de partidas e de entretenimento) necessárias para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, se exige que ambas as equipes participem em competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva associação membro (CONMEBOL, 2016, p. 34, tradução do autor).

Essa atitude pode significar um grande passo na direção do reconhecimento da presença das mulheres no futebol, mas ainda não é, por si só, suficiente para eliminar os estereótipos e preconceitos presentes na prática feminina. Muitas jogadoras são interpeladas com questionamentos sobre a sua feminilidade e sobre a sua orientação sexual – mais uma vez deixando evidente a crença construída socialmente de que, para jogar futebol, a pessoa precisa se identificar necessariamente com o sexo masculino (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; CAPITANIO, 2010; VIANA, 2008).

Considera-se que o estereótipo (do grego *stereos* – rígido e *túpos* – traço) são as crenças sobre características, em geral pessoais, que são atribuídas a pessoas ou grupos, isto é, em vez de criar um conceito para cada nova situação/pessoa/grupo, tomam-se traços específicos e generalizam-se como predominantes. Por mais que pareçam positivos, por se

<sup>32</sup> O TEMPO (2016, n. p.) e Esporte IG (2016, n. p.).

<sup>33</sup> Portal Mídia Esporte (2016, n. p.).

<sup>34</sup> GoboEsporte.com (2016, n. p.); Gazeta Esportiva (2016, n. p.); Conmebol (2015).

tratarem de uma forma de facilitar reações frente ao mundo, muitas vezes o ato de estereotipar pode levar a generalizações incorretas e/ou indevidas – especialmente quando se deixa de perceber cada indivíduo com as suas peculiaridades e particularidades. O preconceito, por sua vez, diz respeito a uma atitude hostil ou negativa em relação a uma determinada pessoa ou grupo. O estereótipo é a base para o preconceito; as ações preconceituosas têm por base uma crença estereotipada e generalista sobre determinado assunto (RODRIGUES et al., 2009, grifo nosso).

A realidade do futebol no Maranhão não é diferente das de outras capitais brasileiras, tendo também sua história no início do século XX, e carregando consigo muito preconceito quando o assunto é futebol feminino. A falta de estrutura e organização institucional impedem que o futebol masculino maranhense se mantenha em nível competitivo nacional, mas sua presença na mídia e nos estádios tem aceitação do público e de algumas instituições maranhenses que patrocinam os principais clubes.

O futebol feminino está mais distante disso. Apesar de haver um Campeonato Maranhense de Futebol Feminino, a Federação Maranhense de Futebol não oferece uma estrutura significativa para manutenção de campeonatos locais, e apresenta poucas informações sobre as mulheres em seu site oficial. A mídia local não acompanha competições locais e limita-se a divulgar resultados pontuais no seu decorrer. Consequentemente, a sociedade local pouco ou nada sabe de sua existência. A presente pesquisa encontrou dificuldades em conseguir informações oficiais sobre o futebol feminino. Como acontece na maioria dos estados, os times femininos maranhenses são extensões dos times masculinos, considerados amadores<sup>35</sup>. Para entender melhor a realidade do futebol maranhense feminino, faz-se necessário conhecer um pouco sobre suas origens.

### **3.2 Era uma vez o Futebol Feminino no Maranhão**

Esta pesquisa contabilizou, aproximadamente, vinte e quatro times de futebol feminino na cidade de São Luís, sendo que cada um dos times pertence a um bairro da cidade, conforme demonstra a Tabela 1 abaixo. Destaca-se que estas informações foram conseguidas através de pessoas que possuem contato direto com os times, uma vez que na Federação não existem estes dados. Os times citados foram contabilizados por participarem de campeonatos que acontecem atualmente na região metropolitana de São Luís.

---

<sup>35</sup> O futebol considerado amador é o não profissional; nesta modalidade, considera-se que as pessoas jogam por *hobby*, não necessariamente visando uma profissionalização.

É importante ressaltar, que a maioria dos times de futebol feminino de São Luís pertence à categoria amadora, não sendo ainda reconhecidos como times profissionais e nem estão filiados à Federação Maranhense de Futebol, pois, segundo relato das jogadoras entrevistadas, o preço para se filiar à Fundação Maranhense de Futebol (FMF), cinquenta mil reais, é muito elevado para a maioria dos donos de times.

**Tabela 1** - Times de Futebol Feminino de São Luís e seus respectivos bairros

<b>TIME</b>	<b>BAIRRO</b>
Barcelona	Parque Jair
Araçagy	Santo Antônio
Nápolis	Bairro de Fátima
Cantareira	Vila Palmeira
Boa Amizade	Sá Viana
Talents	João de Deus
Grêmio	Santa Clara
Estrela	Vila Nazaré
As Meninas	Maracanã
Tropical	Anjo da Guarda
Expressinho	Cohab
Boa Vontade	Parque Jair
Princesas Futebol Clube	Matinha
Fadas da Bola	Parque Jair
Valência	Maracanã
Associação Esporte Clube Trizidela	Trizidela da Maioba
Boa Esperança	Parque Jair
Olímpia	Cidade Olímpica
Raio de Sol	Matinha
Paris Saint-Germain	São Cristóvão
América	Trizidela
Atitude FC	Coquilho – Zona Rural de São Luís
Sampaio Corrêa	São Luís
Moto Club	São Luís

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

Ao longo das entrevistas, observou-se que existiam muitos times de futebol feminino ludovicenses, que foram reconhecidos inclusive em outros estados, contudo não conseguiram se manter devido à falta de patrocínio e de incentivos. Um exemplo é o time denominado Internacional, que existiu no período entre os anos 1995 e 2015, formado por jogadoras do bairro da Cidade Operária, na periferia da capital, que não se manteve por falta de recursos, conforme relata uma das entrevistadas:

Não, não, justamente por causa disso, pela falta de... assim... da infraestrutura, financeiramente também, então, era uma moça, uma senhora que gostava muito, aí ela adoeceu, e a filha dela não conseguiu prosseguir porque ela não tinha o mesmo

amor pelo futebol que a mãe dela. Porque a mãe dela que jogava, ela já não jogava assim. E ela já se envolvia mais por causa da mãe dela, aí ela adoeceu, passou um tempo, ela não pode voltar porque ela não tinha ajuda de custo. Porque ela era aposentada, então às vezes ela tirava do próprio bolso para poder ajudar o time, porque ela gostava do futebol feminino, e ela acabou se... tipo, se familiarizando com as meninas. É tanto que ela trazia meninas do interior, moravam na casa dela, então algumas pessoas que ela conhecia, que tinha comércio, até na Cidade Operária, tinha comércio na feira, tinha uns que ajudavam ela. Mas depois quando foi surgindo outros times, aí algumas foram para outros times, então ela não teve como manter mais, por causa disso (Informação Verbal).

O Internacional era um time de grande renome no meio, ganhando destaque inclusive por participar - e ganhar - algumas edições do Campeonato Maranhense de Futebol Feminino. Segundo a FMF, o time se encontra inativo devido a falta de recursos.

No que diz respeito aos torneios e campeonatos voltados para o futebol feminino, observa-se uma menor periodicidade e permanência destes – uma média de menos de uma década em alguns casos, como o torneio Tati Palácio, que aconteceu em apenas três anos, como é possível observar na Tabela 2 abaixo. Esta menor periodicidade toma proporções maiores quando se comparam os campeonatos voltados para o futebol feminino Maranhense com os de outros estados: no Piauí, por exemplo, em 2016, a Copa Batom estava em sua 28ª edição<sup>36</sup>.

**Tabela 2 - Campeonatos e Competições de Futebol Feminino**

<b>NOME DO TORNEIO</b>	<b>QUEM PROMOVE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>ANO</b>
<b>Copa Batom</b>	Prefeitura de São Luís/Fundação Municipal de Desportos e Lazer (FUMDEL)	Campeonato criado com a finalidade de incentivar a prática do futebol feminino na capital Maranhense	2001, 2002, 2003, 2005, 2007, 2010, 2012.
<b>Campeonato Maranhense de Futebol Feminino</b>	Federação Maranhense de Futebol (FMF) – Departamento de Competições Amadoras	Competição de futebol realizada pela Federação Maranhense de Futebol (FMF), que conta com a participação de times amadores de futebol feminino do Estado do Maranhão. Essa competição abre vaga (ao campeão) para participar do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.	2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016.
<b>Torneio Tati Palácio de Futebol Feminino</b>	Prefeitura de São Luís/Secretaria Secretária Municipal de Desporto e Lazer (SEMDEL)/Fundação	Torneio criado a fim de incentivar a prática do futebol, assim como homenagear as mulheres que incentivam o esporte na capital maranhense, como a secretária	2006, 2007, 2008.

<sup>36</sup> GloboEsporte.com (2016, n. p.).

	Municipal de Desportos e Lazer (FUMDEL)	municipal de Planejamento e Desenvolvimento, Tati Palácio <sup>37</sup> (que dá nome ao campeonato).	
<b>Copa Maria José de Futebol Feminino</b>	Liga de Futebol Amador da Trizidela da Maioba (LIFAT)	A Copa Maria José é uma competição que reúne várias equipes do futebol amador feminino no estado do Maranhão. O nome foi dado em homenagem a uma esportista que morava na Trizidela da Maioba.	2016, 2017.
<b>Copa Ribamareense de Futebol Feminino</b>	Liga de Futebol Amador da Trizidela da Maioba (LIFAT)	Campeonato criado a partir da Copa Maria José de Futebol Feminino. O secretário de esportes de São José de Ribamar foi convidado a assistir a final da Copa Maria José, em 2016, e quis promover um campeonato também em sua cidade. Essa copa promovida com o objetivo de unir as jogadoras não apenas de São Luís, mas de outras cidades do Maranhão.	2016

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

Segundo a entrevistada denominada MCFM, as principais competições não se mantêm devido, principalmente, à falta de patrocinadores e de recursos financeiros, uma vez que as jogadoras não têm condições financeiras para arcar com os custos relativos à inscrição, passagens ou equipagens.

Atualmente, as únicas competições que continuam acontecendo são a Copa Maria José<sup>38</sup>, mantida pela Liga de Futebol Amador da Trizidela da Maioba (LIFAT), que ocorre de janeiro à maio; a Copa Ribamareense de Futebol Feminino, mantida pela LIFAT e pela prefeitura de São José de Ribamar, que ocorre de junho à setembro; e o Campeonato Maranhense de Futebol Feminino, organizado pelo Departamento de Competições Amadoras da Federação Maranhense de Futebol, e considerada a competição mais importante por possibilitar vagas para o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. O Campeonato Maranhense de Futebol Feminino ocorre no período de outubro a dezembro (DADOS DA PESQUISA, 2017).

<sup>37</sup> Tati Palácio foi primeira dama e secretária de Planejamento e Desenvolvimento na gestão do prefeito Tadeu Palácio. Ela pediu exoneração do cargo em 2007.

<sup>38</sup> Maria José Ferreira Lavra (1957-1997) foi uma moradora da área da Trizidela da Maioba, em São Luís/MA. Foi uma grande incentivadora do futebol na região, e sua marca principal era a frase “o gramado agora é de vocês”.

A Copa Maria José destina-se aos times amadores da Região Metropolitana de São Luís<sup>39</sup>. Participam, então, tanto times que já possuem muitos anos de prática quanto times formados apenas para esta competição, como é possível observar na Tabela 3 abaixo.

**Tabela 3** - Times que participaram da Copa Maria José de 2017

<b>TIME</b>	<b>BAIRRO CORRESPONDENTE</b>
Boa Vontade	Parque Jair
Boa Esperança	Parque Jair
Olímpia	Cidade Olímpica
Raio de Sol	Matinha
Paris Saint-Germain	São Cristóvão
Fênix	São José de Ribamar
Valência	Maracanã
Barcelona	Parque Jair
Talentus	João de Deus
Cantareira	Vila Palmeira

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

Apesar da existência de todos esses times, o Campeonato Maranhense de Futebol Maranhense, por sua vez, é disputado apenas por times filiados à Federação Maranhense de Futebol. Como já dito anteriormente, poucos são os times filiados, pois segundo as entrevistadas, o preço a ser pago pela filiação é bastante elevado, e sem patrocínio, a maioria dos times atuantes na capital maranhense permanece na classificação de amadores.

Observam-se, ainda, oscilações no que diz respeito à quantidade de times participando do campeonato maranhense: em 2012 foram seis equipes; em 2015, apenas cinco. A edição de 2016, por sua vez, contou com oito times, sendo distribuídos em dois grupos, conforme a Tabela 4 abaixo.

**Tabela 4** - Times que participaram do Campeonato Maranhense de 2016

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>
Boa Vontade	JV Lideral
Cantareira	Juventude Timonense
Expressinho	-
São José	-
Esporte Clube Viana	-
XV de Novembro	-

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

<sup>39</sup> Região Metropolitana de São Luís (a grande ilha) é formada pelos municípios de São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa e Alcântara.

A mídia local ainda divulga pouco os eventos relacionados ao futebol feminino, consequentemente, nada foi encontrado sobre os eventos passados. Assim, a população pouco sabe sobre os eventos e as jogadoras locais, ficando estas notícias e informações restritas às pessoas que possuem contato direto com as jogadoras e os times, técnicos, e familiares das jogadoras. Essas foram as principais fontes encontradas para esta pesquisa. Acrescente-se, a isso, a dificuldade para encontrar documentos sobre o futebol feminino de qualquer ordem junto à FMF.

As distinções entre o gênero masculino e feminino se evidenciam no futebol, muitas vezes, para além das diferenças de sexo, através do preconceito e discriminação. A luta das mulheres não é pela igualdade, no sentido de eliminar as diferenças, mas de igualar-se em direitos como respeito e dignidade, garantindo condições melhores para sua prática esportiva. Essa construção passa não só por mudanças sociais, mas incluem a subjetividade, uma vez que o convencional estipulado aos sexos ou aos gêneros masculino e feminino pode ser circunstancial, cultural e subjetivo – como poderá ser visto a seguir.

### **3.3 Reflexões sobre Ser-Mulher e Subjetividade**

Ao longo da história sempre houve diferenças entre o que, socialmente, convém ou não ao homem e à mulher. Na Grécia, por exemplo, a liberdade e autogoverno não eram estendidos a todos, mas apenas aos homens gregos. As mulheres, por sua vez, não tinham direito a esta liberdade, estando sujeitas à restrição da sua presença nas ruas e ao confinamento em casa. Esta separação era feita nos termos masculino-público e feminino-privado. Assim, à mulher não era permitido conhecer nada além daquilo que ela pudesse utilizar no ambiente doméstico – estando os conhecimentos variados (artes, filosofia, entre outros) associados ao masculino (ANDRADE, 2011).

O ideário de que à mulher pertenceria o âmbito do privado e, ao homem o âmbito público e da cultura, perdurou por vários séculos. Segundo Borges (2005), por exemplo, Immanuel Kant, no século XVIII, afirmou que à mulher não caberia ser inteligente. Caberia a ela ser leve e não carregar o fardo pesado identificado como o conhecimento, cabendo este papel aos homens.

Graças a este ideário, historicamente foram atribuídos diversos papéis à mulher, sob a justificativa de que, por conta de sua constituição biológica, o papel de mãe e dona de casa, por exemplo, seriam exclusivos a ela – sendo excluída ou impossibilitada de executar papéis que divergissem desses. Segundo Duarte (2016), a condição feminina pode ser

resumida em um velho ditado: à mulher só é permitido sair de casa três vezes, para batizar, casar e enterrar (SOUSA, 2007; FERREIRA, 2012; MACEDO, 2014).

Não caberia a elas, então, o âmbito do público das discussões acadêmicas e políticas – ou qualquer coisa que se desviasse do ideário de mulher enquanto mãe e cuidadora. Na França, por exemplo, a mulher não era vista como cidadã – termo que cabia apenas aos homens, segundo a Constituição Francesa de 1791. Em represália a este documento, Mary Wollstonecraft (1759-1797) escreveu, em meados de 1792, “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, que vem tornar público os prejuízos causados às mulheres pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica, além dos efeitos negativos da proibição das mulheres aos direitos básicos – o que as tornava dependentes dos homens ao seu redor. Segundo a autora, esta situação da mulher não era recente. Datava, inclusive, de épocas muito remotas (WOLLSTONECRAFT, 2016).

Não voltarei aos remotos anais da Antiguidade para traçar a história da mulher; é suficiente admitir que ela tem sido sempre ou uma escrava, ou uma déspota e assinalar que cada uma dessas situações retarda igualmente o progresso da razão. Em minha opinião, a grande fonte do vício e da insensatez femininos é a estreiteza da mente, e a própria constituição dos governos civis tem colocado obstáculos quase insuperáveis para impedir o cultivo do entendimento feminino; no entanto, a virtude não pode basear-se em outros fundamentos! (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 80).

“Reivindicação dos Direitos da Mulher” foi escrito em um contexto de intensas transformações sociais: meados do século XVIII, em meio às revoluções<sup>40</sup> que traziam as demandas de uma sociedade que ansiava por mudança. Esta obra representa, então, a necessidade de mudança, também no que diz respeito à situação da mulher – que ainda se encontrava excluída dos avanços alcançados, tanto na área social, quanto política e educacional.

Assim, educada para ser boa mãe e boa esposa (ao satisfazer as necessidades do marido), a mulher não percebia uma forma outra de existir que não esta.

Nesse sentido, cada indivíduo constitui um mundo em si mesmo. Evidencia-se mais em uns do que em outros, mas a natureza da razão deve ser a mesma em todos, se o vínculo que une a criatura a seu Criador é uma emanação da Divindade. Pode ser uma alma que não se aprimora pelo exercício de sua própria razão levar a marca da imagem celestial? Enfeitada exteriormente com apurado capricho para agradar ao homem “a quem ela tem a honra de amar”, à alma feminina não se concede essa distinção; com o homem sempre colocado entre ela e a razão, é sempre representada como se tivesse sido criada apenas para enxergar de modo nebuloso e aceitar as coisas em confiança. Mas, se dispensarmos essas teorias ilusórias e considerarmos a mulher como um todo, da maneira como deve ser, e não como parte do homem, a

---

<sup>40</sup> Revolução Industrial, que diz respeito a uma série de mudanças ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, e a Revolução Francesa, que ocorreu de 1789 a 1799.

pergunta seria se ela possui razão ou não. Em caso afirmativo, o que por hora admitirei, ela não foi criada meramente para ser o consolo do homem, e o caráter sexual não deveria destruir o caráter humano (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 78).

A visão biologicista, que presenteava cada ser humano com uma bagagem determinada pelo seu sexo biológico, começa então a ser repensada em prol de uma visão que leva em consideração mais a bagagem construída sobre as experiências do ser humano enquanto existente do que qualquer característica *a priori*.

Diversos movimentos isolados visaram mudar essa situação, mas nenhum deles teve tanta adesão por parte das mulheres como o Movimento feminista. Tal movimento recebeu esse nome por incluir um conjunto de manifestações que visavam a uma divisão igualitária de poderes sociais entre homens e mulheres – na qual não houvesse a supremacia de um sobre o outro, mas que ambos tivessem direitos e deveres equivalentes. O Movimento Feminista foi dividido em duas ondas: a primeira, identificada com o momento do sufrágio feminino<sup>41</sup>, e a segunda, caracterizada pela abertura para as mulheres dentro das universidades e nos demais centros acadêmicos (LOURO, 2014).

Devido ao movimento sufragista, na passagem do século XIX para o século XX, as manifestações em prol dos direitos da mulher, através da ampliação do direito ao voto e contra a discriminação feminina, ganharam uma ampla visibilidade. Segundo Louro (2014), suas metas visavam predominantemente ao interesse das mulheres brancas de classe média – excluindo, deste modo, as mulheres pobres e negras das periferias – e a consecução dos mesmos levou a uma acomodação do movimento (MACEDO, 2014).

A partir do final da década de 1960 teve início a chamada segunda onda do feminismo, cujos objetivos incluíam, além das situações já problematizadas pela primeira onda, preocupações relativas ao âmbito social e político e as construções teóricas propriamente ditas, no seio das universidades e centros acadêmicos. Nesse momento de intenso debate entre estudiosas e militantes, o conceito de gênero começa a ser produzido e problematizado (LOURO, 2014).

A distinção entre sexo e gênero se estabelece nos seguintes termos: o “sexo” (fêmea/macho, homem/mulher) diz respeito ao aparato biológico do qual cada sujeito é composto, ou seja, ovários, útero, vagina e seios caracterizam as fêmeas humanas, enquanto que escroto e pênis caracterizam os machos humanos. O “gênero” (feminino/masculino), por

<sup>41</sup> O sufrágio diz respeito ao poder dado aos cidadãos de participar direta ou indiretamente da política de determinado país; nesse sentido, o voto seria um dos exemplos de exercício do sufrágio. O movimento sufragista, relativo à primeira onda do feminismo, ganha visibilidade por lutar pelo direito da mulher também participar da vida política do país através do voto, uma vez que, até então, apenas aos homens era permitido o acesso à vida política e social (PAES, 2013).

sua vez, diz respeito a um aparato de questões sociais e culturais que constituem os sujeitos. O gênero transcende as questões puramente biológicas, representadas pelo sexo (PISCITELLI, 1997; ARAÚJO, 2005; CARLOTO, 2001).

Esta distinção foi fundamental, pois impulsionou reflexões sobre o determinismo biológico nos papéis e estereótipos relacionados à mulher (GOELLNER, 2003a). Ser mulher ou ser homem passa, então, a ser considerado não apenas relativo às características biológicas, mas também, e, principalmente, a partir das características sociais e culturais que são atribuídas a cada ser humano.

Sobre isso, Louro (2014, p. 25) comenta que:

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim o que socialmente se constitui sobre os sexos.

Começa-se, então, a refletir sobre as características sexuais e sua função normalizadora dos papéis sociais. Essa discussão levou ao questionamento e à problematização sobre o lugar que o sexo biológico vinha ocupando até então na produção de estereótipos sobre homens e mulheres.

Entre as estudiosas da segunda onda destacam-se as francesas Simone de Beauvoir (1908-1986) e Monique Wittig (1935-2003), e as americanas Betty Friedan (1921-2006) e Kate Millett (1934 -)<sup>42</sup>.

Simone de Beauvoir teve grande contribuição dentro da segunda onda do feminismo, assim como nas discussões entre sexo e gênero. Em sua obra clássica “O Segundo Sexo”, publicada pela primeira vez em 1949, Beauvoir traz o resultado dos seus estudos nos campos histórico, político, filosófico e biológico para discutir a situação da mulher – a formação da sua identidade e os estereótipos presentes ao longo de suas vidas. Para a filósofa francesa, o ser-mulher não é determinado pela biologia. Aliás, nada pode determinar o que é ser uma mulher.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; o conjunto da civilização que elabora esse produto

<sup>42</sup> A problemática da segunda onda era diversa. O grupo de Betty Friedan problematizava a vida profissional da mulher; o grupo de Kate Millet questionava o direito à liberdade sexual; Monique Wittig trazia a relação entre os sexos como uma relação de classes, enquanto que Simone de Beauvoir trazia uma visão mais ampla e aberta em seus escritos, por isso seu livro de maior destaque, “O Segundo Sexo”, foi amplamente utilizado por diversas correntes.

intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o Universo (BEAUVOIR, 2009, p. 361).

A mulher, devido ao lugar que lhe foi dedicado, é o Outro, o “segundo sexo” – sendo o “primeiro sexo” o masculino, aquele que tem voz e prioridades que lhe foram conferidas social e historicamente.

Para Beauvoir (2009), assim como para Wollstonecraft (2016), a situação da mulher, isto é, o seu enclausuramento no âmbito da casa e da restrição de suas potencialidades é causado, em grande parte, por um movimento de ordem ideológica que se tornou naturalizado, e não por caracteres de ordem biológica. Nesse sentido, não se pode falar em uma essência feminina imutável e universal.

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino – reinado da vida, da imanência – tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura a sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é uma prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade (BEAUVOIR, 2009, p. 104).

Assim, a subjetividade implícita no ser-mulher não pode ser determinada por um *a priori*, nesse caso, o aparato biológico. A subjetividade se constrói na objetividade do mundo, através das vivências experienciadas e que são particulares a cada mulher – como cada uma vivencia situações diversas ao longo de suas vidas.

Além de Simone de Beauvoir, outra autora muito importante na segunda onda do movimento feminista foi Monique Wittig. Para esta pensadora, a categoria sexo, que tem por base a biologia, funciona como uma categoria política e ideológica que se destina a oprimir as mulheres. Segundo esta autora, esta opressão se justifica justamente porque a biologia é colocada como a razão das diferenças entre os sexos. Nesse sentido, e inspirada em Karl Marx e Friedrich Engels, apenas uma luta de classes poderia reverter a situação na qual as mulheres se encontram (WITTIG, 1981, 1982).

A contínua presença dos sexos e a dos escravos e dos amos provém da mesma crença. Como não existem escravos sem amos, não existem homens sem mulheres. A ideologia da diferença sexual opera em nossa cultura como uma censura, na medida em que oculta a posição que existe no plano social entre homens e as mulheres colocando a sua natureza como causa. Masculino/feminino, macho/fêmea

são categorias que servem para dissimular o feito de que as diferenças sociais implicam sempre em uma ordem econômica, política e ideológica. Todo sistema de dominação cria divisões no plano material e econômico (WITTIG, 1982, p. 22, traduzido pela autora).

Segundo Wittig (1981, 1982), a categoria sexo não possuía existência *a priori*; ela começou a existir a partir da existência da sociedade. Assim, a dominação masculina não pode ser considerada natural, mas social, assim como o sexo deixa de possuir o caráter puramente biológico e adquire, então, caráter político e social. Contudo, se as relações entre homens e mulheres são vistas como naturais, acabam por não serem questionadas e, deste modo, não são modificadas.

O sexo, então, seria o produto de uma sociedade heterossexual, que impõe às mulheres a obrigação de reprodução: de reprodução para uma sociedade heterossexual. Ainda de acordo com Wittig (1982), a reprodução consiste em um trabalho, realizado pelas mulheres, cujo produto é completamente apropriado pelos homens –, assim como o trabalho da classe trabalhadora é completamente apropriado pela classe dominante. E como esta apropriação das mulheres e do seu produto é realizada? Através do contrato do casamento.

Questiona Wittig (1981), ainda, o que é ser uma mulher, levando em consideração as mulheres que se identificam como lésbicas<sup>43</sup> - que, por não se casarem com homens, não possuem filhos e filhas e não procriarem, muitas vezes são excluídas do seio das questões do feminismo.

Ter uma consciência lésbica supõe não esquecer nunca até que ponto ser “a mulher” era para nós algo “contra natural”, algo limitador, totalmente opressivo e destrutivo nos velhos tempos anteriores ao movimento de libertação das mulheres. Era uma construção política e aquelas que resistiam eram acusadas de não ser “verdadeiras” mulheres. Pois então estávamos orgulhosas disso, porque na acusação havia algo como uma sombra de triunfo: o reconhecimento, pelo opressor, de que “mulher” não é um conceito tão simples, porque para ser uma, era necessário ser uma “verdadeira”. Ao mesmo tempo, éramos acusadas de querer ser homens. [...] Assim, uma lésbica deve ser qualquer outra coisa, uma não-mulher, um não-homem, um produto da sociedade e não da “natureza”, porque não há “natureza” na sociedade (WITTIG, 1981, p. 35, traduzido pela autora).

Através da discussão sobre a situação da mulher homossexual, Wittig (1981) problematiza o que é ser mulher: é apenas ter ovários e um útero? É poder ter filhos? É ser casada com um homem? Segundo Wittig (1981), o termo “mulher” está associado ao termo

---

<sup>43</sup> “Lésbicas” é o termo utilizado para e referir a mulheres cuja orientação afetiva e sexual é homoafetiva. A autora Wittig utiliza estes termos em seus escritos, em especial no artigo “No se nace mujer” (1981).

“homem”, em uma espécie de binarismo, enquanto que as lésbicas pertencem a um grupo que recusa veementemente estar inserido no âmbito da heterossexualidade compulsória<sup>44</sup>.

As contribuições das pensadoras mencionadas sobre o gênero foram importantes também por fomentar outros estudos, como o pós-estruturalismo, no qual despontam os estudos da filósofa americana Judith Butler<sup>45</sup>, uma das autoras contemporâneas de maior destaque dentro do pós-estruturalismo, por ir além, problematizando que não apenas o gênero é construído socialmente, mas o sexo também.

Segundo Butler (2013, 2016), o sexo é tão culturalmente construído quanto o gênero, uma vez que, mesmo antes de nascer, o sujeito já está imerso no discurso. Não existe, segundo a autora, um dado biológico puro que recebe a significação da cultura, pois antes mesmo de nascer, a criança já recebe a influência dos signos sociais. Para essa autora, o sexo passa de dado biológico a determinante social, porque é ele que marca e determina quem ou o que é o sujeito – e, por extensão, aquilo que ele não é.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revele-se absolutamente nula (BUTLER, 2016, p. 27).

Além disso, ainda segundo Butler (2016), não há como recorrer a um corpo que não tenha sido significado desde o início. No entanto, é importante ter o cuidado de não cair em outra armadilha: considerar a cultura, em vez do sexo, o destino ao qual as pessoas se encontram presas.

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2016, p. 28-29).

---

<sup>44</sup> O termo “heterossexualidade compulsória” diz respeito à ordem correspondente à sociedade, sendo que esta possui características estritamente heterossexuais. Assim sendo, qualquer coisa diferente da heterossexualidade é inaceitável.

<sup>45</sup> Judith Butler americana nascida em 1956. Suas obras de maior destaque são “Corpos que Pesam: Os limites discursivos do ‘Sexo’” (1993) e “Problemas de Gênero” (1990), sendo este último considerado de extrema importância nas discussões sobre a Teoria Queer. Ver mais em: 1. LOURO, G. L. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 2. SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 3. MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012 (Série Cadernos da Diversidade, 6).

Segundo Butler (2013), longe de determinismos de qualquer ordem (seja biológico, seja cultural), as pessoas estão constantemente atuando os seus papéis sociais, a fim de demarcarem, permanentemente, os seus lugares sociais. Ela utiliza, então, o termo “performatividade”, ou seja, a “[...] prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2013, p. 154), para tratar da forma como os sujeitos se relacionam com seus pares socialmente. Nesse sentido, não há uma identidade construída; ela está sempre em performativa construção (LOURO, 2013; SOUSA, 2007).

Afirma ainda Butler (2013, 2016), que a sociedade se instalou sobre a norma binária macho/fêmea, homem/mulher, visando à reprodução em um sistema de heterossexualidade compulsória. Deste modo, aqueles que seguem a correspondência (normativamente) coerente entre sexo, gênero, desejo e prática sexual são denominados “gêneros inteligíveis”.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2016, p. 26, grifo nosso).

Aqueles que não seguem essa correspondência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual pertencem ao campo dos abjetos (estranhos, excluídos). Sendo estes os que fogem à norma culturalmente estabelecida, são também os que mais sofrem com preconceitos e discriminações. Por isso, são os alvos das pedagogias corretivas, que visam “corrigir” aquilo que não corresponde às normas sociais (LOURO, 2016). No dia a dia, os abjetos seriam todos (todas) aqueles (aquelas) que fogem à norma estipulada socialmente: por exemplo, as mulheres que não desejam casar nem serem mães; as/os transexuais, os homoafetivos e os travestis.

É importante ressaltar que Judith Butler, com seus estudos sobre os abjetos, trouxe contribuições importantes para o campo de estudos *Queer*, no qual questiona as noções clássicas e naturalizadas sobre sujeito, identidade e identificação. A ideia central é de se opor

à normalização, em especial a representada pela heteronormatividade compulsória: isto é, a ideia predominante de que a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática devem seguir, obrigatoriamente, a matriz heterossexual (BUTLER, 1990).

No século XXI, segundo Louro (2004), as discussões sobre o gênero se encontram ampliadas, a fim de abarcar as demandas pessoais – que podem estar atreladas a apenas uma identidade de gênero, ou a mais de uma.

Nesse quadro, parecem também se tornar mais visíveis as complexas articulações e combinações entre as várias identidades constituintes dos sujeitos sociais. Já não se pode trabalhar com a ideia de uma identidade una, estável e coerente que “explique” o sujeito e sua história. É preciso admitir que, nesses tempos de pós-modernidade, o sujeito é, simultaneamente, “muitas coisas”, ou melhor, é constituído de muitas identidades. Transitórias e contingentes, inacabadas e históricas, as identidades são vividas, frequentemente, com tensões e conflitos. Sob essa perspectiva, torna-se cada vez mais problemático operar dentro da ótica dicotômica que supõe um polo masculino dominante e um polo feminino dominado. Todos os cruzamentos – de raça, de classe, de nacionalidade, de sexualidade – complicam essa análise esquemática (LOURO, 2004, p. 205).

Assim, atualmente admitem-se denominações diferentes a fim de apreender as diferentes formas de expressão da sexualidade, tais como as abaixo, mencionadas por Jesus (2012):

- A Identidade de gênero, que diz respeito à construção de uma identidade a partir de um, ou mais de um gênero. Assim, tem-se o cisgênero (aquele que se identifica com o gênero que nasceu), transgênero (aquele que não se identifica com o gênero que nasceu), e as pessoas com sexo fluido (como as *drag queens*);

- A Orientação sexual, que diz respeito à atração afetivo-sexual da pessoa. Esta nomenclatura inclui os homossexuais (atração pelo sexo oposto), heterossexuais (atração pelo mesmo sexo), assexuais, bissexuais e pansexuais.

Ressalta-se, então, que a construção do ser-pessoa não diz respeito a caracteres *a priori*. Relaciona-se, antes, ao ambiente social, tendo por finalidade a construção da subjetividade – sendo esta aqui compreendida enquanto parte de um processo, e não algo que o sujeito apreende para si e passa a ser sua. Trata-se, antes, de um processo relacional, no qual o sujeito transforma seu mundo circundante na medida em que por este é transformado (GONZÁLEZ REY, 2003).

Em uma tentativa de colocar o sujeito enquanto ativo, e não apenas passivo, nos processos sociais, González Rey (2003) introduz o conceito de “subjetividade social”,

rompendo a barreira entre o sujeito e a sociedade, passando a compreender processos que se inter-relacionam: o sujeito constitui a sociedade e, simultaneamente, é por ela constituído<sup>46</sup>.

Ao introduzir a categoria de subjetividade social tinha a intenção de romper com a ideia arraigada nos psicólogos, de que a subjetividade é um fenômeno individual, e apresenta-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 202).

O ser humano se modifica na medida em que vivencia as diferentes situações dos diferentes contextos sociais, ao longo dos diferentes momentos de sua vida – não havendo, portanto, predeterminação no que diz respeito à sua subjetividade, uma vez que esta se constrói a partir das experiências intersubjetivas e na relação social.

Nesse sentido, tem-se que as pessoas constroem a sua subjetividade a partir de suas experiências, da sua relação com o mundo. Este tipo de pensamento se contrapõe ao modelo essencialista<sup>47</sup> ou biologicista, permitindo pensar de forma mais abrangente sobre diversos assuntos, entre os quais as questões relativas ao sexo, por exemplo.

Assim, pensar no sexo feminino a partir da concepção biológica significa pensá-lo restrito aos aparatos orgânicos (útero, ovários, vagina, seios), além de outras características fisiológicas atreladas à maternagem, como a guarda do feto na gestação, a nutrição no período pós-parto, e papéis relativos ao cuidado e ao cuidar. Outras vivências e experiências constitutivas da subjetividade das mulheres no período da gestação, como o sentido de ser mãe, como se sente em relação ao filho que está por vir, entre outros são ignoradas em detrimento de tais determinantes apriorísticas de suas ações.

Por estarem fugindo à norma estipulada e estereotipada socialmente, que atribui à mulher fragilidade e delicadeza, muitas mulheres que praticam esportes são caracterizadas socialmente como “masculinas”, e como o futebol, podem também ser inclusas no campo dos sujeitos abjetos – e, nesse sentido, acabam sendo reconhecidas como pertencentes a uma identidade de gênero e/ou orientação sexual a qual, na realidade, não condiz.

<sup>46</sup> Segundo González Rey (2003), a divisão entre uma psicologia social psicológica (com foco apenas nos sujeitos) e uma psicologia social sociológica (com foco apenas nos modos de organização social) incentivou a separação entre sujeito e sociedade, colocando-os como partes indissociáveis e sem possibilidade de estabelecer uma relação entre ambos.

<sup>47</sup> O pensamento Essencialista pressupõe o homem enquanto sujeito predeterminado: este possui uma essência, que já nasce com ele, e que é imutável e independente das experiências concretas que este venha a vivenciar (ANDRADE, 2007).

Vale ressaltar que as normas sociais podem diferir culturalmente, e que esse estudo aborda a realidade brasileira, em especial a maranhense. Em outros cenários a relação mulher e futebol, ou com outra modalidade esportiva, pode ocorrer de forma diferenciada.

Quando o determinismo biológico e o cultural saem de cena, é possível perceber as nuances do processo de desenvolvimento das pessoas – tanto meninos quanto meninas. Assim, a partir do momento em que se descobre o sexo da criança, esta é inserida em uma categoria – macho ou fêmea. Essa categorização é importante, pois, socialmente, é ela que regula os modos como os indivíduos são tratados, os papéis que desempenham na sociedade e as expectativas em relação ao modo como devem se portar, se comportar, conduzir as suas vidas (LOURO, 2013; PAECHTER, 2009; FINE, 2012).

A declaração ‘É uma menina!’ ou ‘É um menino!’ Também começa uma espécie de ‘viagem’, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo (PAECHTER, 2009, p. 15).

Conforme exposto, o processo de apreensão dos papéis e normas sociais se inicia antes mesmo da concepção, quando cada ser humano planeja a forma de criação dos filhos. Quando, após a concepção e ainda no útero, se descobre o sexo da criança, os pais começam a se preparar para o nascimento da mesma – sendo que esse preparo inclui um enxoval de roupas e de expectativas sobre este novo ser.

Após o nascimento, segundo Paechter (2009), a criança é automaticamente integrada a uma comunidade de prática de masculinidade/feminilidade, que, segundo a autora:

[...] é, em um sentido bastante simples, uma comunidade em que seus membros se engajam em uma prática compartilhada. Novatos, nessas comunidades, desenvolvem sua habilidade nas práticas por meio da “participação periférica legítima” [...]. Esse tipo de participação permite a um novato participar nos aspectos periféricos da prática da comunidade e ser reconhecido ao fazê-lo ao mesmo tempo em que é iniciado, de forma gradual, nas práticas mais centrais e complexas (PAECHTER, 2009, p. 16-17).

As crianças, ao nascerem, já seriam inseridas nas comunidades de prática para a apreensão das normas e regras sociais a partir das vivências compartilhadas: as meninas apreendem o que é ser menina e mulher, de acordo com os papéis sociais e estereótipos relacionados, a partir da observação e da imitação das ações das mulheres que estão ao seu redor. Nesse sentido, e pelo fato de estarem sempre inseridas em comunidades de prática, as pessoas estão em constante observação e aprendizado. Elas estão, segundo Butler (2013, 2016), Louro (2013) e Salih (2015), em constante performatividade.

É importante ressaltar que nessas observações as pessoas aprendem não apenas o que podem, como também o que não podem fazer, enquanto membros da comunidade de prática feminina, uma vez que a afirmação do que podem ser traz implícita a demarcação daquilo que se constitui enquanto a sua diferença, o seu oposto, aquilo que não é desejável socialmente. Nesse sentido, se uma menina vê as mulheres ao seu redor usando batom e vestido, ela aprenderá que batom e vestido devem ser utilizados por mulheres; se a menina vê apenas homens praticando esportes, ela apreenderá que os esportes são praticados apenas por homens – e, por extensão, que não podem ser praticados por mulheres (LOURO, 2014; CAPITANIO, 2010).

As formas como esse relacionamento se dá podem se modificar ao longo do tempo, uma vez que estão intrinsecamente relacionadas à cultura e à sociedade – e estas podem variar de acordo com o seu momento histórico. Assim, as atribuições do que é ser mulher ou ser homem mudam por estarem diretamente relacionados ao contexto histórico (GOELLNER, 2003b; LOURO, 2014, 2013; SOUSA, 2007; PAECHTER, 2009; VON MÜHLEN; GOELLNER, 2012; DEL PRIORI, 2013; PARKER, 2013).

Nesse sentido, a formação da identidade das pessoas diz mais de uma trajetória de aprendizagem, através das vivências experienciadas no mundo da vida, em um cenário histórico, do que de qualquer tipo de determinismo (seja biológico, seja social): o ser humano está em constante abertura ao mundo e suas normas e papéis sociais. No entanto, ele é livre para escolher e dar sentido às relações que pode estabelecer, bem como às possibilidades de existir no mundo.

O fato de considerar que os seres humanos não são determinados, e que possuem o poder de escolha diante das possibilidades dadas, significa que os papéis e estereótipos também não são fixos. Nesse sentido, há a possibilidade de mudança, escolha ou questionamento de um posicionamento pessoal, para seguir ou não às normas sociais pré-determinadas. Isso vale, também, para as diferentes identidades de gênero.

Assim, a subjetividade não advém de uma essência: trata-se, antes, de um processo constitutivo na relação do ser com o mundo. Cada ser constitui-se uma existência humana, a partir de suas vivências e experiências pessoais no mundo concreto, sem que isso o desqualifique ou as restrinja em seu modo de ser, sem distinção de gênero. É importante ressaltar que este pensamento corrobora com a perspectiva fenomenológica e existencial, conforme se verá a seguir.

### 3.3.1 A construção da subjetividade e a Fenomenologia Husserliana

O nome “fenomenologia”, etimologicamente, deriva de duas palavras gregas: *phainomai*, que significa mostrar-se, aparecer, brilhar, e *logos*, que significa discurso, dizer racional. Deste modo, a fenomenologia se ocupa, prioritariamente, daquilo que aparece, que se revela à consciência; seu objeto de interesse será o conhecimento que se apresenta na “consciência pura”.

Contudo, é importante ressaltar que este “aparecer à consciência” não diz respeito apenas às coisas externas, àquilo que aparece à experiência sensível, mas, também, e principalmente, àquilo que aparece à consciência em todas as significações possíveis. Nesse sentido, o fenômeno seria, então, tudo o que aparece no campo da consciência, enquanto algo puro e absoluto, e que precisa ser considerado enquanto tal (ALES BELLO, 2000; GOTO, 2008; SOUTO, 2014).

O ser humano é um ser que conhece e está sempre apto a conhecer, por isso diz-se que a consciência é fundamentalmente intencional, isto é, voltada para o mundo, consciência de algo que é diferente dela mesma. A consciência se volta para fora de si mesma, visando o conhecimento através do contato com o mundo objetivo. Este conhecimento pode ocorrer tanto pelas vivências das coisas que se mostram, quanto pelas coisas mesmas, ou seja, os fenômenos. Deste modo, tem-se, na fenomenologia, um estudo das vivências intencionais enquanto fontes de conhecimento.

Se nas vivências temos as coisas que aparecem à consciência e, além disso, também as coisas simplesmente dadas, isso significa que há nas vivências dois polos intencionalmente ligados, correlacionados. [...] Trata-se de uma correlação indissociável entre a consciência e o objeto presente que acontece em nossas vivências (GOTO, 2008, p. 70).

Sobre as vivências, importante se faz ressaltar que elas são compostas por duas partes: o ato que visa, ou *noese*, que capta os dados e os dota de sentido, e a coisa visada, ou *noema*, que é o próprio sentido. Ou seja, a *noesis* é “[...] O processo de sintetizar os vários momentos da experiência [...]”, enquanto que “O noema de um processo mental [...] é aquilo em virtude do que o processo é dirigido a um objeto, independentemente de se objetos existirem ou não [...]”, ou seja, devendo ser distinguido do próprio objeto (CERBONE, 2014, p. 51).

Para que a relação entre *noese* e *noema* possa ocorrer, faz-se necessário que se deixe ver, por si mesmo, o que aparece na experiência. A este processo, Husserl (2006)

denominou de “retorno às coisas mesmas” (*zu den Sachen selbst*), e traz implícita a exigência de focar na aparição imediata das coisas, sem recorrer às teorias filosóficas ou científicas sobre as mesmas. A ideia aqui é deixar ver as coisas como elas aparecem em seu pleno sentido, a fim de reconduzir às vivências originárias (vivências mesmas). A esta recondução Husserl denominou de “redução”, uma vez que é preciso reduzir todo o conjunto de crenças, opiniões, ideias, teorias, a fim de que o fenômeno possa ser apreendido em sua plenitude (GOTO, 2008; ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Tudo aquilo que vale para mim mesmo, vale também, como sei, para todos os outros seres humanos que encontro no mundo que me circunda. Ao ter experiência deles como seres humanos, eu os entendo e aceito como eus-sujeito, assim como eu mesmo sou um, e como referidos ao mundo natural que os circunda. Isso, porém, de tal modo que aprenda o mundo circundante deles e o meu como um só e mesmo mundo, que vem à consciência, embora de maneira diversa, para todos nós. Cada um tem seu lugar, a partir do qual vê as coisas disponíveis, e respectivamente ao qual elas se manifestam diferentemente para cada um deles. Os atuais campos de percepção, de recordação etc., também são diferentes para cada um, sem contar que também aquilo de que estão intersubjetivamente conscientes vem à consciência de modos diferentes, em diferentes modos de apreensão, em diferentes graus de clareza etc. A despeito disso tudo, nós nos entendemos com nossos próximos e estabelecemos em conjunto uma realidade espaço-temporal objetiva *como mundo que nos circunda, que está para todos aí, e do qual, no entanto, nós mesmos fazemos parte* (HUSSERL, 2006, p. 76-77, grifo do autor).

Observa-se, assim, que o interesse da fenomenologia não é só no dado objetivo, mas em como a consciência apreende os dados objetivos fornecidos pelo mundo circundante, assim como a forma que este dado toma após ter sido suspensa qualquer posição empírica (ALES BELLO, 2000). Ressalta-se, ainda, que a importância primordial da fenomenologia é justamente a percepção de que, apesar de um mesmo dado objetivo circundante, cada sujeito possui a sua forma peculiar de apreender estes dados objetivos, transformando-os em dados subjetivos.

Nesse sentido, observa-se que a perspectiva fenomenológica se mostra avessa a determinações – corroborando, também, com as discussões sobre a formação do ser-pessoa, expostas ao longo deste trabalho. Assim, o que significa ser homem ou mulher não pode ser determinado pelas características fisiológicas de um determinado sexo. O ser humano se define a partir do momento em que é lançado ao mundo e se relaciona com ele, e torna-se uma existência. Ainda que tenha uma configuração biológica específica, o que a define subjetivamente, isto é, o que dá sentido à existência humana está para além dos aspectos biológicos e fisiológicos. O mesmo ocorre com a concepção de gênero.

Ressalta-se que a formação da subjetividade para a fenomenologia se constitui a partir das relações entre o mundo externo, as experiências pessoais vivenciadas ao longo de

suas trajetórias – sem a presença de *a priori* ou qualquer coisa do tipo (MISSAGGIA, 2016). Assim, tem-se que as discussões atuais sobre gênero encontram eco numa perspectiva fenomenológica, quando considera o ser-humano um vir-a-ser constante, ou seja, por não possuir uma essência que o determine, está em constante devir, em um processo de permanente construção da sua subjetividade a partir das experiências e vivências cotidianas.

Desse modo, no âmbito esportivo também é possível visualizar essa realidade. Cada ser pode se constituir praticante de qualquer modalidade, e suas características biológicas não se tornam fator limitante. A prática de uma modalidade esportiva é mais uma via para realizar-se existencialmente no mundo concreto, seja através do futebol ou de qualquer outra modalidade. Todas as alternativas de prática esportiva podem se apresentar como possibilidades para homens, mulheres ou outra forma de gênero ou de identidade de gênero. Desse modo, os problemas para se pensar gênero estão presentes para ambos os sexos, mas em função dos objetivos dessa pesquisa, delimita-se o olhar para a perspectiva de gênero feminino, especificamente, na sua relação com o futebol.

Conforme exposto, muitos avanços já foram possíveis às mulheres, mas muitos obstáculos permanecem. Mesmo com a conquista de mais espaço na sociedade, as mulheres ainda passam por diversas situações, e os dados são ainda alarmantes quando se fala em violência contra a mulher, fruto em grande parte dos estereótipos que ainda permanecem arraigados no pensamento social.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em Brasil (2017a), só no período do Carnaval do ano de 2017, a Central de Atendimento à Mulher (180) registrou 2.132 atendimentos a mulheres vítimas de diversos tipos de agressão: 1.136 contatos denunciando agressão física, seguido da violência psicológica com 671, e da violência sexual, com 109 ligações. É importante ressaltar que houve um aumento de 87,93% nos atendimentos relativos a relatos de violência sexual quando comparado com o Carnaval de 2016, o que pode ser justificado pelo aumento das campanhas de conscientização da violência contra a mulher.

Segundo dados do Datafolha, evidenciados por Santos (2017), só em 2016 a estimativa era de que uma a cada três mulheres sofriam algum tipo de violência – sendo que, em se tratando de violência física, a estimativa era de 503 mulheres vítimas a cada hora.

Além disso, os dados do Datafolha ainda mostram que 22% das mulheres sofreram ofensa verbal em 2016, um total de 12 milhões de mulheres, 10% das mulheres sofreram ameaça de violência física, 8% sofreram ofensa sexual, 4% receberam ameaça com

faca ou arma de fogo, 3% (ou 1,4 milhões de mulheres) sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento, e 1% levou pelo menos um tiro.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, apesar de em 2016 as mulheres já ocuparem 44% das vagas no mercado de trabalho (em comparação a 2007, por exemplo, que elas ocupavam 40,8% das vagas)<sup>48</sup>, ainda se observa que quanto maior o nível hierárquico e de escolaridade, menor é a participação das mesmas: elas representam 37% dos cargos de direção e gerência, enquanto que nos comitês executivos de grandes empresas elas representam apenas 10% no Brasil (ALMEIDA, 2017).

Segundo os dados do IBGE, a renda média nacional do brasileiro é de R\$ 2.043: os homens ganham, em média, R\$ 2.251, enquanto que as mulheres recebem R\$ 1.762 - uma diferença de R\$ 489 (KOMETANI, 2017).

No que tange ao universo esportivo, observamos a mesma discrepância entre homens e mulheres. Tudo começa na infância, quando as meninas começam a se interessar pelas diferentes modalidades esportivas – contudo, acabam sendo barradas em muitas modalidades. A única que nas quais é melhor aceita, e nas quais se observa menos preconceito, é o voleibol (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2016).

Segundo dados da Comissão de Turismo e Desporto (2013), quando adultas, a situação não muda. A participação feminina nos esportes continua consideravelmente menor, em grande parte devido à falta de incentivos – quando comparado, por exemplo, às modalidades masculinas.

Neste sentido, observa-se a importância de mais estudos que retratem a realidade das modalidades femininas.

---

<sup>48</sup> Brasil (2017b).

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos, a presente pesquisa seguiu um percurso metodológico composto de três etapas: a primeira, um levantamento bibliográfico prévio sobre o tema em questão; a segunda, uma entrevista semiestruturada, composta por dados sociográficos das entrevistadas e uma pergunta aberta disparadora. O instrumento foi aplicado em jogadoras de futebol que atuam na capital do estado.

Houve, ainda, uma terceira etapa relativa à análise de dados, e que será abordada no capítulo 5.

O levantamento bibliográfico incluiu autores com estudos e obras que versam sobre gênero e esporte, história do futebol no Brasil, história do futebol feminino e fenomenologia. Os materiais pesquisados variam entre livros, artigos, *sites* e trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), disponíveis tanto em forma impressa quanto em meio eletrônico.

As fontes de base de dados foram Google Acadêmico, Scielo e BvsPsi, sendo utilizadas as seguintes palavras-chave para pesquisa: “Gênero”, “Futebol Feminino”, “Jogadoras de Futebol no Maranhão”, “História do futebol feminino”, “Feminismo”, “História do esporte”, “História do Futebol Maranhense” e “Fenomenologia”. É importante ressaltar que o levantamento bibliográfico, embora seja a etapa inicial, permaneceu ao longo de toda a pesquisa, visando dialogar e ampliar a análise dos relatos das entrevistadas, uma vez que o tema é dinâmico em suas discussões.

A entrevista compõe a segunda etapa desse estudo. Optou-se, como instrumento de investigação, pela entrevista baseada no método fenomenológico, uma vez que o objetivo desta pesquisa é identificar os fenômenos que permeiam a escolha de mulheres pelo futebol como modalidade esportiva em São Luís, Maranhão. Esta, por sua vez, caracteriza-se por ser uma forma de acessar as experiências vividas através da relação dialógica, tendo por objetivo apreender as vivências subjetivas relativas à determinada situação/experiência através do relato espontâneo das vivências das pessoas (RANIERI; BARREIRA, 2010; SIMÕES; SOUZA, 1997).

Assim, nessa pesquisa, a entrevista se constituiu por uma parte destinada aos dados sociográficos, e outra composta por uma pergunta aberta disparadora: “Fale com riqueza de detalhes: como ocorreu a sua escolha pelo futebol?” (ver Apêndice B). A pergunta disparadora guia o processo da entrevista e se relaciona diretamente ao objetivo do estudo, mas isso não significa que ela seja a única questão a ser levantada. Devido à natureza aberta

do questionário, caso haja necessidade, o entrevistador pode utilizar-se de outras questões ao longo da entrevista, para esclarecimentos ou para elucidar possíveis pontos obscuros durante as narrativas.

O objetivo é alcançar um relato detalhado por parte do entrevistado de forma espontânea, possibilitando o acesso primeiro às experiências e percepções do sujeito. Sendo assim, há não somente a liberdade da manifestação deste tipo de conteúdo subjetivo na entrevista, mas, também, a própria intenção de que assim seja, para que se garanta o acesso fenomenológico pretendido (RANIERI; BARREIRA, 2010).

É importante salientar que a entrevista fenomenológica destina ao pesquisador um lugar de extrema importância no processo: ele deve ter uma audiência atenta e desinteressada<sup>49</sup>, sem direcionar as perguntas, para que, deste modo, a entrevista atinja os fins propostos.

Utilizando o método fenomenológico, as teorias e, *a priori*, relativas à pesquisa, são postos entre parênteses, para que o fenômeno possa, espontaneamente, surgir. As perguntas devem ser feitas a fim de elucidar momentos não compreendidos, nunca para direcionar a entrevista para fins pretendidos, sendo a sua contrapartida a fala espontânea das pessoas entrevistadas. Ao término das entrevistas, a transcrição foi realizada na íntegra e analisada à luz do método fenomenológico de Giorgi e Sousa (2010), que será descrito a seguir. Os resultados serão apresentados no capítulo “Mulheres em campo: uma análise fenomenológica”.

#### 4.1 Participantes

Tendo em vista o objetivo principal desse estudo, o público-alvo escolhido foi o composto de mulheres que jogam futebol de campo<sup>50</sup> nos times de futebol de São Luís, capital do Maranhão. Observou-se, inicialmente, que muitas das jogadoras locais praticavam simultaneamente as modalidades futebol de campo e de salão.

---

<sup>49</sup> Desinteressada a fim de não procurar nos relatos os pontos *a priori*, nem de fazer perguntas visando direcionar a entrevista para os fins propostos, mas se mantendo aberta às narrativas trazidas pelas entrevistadas.

<sup>50</sup> Futebol é a denominação popularmente dada à modalidade praticada em campo, mas existem outras como a prática de lugares fechados ou em quadras esportivas, denominada de futebol de salão ou futsal. Atualmente o futebol é praticado em outros formatos e cenários como na areia (Futebol de areia ou *Beach soccer*), em pântanos (futebol de pântano), além da modalidade paraolímpica, sendo este dividido em duas versões: o futebol-de-cinco, para jogadores com deficiência visual, e futebol-de-sete, para jogadores com paralisia cerebral.

Nesse sentido, os critérios de inclusão compreenderam as mulheres que jogavam a modalidades de futebol de campo, em qualquer time da capital, com faixa etária acima dos 18 anos, independente da identidade de gênero. Foram excluídas as mulheres praticantes de outras modalidades esportivas além do futebol e menores de 18 anos.

Foram entrevistadas 11 jogadoras, pertencentes a 5 times, que serão aqui citadas pelas iniciais dos seus nomes, em conformidade com os critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 506/16 do Conselho Nacional de Saúde, como pode ser visto na Tabela 5. Estes times foram escolhidos devido, em grande parte, à disponibilidade das jogadoras em participar da pesquisa.

**Tabela 5** – Participantes e seus respectivos times

<b>NOME</b>	<b>TIME</b>
MVBM	Moto Club
KAP	
NMS	
SFCA	Boa Vontade
KFS	
ISM	
CAS	Paris Saint-Germain (PSG)
MCFM	
FGS	
AFA	Boa Esperança
APA	

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

As jogadoras pertencem tanto a times que se encontram inscritos junto à FMF, como é o caso do Sampaio Corrêa, Moto Club e Boa Vontade, quanto a times que não se encontram inscritos e que, por isso, são considerados amadores, como é o caso do Boa Esperança e PSG.

Destaca-se que foram encontradas muitas dificuldades para identificar os times de futebol feminino de São Luís, assim como as suas jogadoras. Um dos times realizava treinamento no núcleo de Educação Física da UFMA, e isso facilitou os contatos iniciais, que ocorreram por telefone, alguns fornecidos por pessoas da área da educação física, que conheciam treinadores, técnicos ou jogadoras dos times de futebol feminino. A partir destes contatos iniciais, as primeiras jogadoras foram encontradas e, através delas, as demais.

Segundo os dados da pesquisa (2017) existem, aproximadamente, vinte e quatro times formados e atuantes em São Luís<sup>51</sup>; contudo, devido a não inscrição junto à FMF, além do fato de que muitos destes times serem formados apenas para competir em campeonatos locais – sendo, *a posteriori*, desfeitos -, o contato com os mesmos foi bastante difícil.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, agendadas previamente com as jogadoras e realizadas em locais escolhidos pelas mesmas, de acordo com a sua disponibilidade. Não houve dificuldades em agendar os encontros por parte das jogadoras, a não ser pela conciliação dos horários em função de seus horários de trabalho.

Os relatos foram gravados mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>52</sup>, obedecendo aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 506/16 do Conselho Nacional de Saúde.

#### **4.2 Método Fenomenológico de Amedeo Giorgi**

Como dito anteriormente, a escolha metodológica se baseou na proposta fenomenológica de Amedeo Giorgi (GIORGI; SOUSA, 2010). Além disso, considera-se essa pesquisa de acordo com o modelo descritivo e qualitativo de estudo científico, que não desconsidera as características do pesquisador nem do pesquisado, uma vez que leva em consideração que ambos estão inseridos no mundo-da-vida, e entende que a pesquisa é um processo de construir um novo conhecimento, uma vez que neste percurso participam tanto as subjetividades do pesquisador quanto do sujeito-pesquisado (ANDRADE, 2007).

A flexibilidade no processo de condução é uma das características da pesquisa qualitativa. Assim, o percurso da pesquisa depende do contexto em que está inserida, sem esquecer que o pesquisador exerce influência sobre a situação da pesquisa e é por ela também influenciado (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 260).

Assim, dentro do escopo do modelo qualitativo, optou-se pelo método fenomenológico por entender ser o que melhor atende ao objetivo de compreender a experiência vivida, qual seja, a experiência das jogadoras de futebol de São Luís, Maranhão, quando se remetem à ação de jogar futebol. Vale lembrar que o método fenomenológico, proposto por Husserl, foi amplamente difundido e utilizado por diversos pensadores, como Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Jean Paul Sartre (1905-1980).

---

<sup>51</sup> Conforme citado no capítulo 3, “Brasil, o país do futebol? Desconstruções e reflexões”.

<sup>52</sup> Ver Apêndice C.

Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se a perspectiva empírica de Giorgi e Sousa (2010), em detrimento de outras perspectivas fenomenológicas<sup>53</sup>, também oriundas da Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), como a de Gomes (1997) e Petrelli (2004).

O método de Giorgi, cuja sua proposta é comumente descrita como fenomenologia empírica ou experimental, caracteriza-se pela sistematicidade desenvolvida para trabalhar com descrições de depoimentos, relatos e entrevistas relativas a uma determinada experiência vivida, sendo este o motivo de escolhê-lo para essa pesquisa.

Antes de adentrar propriamente na metodologia de Giorgi, algumas considerações são importantes sobre a Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), vez que serve de base à referida proposta metodológica.

Segundo a fenomenologia husserliana, o ser humano é um ser que conhece e está sempre apto a conhecer, por isso diz-se que a consciência é fundamentalmente intencional, isto é, voltada para o mundo, consciência de algo que é diferente dela mesma. A consciência se volta para fora de si mesma, visando o conhecimento através do contato com o mundo objetivo. Este conhecimento pode ocorrer tanto pelas vivências das coisas que se mostram, quanto pelas coisas mesmas, ou seja, os fenômenos. Deste modo, tem-se na fenomenologia um estudo das vivências intencionais enquanto fontes de conhecimento.

Se nas vivências temos as coisas que aparecem à consciência e, além disso, também as coisas simplesmente dadas, isso significa que há nas vivências dois polos intencionalmente ligados, correlacionados. [...] Trata-se de uma correlação indissociável entre a consciência e o objeto presente que acontece em nossas vivências (GOTO, 2008, p. 70).

No livro “A Ideia da Fenomenologia” (1986), Husserl apresenta, pela primeira vez, a noção da redução como parte intrínseca à construção do conhecimento. Contudo, com o desenvolvimento dos estudos sobre fenomenologia, Husserl incluiu vários elementos que possibilitaram o contato seguro e rigoroso com os fundamentos, entre os quais é possível citar a *epoché* e as reduções (eidética e fenomenológica/transcendental). Desse modo, a aplicação do método fenomenológico requer um rigor e uma atitude de desprendimento ao conhecimento apriorístico e abertura ao desconhecido.

---

<sup>53</sup> Além do Amedeo Giorgi, outros se dispuseram a criar métodos a partir da fenomenologia, como Sages e Szybek (2000), onde a redução é compreendida como a busca por intencionalidades em um relato experiencial, sendo a síntese dessas análises imprescindível por revelar as intencionalidades presentes nos depoimentos. Tem-se também a metodologia de Sells, Topor e Davidson (2004), na qual a narrativa (em primeira pessoa), gerada pela leitura dos relatos dos participantes possui o conteúdo identificado pelo próprio pesquisador enquanto significativo (DECASTRO; GOMES, 2011).

Assim, ir em direção ao fenômeno não pode ser executado sem o auxílio de algum recurso metodológico; em vistas disso, Husserl acrescentou ao retorno às coisas mesmas o que ele denominou de “momento negativo”, que seria um momento de retirada, de suspensão, de tudo aquilo que impede o indivíduo de ver as coisas mesmas (GOTO, 2008; SOUTO, 2014).

A este momento negativo, de acordo com Goto (2008), Husserl denominou de *epoché*, que significa, literalmente, “colocar entre parênteses” – as opiniões, teorias, e tudo o mais que venha a impedir que o fenômeno se mostre como ele realmente é. É importante ressaltar que a *epoché* não diz respeito a retirar permanentemente o conhecimento de todas as coisas<sup>54</sup>, mas suspende-lo momentaneamente, a fim de que as coisas possam encontrar espaço para se manifestarem de modo espontâneo e livre.

A *epoché* pode ser comparada ao movimento de tirar uma cortina para vislumbrar melhor a paisagem; ela é a abertura de possibilidades, para que todas as formas de conhecimento possíveis possam ser examinadas. Mas, para que estas possibilidades possam ser vislumbradas, é importante tirar de cena, momentaneamente, tudo o que possa interferir no vislumbre das coisas mesmas. Por isso, em muitos momentos a *epoché* é referida como um “colocar entre parênteses”.

O que se deve colocar entre parênteses? Na *epoché*, coloca-se entre parênteses a “atitude natural”, que “[...] é aquela atitude em que nós nos encontramos constantemente aí adiante, ou seja, uma posição natural que ocupamos diariamente em nossas crenças e ideias a partir do hábito acrítico” (GOTO, 2008, p. 76). É a *doxa*, a crença que não permite o questionamento do porquê das coisas, uma vez que coloca os fenômenos como verdadeiros, reais e óbvios. Nesse sentido, a atitude natural precisa estar em suspenso para que toda a teoria anterior dê lugar ao conhecimento radical, que é o fenômeno em ascensão (ALES BELLO, 2000; SOUTO, 2014).

Assim, o homem precisa afastar-se do mundo-da-vida (*Lebenswelt*), que é o solo prévio de toda a experiência, e no qual o homem vive em atitude natural, para assumir uma postura diferenciada diante do fenômeno em questão, para atingir, então, a atitude fenomenológica (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Nesta pesquisa, os procedimentos metodológicos se seguiram, desde o primeiro momento da pesquisa, quando a pesquisadora teve que colocar entre parênteses suas impressões apriorísticas sobre o tema, sua atitude natural em considerar hipóteses a serem

---

<sup>54</sup> As “coisas mesmas”, aquilo que se busca com o método fenomenológico de apreensão do conhecimento, isto é, alcançar o fenômeno puro.

confirmadas ou falseadas. Outro exemplo é a redução ocorrida também na escuta dos relatos, nos momentos de dúvida por parte da entrevistadora, que teve que deixar de lado suas concepções para dar espaço para ouvir a perspectiva das jogadoras sem julgamento ou interpretação prévia.

Quanto a isso, o próprio Husserl ensina que: “[...] precisamos deixar de tomar a verdade com referenciais e categorias hipostasiadas, como se as coisas fossem estruturadas naturalmente, dando a falsa ideia de que se pode conhecer a verdade para além de toda e qualquer aparição dos fenômenos” (FEIJOO, 2011, p. 30). Nesse sentido, a redução foi necessária para que as perguntas expressassem uma necessidade de esclarecimento dos relatos, e não uma tentativa de direcionamento dos relatos para fins de cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Contudo, é importante ressaltar que a *epoché* não exclui o conhecimento *a priori* em si, apenas “os coloca entre parênteses”, suspensos temporariamente, a fim de permitir alcançar o que restou dessa subtração para poder analisar de forma crítica o conhecimento.

Considerando os objetivos dessa pesquisa, diante de seu objeto ou fenômeno, a pesquisadora exercitou a *epoché* quando se dispôs a ouvir os relatos de suas entrevistadas em abertura para as novas possibilidades que surgiram a respeito da temática em questão: o futebol feminino. Ou seja, suspendeu-se o conhecimento ou experiência que possui diante do termo “preconceito”, por exemplo, para poder compreender como ou se as jogadoras identificam tal elemento na sua experiência com a prática esportiva em questão.

Nesse sentido, o método fenomenológico de Amedeo Giorgi foi escolhido para esta pesquisa por corresponder aos requisitos acadêmicos e científicos demandados para tal, além dos elementos já descritos acima.

Sobre Amedeo Giorgi (1931-), destaca-se que coordenou, na Duquesne University, Universidade em Pittsburgh, Pensilvânia, um grupo de pesquisas de orientação fenomenológica. Ao longo desse período, desenvolveu um método que possibilitasse o trabalho na abordagem fenomenológica e que oferecesse maior sistematização no que diz respeito à utilização do método fenomenológico (ANDRADE; HOLANDA, 2010; GOMES, 1997).

Em sua proposta, Giorgi operacionalizou o método fenomenológico em quatro passos (GIORGI; SOUSA, 2010):

1. O primeiro, denominado “Estabelecer o Sentido Geral”;
2. O segundo, denominado “Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado”;

3. O terceiro, denominado “Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico”;

4. O quarto, denominado “Determinação Geral de Significados Psicológicos”.

Assim, em um primeiro momento houve a audiência livre e desinteressada, por parte da entrevistadora e dos relatos trazidos pelas jogadoras de futebol. As entrevistas foram gravadas, a fim de permitir maior liberdade para a entrevistadora, de modo que esta pudesse dar atenção integral às jogadoras e aos seus relatos, fazendo perguntas quando necessário, nos moldes já descritos antes.

Após este momento, as entrevistas foram transcritas integralmente, para que fosse possível o seguimento dos passos metodológicos descritos acima. De posse das transcrições das entrevistas, foi realizada uma leitura geral do conjunto de cada depoimento, a fim de captar fenômenos gerais ali presentes, buscando dialogar com o objeto da pesquisa (passo 1). Lido o conjunto do texto, prosseguiu-se ao passo 2: uma releitura do conteúdo, a fim de possibilitar ao pesquisador a discriminação das unidades significativas, elementos específicos no relato de experiência que possibilitaram análise minuciosa e compreensiva em relação aos objetivos da pesquisa.

As unidades de significado não são escolhidas de forma aleatória; seu sentido precisa estar estritamente relacionado aos objetivos da pesquisa – neste caso, os fenômenos que permeiam a prática do futebol feminino em São Luís/Maranhão (DECASTRO; GOMES, 2011).

Findo este momento, iniciou-se o passo 3, que diz respeito à transcrição de cada unidade de significado em termos de compreensão psicológica. Neste momento, as expressões do senso comum, presentes nos relatos das participantes, foram mantidas ou alteradas para expressões semelhantes, visando clarificar e explicitar os fenômenos presentes nas narrativas das jogadoras, sobre suas vivências enquanto tal.

O quarto passo se compõe de uma síntese geral das unidades de significado, onde as análises são realizadas e apresentadas a seguir, no capítulo 5.

## 5 MULHERES EM CAMPO: análise das narrativas

Este capítulo tem por finalidade analisar a narrativa das jogadoras de futebol feminino da cidade de São Luís - MA, para compreender sobre a escolha por jogar futebol. Para isto, conforme citado anteriormente, esta pesquisa utilizou-se do método fenomenológico, a partir da proposta de Giorgi e Sousa (2010), para análise das vivências das jogadoras de futebol. Segundo essa perspectiva metodológica, o conteúdo vivido presente nos discursos adquire lugar central, em detrimento à quantidade de entrevistas realizadas, isto é, não se buscam proporções matemáticas para a generalização dos fenômenos, mas a compreensão das formas através das quais os fenômenos se apresentam: ouvir e compreender a história a partir da perspectiva de quem conta.

Deste modo, e respeitando os fundamentos do método fenomenológico, ressalta-se que os conteúdos teóricos apresentados previamente neste trabalho não constituem bases apriorísticas com objetivo de confirmar hipóteses, mas conhecimentos importantes no sentido de apresentar o universo de estudos existentes sobre o tema em questão, bem como base de articulações teóricas. Assim, seguem abaixo as análises das unidades de significado presentes nas narrativas das jogadoras.

### 5.1 As Unidades de Significado

Neste item serão apresentadas as sínteses dos relatos, conforme o quarto passo do método de Amedeo Giorgi (GIORGI; SOUSA, 2010). Vale lembrar que a entrevista consistiu em uma pergunta aberta e disparadora: “Diga com riqueza de detalhes: como ocorreu a sua escolha pelo futebol feminino?”. As entrevistas foram todas gravadas e transcritas, em seguida sintetizadas em algumas unidades de significado, como pode ser observado na Tabela 6 abaixo.

**Tabela 6** - Unidades de Significado e Participantes Correspondentes

Unidade de Significado	Participantes
1. Estímulo/Incentivo - Família	11
2. Incentivo/Respeito entre os amigos	3
3. Falta de estrutura e apoio institucional	4
4. Desconhecimento do potencial das jogadoras	2
5. Amor e paixão pelo futebol	9
6. Aceitação social do futebol feminino	1
7. Desvalorização do futebol feminino	4

8. Investimento Financeiro e Gênero	4
9. Prazer de jogar e competir	2
10. Falta de perspectiva no campo do futebol	6
11. Motivação para jogar	2
12. Futebol como um dom	4
13. Orientação Sexual e Estereótipos	5
14. Enfrentamento ao preconceito	4
15. Marta como modelo	2
16. Preconceito	5
17. Futebol como meio para outros fins	5
18. Violência física e injustiça	2
19. Exploração do futebol feminino	2

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

As análises das unidades de significado serão apresentadas a seguir, através de tópicos levando em consideração a afinidade e aproximações entre as análises. Neste processo, considerou-se que, por mais que as unidades sejam distintas e tenham sido analisadas em separado, muitos dos conteúdos trazidos se inter-relacionam, sendo, por isso, trazidos em conjunto em alguns tópicos, como pode ser visualizado na Tabela 7 abaixo. Além disso, é importante ressaltar que algumas unidades foram apresentadas por apenas uma jogadora, mas foram consideradas na análise, pois o critério quantitativo não se faz relevante nessa metodologia, e sim o qualitativo.

**Tabela 7** – Descrição dos tópicos e suas respectivas unidades de significado

<b>Tópico</b>	<b>Unidades de Significado</b>
Estímulo/Incentivo no início	1. Estímulo/Incentivo - Família
	2. Incentivo/Respeito entre os amigos
Falta de Estrutura e Apoio Institucional	3. Falta de estrutura e apoio institucional
	4. Desconhecimento do potencial das jogadoras
	6. Aceitação social do futebol feminino
	7. Desvalorização do futebol feminino
	8. Investimento Financeiro e Gênero
	15. Marta como modelo
Preconceito e violência	16. Preconceito
	18. Violência física e injustiça
Orientação Sexual e Estereótipos	13. Orientação Sexual e Estereótipos
	14. Enfrentamento ao preconceito
Futebol como um dom	12. Futebol como um dom
Benefícios da prática do futebol	17. Futebol como meio para outros fins
	11. Motivação para jogar
	10. Falta de perspectiva no campo do futebol
Amor pelo futebol	5. Amor e paixão pelo futebol
	9. Prazer de jogar e competir

**Fonte:** Dados da Pesquisa (2017).

### 5.1.1 Estímulo/Incentivo no início

Quando perguntadas “Fale com a maior riqueza de detalhes: como se deu a sua escolha pelo futebol?”, as onze entrevistadas se reportaram aos seus primeiros contatos com o futebol: geralmente, assistindo aos jogos de terceiros, elas começaram a gostar e a se interessar pela prática do futebol. Assim, o nome dado a essa unidade, Estímulo/Incentivo no início, foi abstraído dos relatos e traduzem situações nas quais as jogadoras sentiam-se impelidas a jogar por estímulo de alguém ou quando assistiam aos jogos. O incentivo, por sua vez, diz respeito ao apoio dado para que elas prosseguissem jogando. Nesse sentido, pais, mães, tios, primos e avós apareceram como personagens importantes nesse primeiro momento, o que pode ser observado nas falas que seguem.

Eu comecei através da minha mãe. Eu olhava ela jogando né? Aí eu comecei a gostar (MCFM).

[...] tem 25 anos, desde quando eu tinha 5 anos, acho que até menos, eu já ia pro jogo com meu pai, minha mãe, com a família. Minha família tem um time de campo, né? Que é da família e sempre tinha jogos, eu sempre acompanhava. Então, desde então eu já fui crescendo nisso (MVBM).

Algumas participantes relataram não se lembrar ao certo de como se iniciou o seu percurso no futebol feminino, mas identificam estímulos motivadores diante da prática do futebol.

[...] eu sempre gostei, sempre fui apaixonada por futebol... De verdade assim. Não teve ninguém assim, que me iniciou, eu olhava, gostava e... Desde pequena, gostava de assistir esporte, essas coisas [...] (NMS).

Bom, eu sempre gostei muito de esportes, mas o futebol, futsal em si foi o que sempre me atraiu desde criança, eu tenho uma intimidade muito grande com este esporte pela vivência, com os amigos, na rua, em casa (KAP).

Todas as entrevistadas relataram que receberam algum tipo de estímulo ou incentivo por parte da família.

Como lá em casa o sítio é grande, meu pai já tinha em mente fazer um campo. E nesse projeto dele ele fez o campo, aí foi que meu tio começou a me treinar. Começou a me botar para chutar coco seco na parede dizendo que era para eu ter o chute mais forte, aí desse momento eu fui criando paixão pelo futebol, porque ele também jogava bastante, aí ele foi me levando para os jogos dele, sendo que também eu não poderia jogar porque eu tinha cinco anos, aí aquilo ali, só de eu olhar ele jogar, de eu olhar ele jogando, me dava mais incentivo de... De estar ali naquele esporte (KFS).

Eu comecei a brincar com meus primos. Brincando, e tudo, minha avó sempre deixava, mas antes eu tinha que fazer o serviço de casa. “Ah, quando tu sair tu tem que fazer isso aqui”, aí eu pam, ia fazer, fazia e... aí eu tinha a escola de manhã, eu chegava da escola, fazia as coisas, e quatro horas ninguém me achava mais em casa, eu já tava jogando bola no campinho perto da casa da minha avó (FGS).

Além de observar que diversos membros da família participam desse momento inicial, quatro dentre as onze entrevistadas relataram ter sido estimuladas e/ou incentivadas pela figura materna – seja através de palavras de apoio, ou por assistir a mãe jogando futebol.

Ela tentou jogar, mas ela não conseguiu. Então ela passou mesmo a bola para mim nos campos, ela só vai me olhar jogar... Ela gosta, mas ela não pratica (ISM).

Aí eu fui, treinar, fui nos treinos, olhava ela (mãe) jogar, aí eu me apaixonei pelo futebol, aí eu comecei. Aí estou até hoje (MCFM/grifo da autora da pesquisa).

Minha mãe sempre me dizia: “Minha filha... é isso que tu gosta... não posso te impedir de fazer uma coisa que tu gosta, então vai lá, seja feliz!” e já assistiu também vários jogos... me dá maior força! (NMS).

Segundo os relatos algumas dessas mães que foram jogadoras de futebol ou que gostariam de ter jogado e não puderam continuar, mas os motivos não foram explicitados durante a entrevista e, como não eram objetivos da pesquisa, não foram investigados. Para as filhas, suas mães viram nelas a oportunidade de prosseguir com seu sonho. Tais relatos desconstróem generalizações que esse tipo de expectativa esteja presente nos homens, além de ilustrar que nem sempre o preconceito se origina do lado materno.

Além da família, três entrevistadas relataram que receberam incentivo também entre o seu grupo de amigos. Este incentivo se manifestava através de convites para jogar ao lado dos meninos, além do respeito e admiração que recebiam.

Muita influência assim dos meninos na rua né? Porque a gente via, sempre ficava faltando um para completar o time, aí “bora, vai para completar o time” [...] minha mãe me incentivava, os meninos também, e é como até hoje, eles sempre me incentivam (SFCA).

Aí assim, eu sempre tive o apoio dos meus amigos [...] Até porque quando os meninos iam jogar eles me convidavam. Diziam que preferiam botar eu no time do que botar outra mala (KFS).

Mas sempre respeitaram. E eu era a melhor da turma né? Então tinha que respeitar e tal. Mas normal (FGS).

Segundo as entrevistadas, este estímulo e incentivo foram fundamentais para que elas pudessem prosseguir e lidar com as dificuldades advindas da sua opção por jogar futebol. Observa-se que, além da família, os amigos também fazem parte desse grupo.

Os fenômenos encontrados corroboram com Vissoci et al. (2013), quando estes trazem a importância de propiciar ambientes de autonomia e suporte para as crianças, em especial para aquelas que se dedicam às práticas esportivas. Segundo os autores, há uma relação intrínseca entre a autonomia e o suporte, sendo a primeira conseguida através da segunda: os pais trabalham com seus filhos e filhas o suporte necessário para que estes possam fazer suas escolhas com independência (VISSOCI et al., 2013).

Ressalta-se ainda que, segundo Vissoci et al. (2013), uma carreira bem sucedida nos esportes demanda do/da atleta preparo físico e emocional, e este precisa ser trabalhado com seu par parental, através da motivação e incentivo, assim como de amor, suporte e controle emocional. Contudo, os fenômenos encontrados na presente pesquisa ampliam este horizonte, ao trazer a importância também dos amigos e pares neste processo, através da influência positiva, com ações de motivação, encorajamento e suporte afetivo.

### *5.1.2 Falta de Estrutura e Apoio Institucional*

Esta unidade inclui as jogadoras que trouxeram, em seus relatos, situações nas quais foram observadas as dificuldades relativas à falta de estrutura física e financeira para a prática do futebol, assim como a falta de apoio das instituições responsáveis pela organização do futebol, como a Federação Maranhense.

As jogadoras relataram diversas dificuldades em seu percurso como jogadoras de futebol feminino. Uma das maiores dificuldades diz respeito à falta de estrutura para a realização e participação nos campeonatos, assim como para a criação e manutenção dos times de futebol e a filiação na FMF – que, como dito anteriormente, abre a possibilidade para a participação em mais campeonatos de futebol feminino.

A gente para viajar para Imperatriz<sup>55</sup> a gente teve que tirar dinheiro do nosso bolso para ter essa viagem para a gente poder jogar lá (KFS).

A gente foi entrar no Maranhense, a gente gastou 400 reais de inscrição, arbitragem, e nós não temos nenhum patrocínio. Nosso patrocínio somos nós mesmas, que vai com garra, com raça, sem ninguém para nos ajudar (MCFM).

Algumas hipóteses foram levantadas na tentativa de justificar a falta de apoio para o futebol feminino. Uma delas é a que essa dificuldade de investimento para os times de futebol feminino advém do desconhecimento do potencial das jogadoras locais em detrimento

---

<sup>55</sup> Imperatriz é uma das cidades que compõem o Estado do Maranhão.

às jogadoras de outras cidades ou de outros estados. Duas jogadoras relatam que, devido a este desconhecimento, muitos talentos locais se perderam e vão continuar se perdendo, se esta postura não for mudada.

[...] a gente for lá para fora, para outros estados, a gente vai acabar que mostrando o nosso talento, e outros times grandes, olhando, e a gente poder ganhar com isso. [...] Aqui tem muita menina boa. Muita mesmo. Muita muito mesmo. A gente vê muito nesses campeonatos de bairro como esse aqui que está acontecendo (CAS).

[...] eles pouco sabem as jogadoras que tem. Aqui tem ótimas jogadoras, daqui de São Luís já foram duas, só uma que ainda está pra fora jogando, e a outra não foi porque está com problema no tornozelo. Ou seja, se eles viessem, os técnicos das seleções viessem pra cá para olhar, eles veriam que tem ótimas jogadoras [...] Ou eles mesmos pegam meninas de fora, de Imperatriz, sendo que aqui tem jogadoras com um bom potencial pra jogar, e eles não veem (MCFM).

Algumas entrevistadas chegaram, inclusive, a relatar situações de exploração de seu trabalho enquanto jogadoras de futebol: elas investiam seus próprios recursos, mas não recebiam o retorno por esse investimento.

Eu passei pelo Santos, mas aí eu não fiquei no Santos porque eles queriam mais era explorar os outros (KFS)

Eu passei pelo Vasco... Foi bom, eu tenho que dizer. A parte chata foi só o salário que a gente não recebia (FGS).

Outra consideração levantada pelas entrevistadas, para justificar a falta de estrutura e apoio, aparece na comparação com o futebol masculino. Nesse sentido, alguns relatos indicam a desvalorização profissional, uma vez que não só os times, mas os jogadores dos times masculinos recebem mais apoio para permanecerem jogando. As jogadoras identificam diferenças significativas envolvendo a questão de gênero, no que diz respeito ao investimento financeiro, onde os jogadores de futebol masculino são sempre melhor remunerados, além das jogadoras sofrerem com a discriminação por sua escolha esportiva, conforme pode ser visto abaixo.

Só pelo time masculino, que é reconhecido pelo nome Boa Vontade, porque pelo time feminino... não. Até porque o time masculino do Boa Vontade tem apoio, e a gente, o feminino, não temos (KFS).

Ta faltando isso. É... mais confiança entendeu? Em botar um campeonato, “ah, eu vou botar um campeonato”. Vejo tanto campeonato masculino, acho que assim, tipo assim, se cada campeonato masculino tivesse um feminino seria muito bacana, seria de igual pra igual. Eu acho que tá faltando essa igualdade (NMS).

Não tanto como agora, que a gente sofre mais. Até, por exemplo, para a gente conseguir patrocínio, “ah, eu não vou ajudar porque é só sapatão”... Nesses tom que

eles falam. “É só sapatão”, ‘não vou ajudar porque é só sapatão’, ‘não, eu prefiro ajudar um homem...’” (FGS).

Observa-se que, apesar das entrevistas para esta pesquisa terem sido realizadas no século XIX, a postura adotada por muitos, e trazida ao longo das narrativas, não destoa da adotada nos primórdios do futebol feminino, no início do século XX, quando se associava esta prática apenas ao universo masculino.

Apesar da falta de apoio e do preconceito, as entrevistadas demonstram uma postura determinada em buscar alternativas diversas para combater a desvalorização de sua prática, bem como o preconceito.

Sei lá, as pessoas também que organizam acho que tinha que se impor mesmo, até mesmo, a gente mesmo... a gente luta e tudo por campeonato, mas é como se fosse... se todo mundo não se juntar é uma luta em vão, entendeu?! Então, eu acho que se todo mundo se juntasse e corresse atrás mesmo, acho que aconteceria (NMS).

A gente faz rifa, faz sorteio, faz bingo, para poder arrecadar o dinheiro para a gente ir para as competições, para poder pagar as passagens das meninas que não tem. Porque até isso é um pouco difícil... assim, aquelas que ainda dependem dos pais, porque elas estudam. Aí a mãe já dá a passagem para ir para a escola, aí a gente ajuda. Para o pai que gosta dá para elas e ajuda elas. Aí através da rifa e do bingo que elas conseguem uma renda extra para poder ir (MCFM).

Se no início do século XX, as dificuldades eram de ordem legal. Devido ao Decreto-Lei nº. 3.199, atualmente as dificuldades são de outra ordem – preconceitos e estereótipos, que se interpõem no caminho das jogadoras de futebol feminino. Contudo, observa-se que, à maneira das primeiras jogadoras de futebol feminino do início do século XX, as jogadoras atuais também persistem e driblam, à sua maneira, as dificuldades que aparecem.

É importante ressaltar que, apesar das dificuldades encontradas atualmente, algumas das entrevistadas relataram que vêm percebendo uma mudança sutil na forma como a sociedade percebe o futebol feminino. Uma jogadora relatou, inclusive, que esta mudança vem acontecendo devido à nova determinação da Conmebol: a de que para cada time masculino deve existir um correspondente feminino.

Aí deu para perceber que eles estão dando mais valor, porque tão vendo que tá crescendo muito o número de jogadoras. Aí eu acho... Eu espero que continue assim, eles dando mais valor ao futebol feminino, porque tudo não é só o masculino, tem meninas boas de bola, a gente vê por aí por fora a Marta, todas elas levam a vida pelo futebol, e por que que a gente aqui não podemos ganhar também? (MCFM).

Pode parecer estranho, mas a jogadora Marta<sup>56</sup> apareceu em apenas dois relatos como uma referência no futebol feminino. Nascida em Dois Riachos, interior de Alagoas, em 1986, Marta Vieira da Silva foi descoberta aos 14 anos. Mudou para o Rio de Janeiro para treinar no Vasco. Em 2004, começou sua carreira internacional na Suécia e hoje é considerada a melhor jogadora do mundo, por ter ganhado o título de jogadora do ano da FIFA cinco vezes consecutivas, entre 2006 e 2010, e se tornou a maior goleadora com a camisa da seleção brasileira ao marcar 98 gols, superando no ano passado a marca de Pelé, de 95 gols.

A compreensão dos dois relatos, que identificam a Marta como um fenômeno, porém, não como um modelo, traz consigo o fato de que é possível ter algum tipo de retorno financeiro e de reconhecimento pelo trabalho realizado a partir do futebol feminino, mas as entrevistadas reconhecem que esse patamar é para poucas. Suas perspectivas com o futebol percorrem caminhos diversos, como será apresentado na unidade de significado Benefícios da Prática do Futebol.

### *5.1.3 Preconceito e violência*

Esta unidade de significado contempla as narrativas que fazem referência a alguma situação de preconceito e violência vivenciada direta ou indiretamente pelas jogadoras.

O preconceito e os estereótipos estão presentes no relato das jogadoras, tanto no âmbito familiar quanto em outros meios sociais, como a escola ou o bairro, e reconhecem o quanto isto as impediu de se aprimorar no futebol.

Por motivo da minha família eu não jogava, porque eles diziam que era mais coisa de homem do que de mulher. Então eu tive que enfrentar muitas coisas, porque a minha mãe não deixava, que ia me machucar, mas era o meu gosto (KFS).

Hoje eu vejo que, assim, eu perdi umas grandes oportunidades porque eu tive muito preconceito por conta da minha família que não me deu essa oportunidade (AFA).

Na escola, na rua, então alguns meninos falavam “ah, é macho-fêmea”, caracterizavam esse tipo de estereótipo: “macho-fêmea”, “ah, ela joga futebol ela é sapatão”, ou “não gosta de meninos”, ou “tem um jeito masculinizado”, então sempre jogavam isso no início (KAP).

Vizinhos que falam “isso é coisa de homem”, “a tua neta vai querer”... Porque eles sempre falam da parte da sexualidade da pessoa (AFA).

---

<sup>56</sup> Além disso, Marta é a maior goleadora em Copas do Mundo de futebol feminino, com 15 gols em quatro Copas (ÉPOCA, 2016, n. p.).

Uma das entrevistadas, inclusive, relatou situações de violência sofrida em casa devido à sua escolha pelo futebol feminino:

É porque meu pai dizia que lugar de menina não era jogando futebol, era mais para fazer as coisas em casa, e eu discordava dele. E nisso, de vez em quando eu pegava umas pisa para não estar ali no meio de homem e papai jogando bola, mas, assim, isso era só quando chegava em casa que ele fazia isso, mas quando ele tava, por exemplo, eu jogava... quando eu jogava o pessoal me elogiava né? aí ele se enchia e se gabava que era filha dele, mas quando chegava em casa não sabia o que acontecia, que pegava uma surra danada. Aí aquilo ali eu fui me afastando, me afastando, aí quando a minha tia viu que ele me deu uma surra muito grande, que eu fiquei toda roxa por causa disso, ela me levou para Brasília (KFS).

Apesar das situações sofridas com preconceito e violência, as jogadoras desenvolveram formas próprias para responder e enfrentar tais situações. Duas delas, ainda na adolescência, relataram que, para lidar o preconceito de seus responsáveis e poder ir jogar futebol, mentiam, e utilizavam a justificativa dos trabalhos escolares:

Assim, a minha avó era do tempo antigo, em que o futebol era visto só para os homens, e que mulher era só dentro de casa para cuidar de casa, e isso me prejudicou muito, porque eu queria ir para os treinos, ainda mentia dizendo que eu ia estudar, “fazer trabalho vovó”, sendo que ao invés de eu levar meus livros eu levava era a minha chuteira para ir treinar, entendeu? E isso eu vejo que eu me aprimorei. Que se não fosse por esse esforço de ter... eu sei que eu errei de ter mentido para ela, mas para mim foi um esforço para chegar aonde eu cheguei (AFA).

Agora mamãe nunca gostou... ela nunca quis, até hoje. Hoje ela já me libera e tal, porque ela já sabe que eu já to numa certa idade, eu já sei o que eu quero da minha vida e o que eu não quero, mas sempre ela não queria devido a algumas coisas que tem... tipo... questão de... sofre muito preconceito, e também medo de eu me machucar, e tudo mais, então ela pegava e não gostava, aí eu saía de casa, às vezes escondida e tudo mais, aí quando eu chegava em casa pegava um carão, e tal, mas aí eu ia fazer o que eu gostava entendeu? (APA).

Outras formas de enfrentamento ocorreram por meio de respostas padronizadas (que apareciam em todas as situações nas quais as jogadoras fossem interpeladas com comentários ou frases de cunho preconceituoso), além da própria escolha em jogar futebol, tornando-se uma forma de auxiliar outras meninas que estejam passando por situações semelhantes a vencer as dificuldades do preconceito no futebol.

[...] mas aí a gente jogando, a gente mostra que é diferente (NMS).

E preconceito... Eu, para mim, tanto faz. Às vezes a pessoa fala e eu saio sorrindo. Mando beijinho e digo “legal, vou ali jogar”. E saio. Eu não me estresso não. Ainda mais com gente que fala assim “ah, joga bola então é sapatão”, aí eu falo “ela joga bola e joga melhor do que tu. E aí?”. E pronto!(FGV).

[...] então eu sempre fui uma defensora e trabalhei também logo depois que eu entrei na faculdade para desmistificar tudo isso. Eu passei sempre para os meus alunos

uma visão totalmente diferente de modo que não pudesse haver esse preconceito (KAP).

#### *5.1.4 Orientação Sexual e Estereótipos*

A questão do gênero no futebol aparece não apenas pelas diferenças inerentes ao sexo, mas, também, pela via do preconceito social. Entre o futebol masculino e feminino, pode ser observado que quando se fala em futebol, para tratar do futebol feminino há a necessidade de ênfase no termo “feminino” – o que não ocorre em relação ao “masculino”, que não precisa de adjetivos. Basta falar de futebol para saber que se trata dos homens em campo.

Algumas jogadoras trouxeram suas próprias reflexões e questionamentos sobre os estereótipos relativos ao ser mulher e jogar futebol, como, por exemplo:

Então às vezes quando a gente passa o pessoal já fala “ah, já vai jogar? Essa aí é sapatão. Não tem como negar, joga bola”. Assim, às vezes até não é, mas “ah, joga bola? É sapatão”, e nem sempre é assim. Eu tenho uma amiga que é goleira, que jogava em Nova Iguaçu também, a gente conversa muito, ela é casada com um menino daqui... Ela mora no Pará e é casada com um menino daqui de São Luís. E eu falo para ela e ela... Aí ela anda com a gente e o pessoal diz “ah, todo mundo é sapatão”, ela fala assim “é, todo mundo é sapatão realmente. Eu fiz meu filho com o dedo” – desse jeito! Aí ela brinca com a gente, ela vive naquele meio mas não é. Eu convivo no futebol e tenho muitas amigas minhas que são casadas e tem filhos e tão ali vivendo a sua vida, jogando futebol. Porque eu falo, não é o futebol que leva a gente a ficar assim, não é o futebol que “ah”... Não é. Vai de ti, vai da pessoa, vai do caráter, vai do que a pessoa está sentindo, do sentimento que a pessoa sente. Eu acho assim (FGV).

Estas situações corroboram com as discussões trazidas no capítulo 3, no que diz respeito ao gênero e seus desdobramentos.

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim o que socialmente se constitui sobre os sexos (LOURO, 2014, p. 25).

Socialmente, o futebol foi e ainda é considerado um esporte masculino e que, por isso, as mulheres não podem participar, devido ao risco de perderem a sua feminilidade. Isso diz respeito mais às considerações relacionadas ao ser-mulher do que às vivências propriamente ditas delas. É importante ressaltar, que estas considerações sobre o sexo

feminino são baseadas em estereótipos, como, por exemplo, o fato de que à mulher só cabem papéis relacionados à maternidade e ao cuidado de outrem.

Embora o contexto histórico retrate essas questões no início do século XX, ainda é possível perceber essas referências no relato das jogadoras (quase um século depois), quando ouvem que a mulher que joga futebol é “Maria Macho”, “Sapatão”, entre outros. São construções históricas estereotipadas que revelam atitudes de uma sociedade preconceituosa que ainda restringe a liberdade das mulheres em suas escolhas esportivas. Apesar disso, as jogadoras apresentam formas peculiares de enfrentar essa realidade, demonstrando que o futebol feminino pode sim ser uma escolha das mulheres, independente, também, de sua orientação sexual.

Eu acho que o futebol feminino não influencia que a mulher vá mudar a sua sexualidade. Eu não acho. Hoje eu sou casada e tenho um filho e não mudou nada em mim. Eu sou feliz com o que eu sou e isso é o que eu gosto de fazer (AFA).

É importante ressaltar que o preconceito relacionado ao futebol não esteve presente no relato de todas as jogadoras. Além disso, as entrevistadas identificam aproximações e semelhanças entre o futebol feminino e o masculino. Para elas, ambos os gêneros são exigidos nos quesitos de esforço, dedicação, investimento financeiro, tempo treinamento, entre outros. Nem só as mulheres sofrem com preconceito, desrespeito e injustiça, e experienciam juntos a rivalidade e competitividade, os fracassos e vitórias.

Foi complicado... Pensa em como é fazer um teste com trinta pessoas que tu não conhece, e aí não toca a bola, aí não fica... Acho que é igual ao masculino né? Tem aquela rivalidade, mas não foi nada demais [...] (FGV).

As jogadoras se percebem tão capazes de jogar, competir e construir uma carreira sólida no futebol quanto os homens, mas lhes faltam o incentivo e reconhecimento.

### *5.1.5 Futebol como um dom*

A presente unidade de significado abarca as narrativas das jogadoras que acreditam que jogar futebol é algo nato, uma espécie de herança biológica, da qual apenas algumas são dotadas.

Quatro entrevistadas associaram a sua facilidade e destreza em campo a um possível dom, a algo que é inerente às suas vivências. Algo que “já nasceu com elas” - e que é

utilizado para justificar acontecimentos que, para elas, não possui uma explicação considerada plausível.

Nos relatos das jogadoras, o dom assume as duas formas descritas por Damo (2005): uma que pode ser associada à noção de talento, caracterizado como algo que é inerente ao indivíduo, mas que precisa ser desenvolvido. Na segunda forma, o dom se manifesta como dádiva, referindo-se a algo que lhes foi dado por herança ou de ordem inata. Esta qualidade natural distingue os afortunados, abençoados – em outras palavras, aqueles que nasceram com o dom (DAMO, 2005).

A questão da escolha, acho que se veio por algo que eu já nasci predisposta a jogar bola, por que eu sempre tive meio que, avançada essa questão... enquanto uns estavam aprendendo a chutar, eu já sabia chutar, então, acho que é um dom que eu fui... é, que eu fui melhorando com o tempo, é claro, com algumas pessoas que foram muito importantes pra isso (MVBM).

[...] aí quando a gente tem o dom a gente vai e acostuma a jogar e vai jogando” (SFCA).

O talento pode ser caracterizado enquanto uma característica que, além de inata, é rara e singular, e que distingue uma pessoa das demais em seu meio. Nesse sentido, quando as jogadoras trazem a noção de dom, elas estão elogiando a si mesmas, ainda que de forma indireta, ao se considerarem únicas, abençoadas e bem dotadas. Além disso, apresentam pouco conhecimento sobre a origem de suas habilidades, mas as aceitam como um bem precioso, como algo inerente ao corpo, “está no sangue”.

Na verdade é o futebol que escolhe a gente, não é a gente que escolhe o futebol (NMS).

Eu fiquei muito triste, eu chorei, eu pensei assim: ah, eu não sei mais jogar bola... Mas é assim, tá no sangue, então aquilo ali para mim passou acho que um tempinho assim, não chegou nem a um mês, aí eu voltei a jogar de novo. E mostrei (FGV).

Para Giglio, Morato e Almeida (2008), a noção de dom como dádiva traz consigo a herança genética que eleva as chances de haver outro jogador de futebol no futuro, caso já exista algum na família, não havendo a necessidade de ensinar a prática do futebol, uma vez que esta é considerada inata.

Apesar de as jogadoras trazerem o dom enquanto justificativa, faz-se interessante ressaltar que elas trazem também em seu discurso que ele, por si só, não gera craques, e que para isso é necessário ter outras características, como a perseverança e a vontade. Ou seja, não basta apenas ter a aptidão, é necessário treinar para que se aprimore, e para que a jogadora se torne ainda mais habilidosa em seu campo de atuação.

Nesta pesquisa, observou-se que muitas jogadoras possuíam pessoas próximas, sendo amigos ou familiares que jogavam futebol. Elas acompanharam jogos e tiveram a oportunidade de praticar, assim como de participar do meio do futebol desde muito cedo. Observa-se, então, que as habilidades inatas, aqui denominadas enquanto dom, confundem-se com as habilidades adquiridas, uma vez que as habilidades destas jogadoras foram provavelmente apreendidas a partir do meio no qual elas estavam inseridas, aperfeiçoando-se a partir da prática recorrente do mesmo.

Os dados encontrados corroboram com Giglio, Morato e Almeida (2008, p. 77), quando estes afirmam que o brasileiro não nasceu com um “gene futebolístico”, mas que estas habilidades são apreendidas devido às vivências e experiências dos jogadores e jogadoras (DAMO, 2005).

#### *5.1.6 Benefícios da prática do futebol*

Apesar de todas estas dificuldades, o que ainda mantém estas jogadoras em campo? Esta unidade apresenta as narrativas nas jogadoras que garantem que há benefícios na prática do futebol feminino, e estes, em grande parte, não são de ordem material.

Nenhuma das jogadoras afirmou receber incentivos de ordem financeira que sejam advindos da prática do futebol: ao contrário, elas demonstraram clareza diante das dificuldades em se tornarem outras “Martas” e da impossibilidade de viver do futebol, para elas é uma realidade distante, ao menos financeiramente. Prova disso é que todas elas possuem uma ocupação além do futebol: trabalham, estudam ou conciliam as duas atividades. Muitas jogadoras permanecem jogando e sentem-se recompensadas com o futebol, como através de bolsas de estudos, viagens, novas experiências de vida.

A gente tem que ser bem realista, o futebol feminino não paga o que a gente pretende, o que muitas meninas sonham, então, eu vejo como o caminho mais difícil. Por que ele pode ser até dado momento um caminho “ah, é um caminho muito bom”, e aí, o que fica depois disso? Sempre digo, se você escolheu isso, pegue isso de alguma maneira como algo que possa te ajudar (MVBM).

[...]

Com doze anos eu já fui pra uma outra escola com bolsa de estudo, então já era o compromisso, porque o que pagava meus estudos era a bola que eu jogava. Passei um ano e meio numa escola, a escola me tirou no meio do ano, pra eu poder disputar a competição [...] Depois disso eu fui pro Dom Bosco também, ganhando bolsa, e aí estudei lá, acho que todo o resto da minha fase de... de escola, até terminar. Não mudei mais de escola, falta de oportunidade não, mas por que acho que eu cheguei no ápice. Pra mim ali foi, foi o ápice, não tinha por que ir pra outra escola. Então, terminei meus estudos também numa escola boa, através do esporte (MVBM).

O que eu ganhei foi muito aprendizado mesmo, porque o esforço da gente é o que vale. Eu sei que eu não fui para longe, não tive a oportunidade de ir para outro lugar, mas o que eu ganhei foi aprendizado. Ganhei muito aprendizado. Hoje eu tô levando comigo (AFA).

Eu já viajei pro Rio, Pará, Imperatriz, Viana, Cururupu, Bacuri, Axixá, Brasília, São Paulo, e etc. (KFS).

O incentivo financeiro não é descartado, mas, também, não é colocado em primeiro plano pelas jogadoras. A aprendizagem e o crescimento, bem como o espírito competitivo e a esperança de serem descobertas em seus talentos, são motivadores que fazem com que as jogadoras permaneçam em campo:

Aí isso aqui já é um incentivo... É pequeno, às vezes a premiação não é muito, mas para a gente é um incentivo porque a gente gosta do que a gente faz, apesar de muitas pessoas terem outra profissão e tudo, mas no final de semana todo mundo tá (CAS).

Às vezes, como no Maranhense, os técnicos do brasileiro vêm aqui olhar os times que estão pela final. Ou seja, ele leva algumas jogadoras para a seleção. Não eu, mas as meninas que tão nova, que tem potencial, que elas possam ir, que eles olhem para elas, porque elas tem muito potencial. Que esse pessoal de fora possa olhar para elas, que elas possam crescer no futebol que é o que elas gostam (MCFM).

Apesar de não receberem um retorno financeiro desejado, o prazer em jogar está sempre presente. Elas afirmam que amam o que fazem, pois isto lhes dá prazer. Elas são, em suas palavras, apaixonadas pelo futebol. Este amor pelo futebol faz com que as jogadoras continuem se mantendo em campo, apesar de todas as dificuldades, preconceitos e demais situações contraditórias vivenciadas ao longo do seu percurso – como será explicitado no tópico que segue.

### *5.1.7 Amor pelo futebol*

Este tópico abarca os relatos das jogadoras que afirmam que, apesar das dificuldades encontradas, são apaixonadas pelo futebol.

Eu sempre fui muito apaixonada, é o que sempre me motiva, é o que me envolve até hoje ainda, apesar das dificuldades e dos desafios, do trabalho, dos estudos, da faculdade, mas eu sempre tento de alguma forma me envolver ainda com o futebol, que é o que me liberta, me dá a sensação de prazer (KAP).

O futebol, para elas, se iguala a outras atividades que, para a maioria das pessoas, são consideradas como prazerosas, como se observa nos relatos que seguem:

Me fazia muito bem e outra coisa, já que.. aí com o tempo na adolescência, já que eu não saía muito, eu preferia mais praticar esporte do que sair, ir para um show... Sair para um show, pra essas outras coisas que a pessoa se diverte, beber, essas coisas, então eu preferia mais sempre jogar, praticar esporte, eu sempre gostei (CAS).

E tem que gostar muito de futebol. Eu amo muito o futebol! Se fosse para escolher entre namorar e jogar futebol, eu escolheria jogar futebol. Eu prefiro futebol. Eu amo jogar bola (MCFM).

É possível perceber que o futebol, para as jogadoras, é aquilo que as auxilia a perceber a sua existência enquanto justificada. É aquilo que as motiva e as impede de desistir. Em outras palavras, o futebol é um sentido para estas jogadoras (FRANKL, 2011).

Assim, eu amo esporte e o que eu puder fazer pelo PSG, que é o meu time que eu jogo eu faço, porque tem muita menina nova que não trabalha, ou seja, a gente tem um gasto. A gente foi entrar no Maranhense, a gente gastou 400 reais de inscrição, arbitragem, e nós não temos nenhum patrocínio. Nosso patrocínio somos nós mesmas, que vai com garra, com raça, sem ninguém para nos ajudar (MCFM).

Para as jogadoras, o amor pelo esporte é o maior motivador para que elas possam continuar em campo, mesmo com as dificuldades encontradas pelo caminho.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como enfoque central identificar os sentidos presentes na escolha do futebol feminino pelas jogadoras de São Luís, Maranhão. Para isso, utilizou-se o método fenomenológico de Giorgi e Sousa (2010), baseado na fenomenologia de Edmund Husserl, a fim de analisar os relatos advindos das entrevistas realizadas com as mesmas.

Além da Fenomenologia, foram utilizados outros embasamentos teóricos com a finalidade de auxiliar na compreensão do fenômeno em questão. Deste modo, utilizou-se fundamentação teórica referente às discussões sobre a situação da mulher na sociedade, assim como para compreender o lugar da mulher e do gênero no esporte, além da própria história do Esporte e do Futebol. Nesse sentido, foi possível fazer um resgate histórico tanto das discussões sobre gênero quanto dos esportes, com ênfase especial ao futebol – e, dentro deste escopo, do futebol praticado por mulheres.

A partir dos relatos das jogadoras, foi possível apreender diversas unidades de significado - e, através destas, um pouco da história do futebol feminino em São Luís - MA, assim como algumas situações relativas à sua própria vivência enquanto jogadoras de futebol.

Contudo, não foi só isso. Quando perguntadas “Fale com a maior riqueza de detalhes: ocorreu a sua escolha pelo futebol?”, as onze entrevistadas se reportaram aos seus primeiros contatos com o futebol e, nestas narrativas, compartilharam as suas vivências que não se resumem ao preconceito por serem mulheres, mas vão muito além: perpassam as lutas vivenciadas no passado e no presente - suas dificuldades relativas à falta de investimento e de estrutura para garantir uma prática digna, assim como os estereótipos e preconceitos enfrentados ao longo do caminho.

Mas, também, trouxeram em seus relatos seus sonhos e perspectivas para o futuro no futebol: que elas possam ser reconhecidas, e que o futebol feminino possa ter um *status* diferenciado perante a sociedade. Em suas visões realistas, não se veem como uma futura “Marta”, mas identificam benefícios advindos da prática e como o futebol pode ser ferramenta de enfrentamento para o preconceito contra as mulheres que escolhem essa modalidade.

Trouxeram, também, elementos que dão indícios dos motivos subjacentes à permanência das jogadoras em campo, apesar das dificuldades encontradas: o prazer em estar em campo jogando futebol foi citado por muitas delas - muitas vezes, inclusive, preferindo esta prática a outras atividades que são classificadas como prazerosas por outras pessoas, tais como namorar ou sair com os amigos –, além do sonho de transformar o caminho menos árduo, não por elas próprias, mas para as outras jogadoras que estão iniciando o seu percurso.

É possível dimensionar, então, o lugar de importância e destaque que o futebol ocupa na vida destas mulheres.

Ressalta-se, ainda, a presença da figura materna enquanto incentivadora direta ou indireta da prática das atividades relacionadas ao futebol - seja assistindo as mães como jogadoras, seja através do incentivo e motivação recebido por elas. Este dado se faz relevante por ter aparecido em relatos de várias entrevistadas, mostrando que não se trata de um fenômeno isolado, e contrapondo-se, também, à crença social estereotipada de que o futebol é uma área de interesse apenas de homens.

Um observador desavisado pode ficar com a impressão de que jogar futebol é apenas um caminho árduo e impossível, mas estas mulheres dizem algo mais: vislumbram possibilidades reais de superação e constroem um caminho de enfrentamento, mas regado pelo amor e prazer pelo futebol. Elas plantam e colhem flores em meio ao caminho das pedras.

Considera-se, por fim, que os objetivos propostos nessa pesquisa foram alcançados, apesar das dificuldades de encontrar alguns dados sobre o futebol feminino no Maranhão, mas esse fato ilustra, mais uma vez, os resultados a respeito da desvalorização e falta de reconhecimento que as mulheres enfrentam no futebol. Espera-se ter contribuído com o meio científico e acadêmico, além de incentivar que outros estudos possam ser realizados na área do futebol feminino maranhense, no sentido de favorecer mudanças na realidade do futebol feminino de modo geral.

## REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. **A Fenomenologia do Ser Humano**: traços de uma filosofia do feminino. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- ALMEIDA, C. Mulheres estão em apenas 37% dos cargos de chefia nas empresas. **O Globo**, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-estao-em-apenas-37-dos-cargos-de-chefia-nas-empresas-21013908#ixzz4pga26yVestest>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- ANDRADE, C. C. **A Vivência do Cliente no Processo Psicoterapêutico**: um estudo fenomenológico na Gestalt-terapia. 2007. 281 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.
- ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, abr./jun. 2010.
- ANDRADE, M. M. de. O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica. In: XXVI Simpósio Nacional de História 1. São Paulo. **Anais**, São Paulo: Associação Nacional de História, 2011.
- ARAÚJO, M. F. Diferença e Igualdade nas Relações de Gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- ARRUDA, J. J. A.; PILETTI, N. **Toda a História**: História geral e história do Brasil. São Paulo: Ática, 1994.
- ASTARITA, P. E. **Incentivos e Dificuldades Vivenciados por Atletas do Futsal Feminino Universitário**. 2009. 32 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. v. 1 e 2. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLOS, A. **Futebol**: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BONFIM, A.; MORAES, C. Mulher no Futebol: no campo e nas arquibancadas. In: STEFANO, D.; MENDONÇA, L. (Orgs.). **Direitos Humanos no Brasil 2016**: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2016.
- BORGES, M. de L. Gênero e Desejo: a inteligência estraga a mulher? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, set. – dez. 2005, p. 667-677.
- BOTELHO, A. R. M. Da Geral à Tribuna, da Redação ao Espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos. (Orgs.) **Memória Social dos Esportes**: Futebol e política, a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p. 313-335.

BRANCO, P. C. C. Diálogo entre Análise de Conteúdo e Método Fenomenológico Empírico: percursos históricos e metodológicos. **Revista de Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 189-197, jul./dez. 2014.

**BRASIL RUGBY**. 2017. Disponível em: <<https://ww2.brasilrugby.com.br/pages/regras-do-rugby>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Turismo e Desporto. Participação das mulheres no esporte [recurso eletrônico]. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 64 p. – (Série comissões em ação ; n. 12).

\_\_\_\_\_. Cidadania e justiça - Mais de mil relatos de violência física contra a mulher foram registrados no Carnaval. **Portal Brasil**, 2017a. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/mais-de-mil-relatos-de-violencia-fisica-contra-a-mulher-foram-registrados-no-carnaval>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. ECONOMIA E EMPREGO - Mulheres ganham espaço no mercado de trabalho. **Portal Brasil**, 2017b. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

BUTLER, J. P. **Gender Trouble: Feminism and the subversion os identity**. Nova York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. Corpos Que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAPITANIO, A. M. Autopercepções de Desigualdades de Atletas Mulheres. **Revista Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 70-83, abr./jun. 2010.

CAPRARO, A. M. A breve história do esporte: dialogando com Norbert Elias e Eric Hobsbawm. In: GAETNER, G. (Org.). **Psicologia e Ciências do Esporte**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 15-25.

CARLOTO, C. M. O Conceito de Gênero e a Sua Importância para a Análise das Relações Sociais. In: CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS. **Serviço Social em Revista**. Londrina: Ed. UEL, 2001. p. 201-214.

CARVALHO, C. A. **Para Além do Tempo Regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil**. 2012. 239 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social). Centro de Educação e Humanidades. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, C. A. **Terra, Grama e Paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930)**. São Luís/ MA: Café e Letras, 2009. Coleção Café Acadêmico.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 2. Ed. Série Pensamento Moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE**. Boxe Olímpico. Conquistas. [2016?]. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/sitenovo/ConquistasBoxeOlimpico>>. Acesso em: 28 out. 2016.

**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ**. CBJ – Brasil. Olímpico. [2016?]. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/olimpico/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

CONMEBOL. **Estatuto**, 2015. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/pt-br/estatuto>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Reglamento de Licencias de Clubes de La Conmebol**. Confederación Sudamericana de Fútbol, 2016.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Imprensa Oficial: Governo do Estado de São Paulo, 2015.

CORTEZ, J. A. A. Modalidades Esportivas Coletivas: O Futebol. In: ROSE JUNIOR, D. de. (Org.) **Modalidades Esportivas Coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 128-137.

CULTURA DE MARANHENSE, 2014. Disponível em: <<http://culturademaranhense.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

DAMASCENO, P. C. L. Casos e (des)casos: práticas de recolhimento e confinamento de alienados em São Luís (1870 – 1900). In: SILVA, T. R. R.; FERREIRA, M. M. G.; DAMASCENO, P. C. L. (Orgs.) **Diálogos Monográficos – Histórias do Maranhão: do Oitocentos ao tempo presente**. São Luís: Editora UEMA, 2016. p. 99-120

DAMO, A. S. **Do Dom à Profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005. 435f.

DAVIES, N. Plano Nacional de Educação: muito discurso, nenhum recurso. **Universidade e Sociedade**, v. 9, n. 25, dezembro/2001. p. 29-39.

DECASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Aplicações do Método Fenomenológico à Pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.28, n.2, abril/ junho 2011. p. 153-161,

DEL PRIORI, M. **Conversas e Histórias de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

DUARTE, C. L. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: século XIX**: Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

EPOCA. **Marta** - Jogadora de futebol eleita a melhor do mundo cinco vezes, Marta lidera a seleção brasileira na busca por seu primeiro ouro. 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2016/07/marta.html>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

ESPNW. Rio-2016 deve ter maior porcentagem de mulheres na história da Olimpíada; trajetória começou com apenas 2,2%. **EspnW**, 2016. Disponível em: <<http://espnw.espn.uol.com.br/rio-2016-deve-ter-maior-porcentagem-de-mulheres-na-historia-da-olimpiada-trajetoria-comecou-com-apenas-22/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

ESPORTE IG. **LGBT**: Olimpíada do Rio se consolida como os “Jogos da diversidade”. 2016. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-08-16/lgbt-olimpiadas-rio-2016-diversidade.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

**ESTADÃO**. Olimpíada do Rio se consolida como os ‘Jogos da diversidade’. 2016. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,olimpiada-do-rio-se-consolida-como-os-jogos-da-diversidade,10000069778>>. Acesso em: 28 out. 2016.

FEIJOO, A. M. L. C. de. **A existência para além do sujeito**: a crise da subjetividade e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. 1. Ed. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita, 2011.

FERREIRA, A. de O. **FUTEBOL, TECNOLOGIA E APRENDIZAGEM**: corpo, performance e criatividade. Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – USP. São Paulo, 2010. 133p. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/18056/1/Almir%20de%20Oliveira%20Ferreira.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

FERREIRA, M. M. (Org.). **Gênero, Política e Poder**: participação das mulheres nos espaços de poder no Norte e Nordeste brasileiro. São Luís: EDUFMA, 2012.

FERREIRA, M. M. G.; DAMASCENO, P. C. L. Espaço, Higiene, Ordem e Lazer da São Luís da Virada do Século XX. In: SILVA, T. R. R.; FERREIRA, M. M. G.; DAMASCENO, P. C. L. (Orgs.) **Diálogos Monográficos – Histórias do Maranhão**: do Oitocentos ao tempo presente. São Luís: Editora UEMA, 2016. p. 89-98.

FINE, C. **Homens Não São de Marte, Mulheres Não São de Vênus**: como a nossa mente, a sociedade e o neurosexismo criam a diferença entre os sexos. São Paulo: Cultrix, 2012.

FRANKL, V. E. **A Vontade de Sentido**: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

\_\_\_\_\_. Em posição de impedimento: as mulheres no país do futebol. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia>>. Acesso em 30 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. A Futura Paixão Nacional: chega o futebol. IN: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. de (Orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 107-131.

FUTEBOL MARANHENSE ANTIGO. **Blog**. 2016. Disponível em: <<http://futebolmaranhenseantigo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

GAZETA ESPORTIVA. **Conmebol obriga clubes a ter equipe feminina para jogar a Libertadores**, 2016. Disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/libertadores-da-america/conmebol-obriga-clubes-a-ter-equipe-feminina-para-jogar-a-libertadores/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GIGLIO, S. S.; MORATO, M. P.; ALMEIDA, J. J. G. O Dom de Jogar Bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 67-84, jul./dez. 2008.

GIORGI, A.; SOUSA, D. A. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GLOBO ESPORTE. **Copa Batom de futebol chega a 28ª edição; oito times brigam pela taça**. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pi/noticia/2016/07/na-28-edicao-copa-batom-de-futebol-feminino-reune-oito-clubes.html>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

GOELLNER, S. V. **Bela, Maternal e Feminina**: imagens da mulher na revista educação physica. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003a.

\_\_\_\_\_. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b. p. 28-40.

\_\_\_\_\_. Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

\_\_\_\_\_. Mulher e Esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

\_\_\_\_\_. “As Mulheres Fortes São Aquelas Que Fazem Uma Raça Forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recorde Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Imagens da Mulher no Esporte. In: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, p. 269-292, 2009.

GÓIS JUNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. A Educação Física e Concepções Higienistas sobre Raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Portugal, v. 3, 2005.

GOMES, W. B. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 2, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

GOTO, T. A. **Introdução à Psicologia Fenomenológica**: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008.

GUEDES, C. A Presença Feminina no Futebol Brasileiro. IN: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos. (Orgs.) **Memória Social dos Esportes**: Futebol e política, a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p.281-284.

HIDAKA, M. K.; SEGUI, A. de C. Associação Cristão de Moços no Brasil – ACM. 2006. In: DA COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p. 65-76.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e Para Uma Filosofia Fenomenológica**: introdução à fenomenologia pura. 5. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. Coleção Subjetividade Contemporânea.

ISKANDAR, J. I.; LEAL, M. R. Sobre o positivismo e Educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n. 7, p. 89-94, set./dez. 2002.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre Identidade de Gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, 2012.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELOS, E. G. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: **Mulher e Esporte**: mitos e verdades. SIMÕES, A. C. (org). Barueri: Manole, 2003. p. 165-175.

KOMETANI, Pâmela. Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos, diz pesquisa. **Portal G1**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LEAL, J. C. **Futebol**: Arte e Ofício. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

LIMA, E. M. dos S. **Honradas Famílias**: poder e política no Maranhão do século XIX (1821-1823). 2009. 139 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LOMBA, Gabriele. Rio 2016. Uma Olimpíada mais feminina: 15 atletas que derrubaram barreiras. **GE – Globo Esporte**. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/uma-olimpiada-mais-feminina-15-atletas-que-derrubaram-barreiras.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LOURO, G. L. Sexualidades Contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. In: UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. (Orgs) **Construções da Sexualidade**: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004. p. 203-212.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org) **O Corpo Educado**: pedagogias da Sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 07-34

\_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MACEDO, M. O. B. **Mulheres Brasileiras**: do 1º voto às conquistas atuais. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

MAGALHÃES, S. L. F. Memória, Futebol e Mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense. **Revista de História de Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-39, 2008.

MARTINS, M. **História do Futebol Maranhense**. São Luís, MA: Coleção Memória do Esporte Maranhense, 2013.

MELO, V. A. de. Garrincha X Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 281-95, out./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Mulheres em Movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

MISSAGGIA, J. **Por Uma Fenomenologia Encarnada**: corpo e intersubjetividade em Husserl. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

MULIER. **Mulheres batem recorde de participação e na conquista de medalhas nas Olimpíadas 2012**, 2013. Disponível em: <<http://jornalmulier.com.br/mulheres-batem-recorde-de-participacao-e-na-conquista-de-medalhas-nas-olimpiadas-2012/>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

O TEMPO. **Olimpíadas do Rio se consolidam como os ‘Jogos da diversidade’**. 2016. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/hotsites/olimp%C3%ADadas-2016/olimp%C3%ADadas-do-rio-se-consolidam-como-os-jogos-da-diversidade-1.1356400>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

**OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. #Rio2016**: Mulheres no esporte, uma trajetória de preconceito, 2016. Disponível em: <<http://observatorioracialfutebol.com.br/rio2016-mulheres-no-esporte-uma-trajetoria-de-preconceito/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

PAECHTER, C. **Meninos e Meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Trad. Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAES, J. P. L. O sufrágio e o voto no Brasil: direito ou obrigação? **Revista Eletrônica da Escola Judiciária Eleitoral**, v. 4, n. 4, 2013.

PARKER, R. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.125-150.

PEREIRA, A. B. **A Construção Social do Tipo “Jogador de Futebol Profissional”**: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes. 2008. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

PETRELLI, R. **Fenomenologia**: teoria, método e prática. Goiânia: UCG, 2004.

PISCITELLI, A. Ambivalência Sobre os Conceitos de Sexo e Gênero na Produção de Algumas Teóricas Feministas. In: AGUIAR, N. (Org). **Gênero e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1997, p. 49-66.

PODEROSAS E VENCEDORAS: mulheres representam quase metade dos participantes da Olimpíada. **Notícias do Dia**, uma cidade inteira de informação, 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/esportes/poderosas-e-vencedoras-mulheres-representam-quase-metade-dos-participantes-da-olimpiada>>. Acesso em: 28 out. 2016.

PORTAL MÍDIA ESPORTE. **Futebol feminino dá mais audiência que masculino na Olimpíada, diz Ibope**. 2016. Disponível em: <<http://www.portalmidiaesporte.com/2016/08/futebol-feminino-da-mais-audiencia-que.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A Entrevista Fenomenológica. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4. 2010, Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro, Pesquisa Qualitativa: rigor em questão, **Anais**, São Paulo : [s.n.], 2010.

REIS, N. C. G. dos; LIMA, R. R.; GOMES, S. D. Espaço Urbano como Aspecto Constituinte da Política de Esporte e Lazer em São Luís-MA. In: ARAUJO, S. M. de; VIANA, R. N. A. (Orgs). **Esporte e Lazer na Cidade de São Luís-MA**: elementos para a construção de uma política pública. São Luís: EDUFMA, 2008, p. 95-106.

RODRIGUES, A. et al. **Psicologia Social**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, jan./mar. 2010. p. 55-68.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SAMPAIO CORREA FC. **O Sampaio Corrêa saiu da série C e ascendeu para a série B no Campeonato Brasileiro de 2013**. Disponível em: <<http://www.sampaiocorreafc.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SANTOS, Bárbara Ferreira. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **Exame**, 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SANTOS, J. M. C. M.; DRUMOND, M. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Tempo**, V. 17, n. 34, 2013. p. 19-31.

SILVA, A. L. Entre Lamarck e Mendel: olhares eugênicos sobre a educação física brasileira. In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Orgs) **Garimpendo Memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2007, p. 63-74.

SILVA, F. C. T. da. Futebol: Uma paixão Coletiva. In: IN: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos. (Orgs.) **Memória Social dos Esportes**: Futebol e política, a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p.15 – 32.

SIMÕES, S. M. F.; SOUZA, I. E. de O. Um Caminhar na Aproximação da Entrevista Fenomenológica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 13-17, 1997.

SOUSA, M. M. de.; CURY, V. E. Significando o Vivido na Maturidade: um estudo fenomenológico. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2, 2004, Bauru/São Paulo. **Anais**, São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos, 2004.

SOUSA, S. M. N. **Mulheres em Movimento**: memórias da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980. São Luís: EDUFMA, 2007.

SOUSA, W. E. B. de. Cinema e Cidade: reflexões sobre as primeiras exibições em São Luís (1897-1910). In: SILVA, T. R. R.; FERREIRA, M. M. G.; DAMASCENO, P. C. L. (Orgs.) **Diálogos Monográficos – Histórias do Maranhão**: do Oitocentos ao tempo presente. São Luís: Editora UEMA, 2016.

SOUTO, A. A. **O Conceito de Subjetividade em A Ideia da Fenomenologia**. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2014.

SOUZA, D. A. de. **O Brasil Entra em Campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947). São Paulo: Annablume, 2008.

STANCIK, M. A. Os Jecas do Literato e do Cinema: movimento eugênico, higienismo e racismo na primeira república. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v.13, n.1, p.45-62, jun. 2005.

VAZ, L. G. D. Futebol no Maranhão, 1905 – 1917. In: DA COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006, p. 20-25.

VIANA, A. E. dos S. Futebol: Das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**, Campinas, v.6, ed. especial, p.640 – 648, jul. 2008.

VISSOCI, J. R. N.; et al. do. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 1, 145-156. São Paulo, SP, jan.-abr. 2013.

VON MÜHLEN, J. C.; GOELLNER, S. V. Jogos de Gênero em Pequim 2008: Representações de feminilidade e masculinidades (re) produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, jan./mar. 2012.

WITTIG, M. No se Nace Mujer. 1981. In: WITTIG, M. **El Pensamiento Heterosexual y Otros Ensayos**. Trad. Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006. p. 21-29

\_\_\_\_\_. La Categoría de Sexo. 1982. In: WITTIG, M. **El Pensamiento Heterosexual y Otros Ensayos**. Trad. Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006. p. 31-43

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**: edição comentada do clássico feminista. Trad. Ivania Pocinho Motta. 1. Ed. São Paulo: Bontempo, 2016.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - Tabela sobre alguns termos ingleses utilizados no futebol**

<b>NOME</b>	<b>SIGNIFICADO</b>
<i>Foot-ball</i>	“pé-bola”, futebol
<i>Match</i>	Jogo, partida
<i>Field</i>	Campo
<i>Ground</i>	Campo, estádio
<i>Player</i>	Jogador, atleta
<i>Foot-baller</i>	Jogador, futebolista
<i>Sportman</i>	Esportista, praticante/incentivador do esporte
<i>Team</i>	Time, partido
<i>Goal</i>	Gol
<i>Goal-keeper</i>	Goleiro
<i>Full-back</i>	Jogador de retaguarda, zagueiro
<i>Center-half</i>	Centro-médio, meio campista
<i>Forward</i>	Jogador de retaguarda, avançado, atacante
<i>Referee</i>	Árbitro, juiz de campo
<i>Linesman</i>	Juiz de linha, bandeirinha
<i>Half-time</i>	Cada metade de tempo do jogo
<i>Off-side</i>	Impedimento
<i>Shoot</i>	Chute, tiro
<i>Kick-off</i>	Saída de bola
<i>Foul</i>	Falta
<i>Penalty-kick</i>	Penalidade
<i>Corner</i>	Tiro de canto, escanteio
<i>Captain</i>	Capitão
<i>Score</i>	Placar
<i>Training</i>	Treino
<i>Eleven</i>	Onze, onzena, time completo
<i>Scratch</i>	Seleção, selecionado, combinado
<i>Fair-play</i>	Jogo limpo, espírito esportivo

**Fonte:** Adaptado de Carvalho (2009).

**APÊNDICE B** – Entrevista semiestruturada Modelo de questionário-base para a entrevista**1 Dados Sociográficos**

- Iniciais do nome: \_\_\_\_\_ Apelido: \_\_\_\_\_
- Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_
- Cidade/estado de nascimento: \_\_\_\_\_
- Estado civil: \_\_\_\_\_
- Escolaridade:
  - ( ) Fundamental incompleto
  - ( ) Fundamental completo
  - ( ) Médio incompleto
  - ( ) Médio completo
  - ( ) Superior incompleto Graduação: \_\_\_\_\_
  - ( ) Superior completo Graduação: \_\_\_\_\_
- Ocupação atual: \_\_\_\_\_
- Há quanto tempo joga futebol?
  - ( ) Meses
  - ( ) Anos
- Qual clube /time? \_\_\_\_\_

**2 Entrevista:**

- Fale com a maior riqueza de detalhes: ocorreu a sua escolha pelo futebol?

**APÊNDICE C** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como disposto na Resolução nº  
510/16

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa “Mulheres em campo: um olhar fenomenológico sobre a escolha do futebol pelas jogadoras em São Luís do Maranhão”, pertencente ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFMA que tem por objetivo principal identificar os fenômenos que permeiam a escolha de mulheres pelo futebol como modalidade esportiva. Esta pesquisa consistirá na coleta de informações fornecidas por meio de uma entrevista presencial semiestruturada, analisada a partir do método fenomenológico.

O benefício que esse trabalho poderá trazer para você não é direto e imediato, mas os resultados alcançados podem contribuir para conhecer mais sobre o cenário do futebol feminino maranhense, ao trazer informações importantes sobre os fenômenos que permeiam a escolha pelo futebol por parte das mulheres, refletindo sobre mitos e estereótipos inseridos nesta prática.

A pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes, entretanto, caso você se sinta desconfortável ou incomodado (a) com o conteúdo das perguntas, poderá interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou penalidade. Pela participação nesse estudo não será recebido qualquer valor em dinheiro.

É garantido o sigilo do seu nome e das informações pessoais coletadas, sendo que os resultados finais poderão ser apresentados na forma de trabalho de conclusão de curso, artigos científicos, apresentações em congressos e em outras modalidades acadêmicas.

Para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, a pesquisadora responsável coloca-se à disposição: Bruna Pires pelo contato (98) 983153492 ou e-mail [s.brunapires@gmail.com](mailto:s.brunapires@gmail.com). Em caso de dúvidas sobre questões éticas relativas à pesquisa, você poderá entrar em contato com Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEP) (98)3272-1250 ou e-mail [cep@huufma.br](mailto:cep@huufma.br), localizado na Av. dos Portugueses, 1966 – Bacanga, CEP 65080-805 São Luís-MA.

Caso você concorde em colaborar, deverá assinar e rubricar as duas vias deste documento. Uma delas ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Pesquisador  
Bruna Soares Pires – (98)983153492

---

Assinatura do Orientador

Orientadora: Cristianne Almeida Carvalho – (98)991146966